Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 717
Março 1985
Segunda-feira

25

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitteira Santos**

Diz Silva Marques (PSD)

Cabe agora aos socialistas mudar de Primeiro-Ministro

Silva Marques, dirigente do PSD, disse hoje à ANOP que, se o Governo «não tomar no imediato medidas minimamente positivas, não poderá continuar a ter o apoio do PSD, o qual deve abandonar a coligação».

O dirigente social-democrata respondia assim ao comunicado divulgado domingo à noite pela Comissão Nacional do Partido Socialista, documento que considerou «uma peça lastimável».

«Os dois principais responsáveis da acção governativa são o primeiro-ministro e o vice-primeiro-ministro. O PSD já mudou o vice-primeiro-ministro, cabe agora ao PS mudar o primeiro-ministro» – disse Silva Marques.

O PSD multiplicou, durante o fim-de-semana, declarações tensas que acentuam o mal-estar no seio da coligação, e o PS, por seu turno, através da sua Comissão Nacional, considera que o PSD não pode usufruir ao mesmo tempo dos benefícios de ser poder e das vantagens da oposição.

Págs. 5 e 20

Cem polícias na peugada de quatro evadidos da prisão de Bragança

Pág. 9

Acusada de pertencer às FP-25 'libertou-se' da Cadeia da Mónicas

As autoridades policiais continuam sem encontrar quaisquer pistas que conduzam à recaptura de uma reclusa da Cadeia das Mónicas, arrolada no âmbito do processo das FP-25, que se evadiu na manhã de sábado, com o auxílio de dois homens que aguardavam no exterior da prisão. Maria Suzete Gonçalves Ribeiro, de 30 anos, foi obrigada a descer de um altura de 15 metros, mas a alguns metros do chão a «corda» de lençóis partiu-se e ela estatelou-se. Acabaria por ser transportada ao colo de um dos homens.

Pág. 9

Reivindicada a morte de industrial na FIL

Pág. 8

Lopes fenómeno: fuga para a vitória

Se mais houvera, mais vencera: Carlos Lopes, ouro olímpico em Montreal e Los Angeles, conquistou pela terceira vez o título mundial de crosse, desta feita no Jamor, onde Ramalho Eanes o abraçou, afirmando «creio que o País está de parabens, não apenas pelo comportamento do nosso campeão mas pelo brio de todos os colegas e pelo modo como recebemos embaixadores desportivos de 52 países». Carlos Lopes, que afirmava estar em baixo de forma, ganhou, como e quando quis, aquela que considerava «a corrida que não podia perder no ano da minha despedida». Um fenómeno, aos 38 anos.

Págs. 13 e 14

Isabel II chega esta tarde

Segurança reforçada na visita da rainha

A segurança da rainha Isabel II de Inglaterra foi reforçada, após o atentado registado no sábado à noite na Feira Internacional de Lisboa, referem nas suas edições de hoje os jornais britânicos «Times» e «Daily Telegraph». Isabel II chegou esta tarde à base aérea do Montijo, tendo-se dirigido para Setúbal onde, desde ontem de manhã, se encontra o príncipe Filipe, a bordo o iate real «Britannia». Amanhã, escoltada por três navios da Armada portuguesa, a comitiva real iniciará a sua visita oficial de quatro dias, estando prevista a chegada junto à Torre de Belém para as 10 horas e 45 minutos.

Pág. 4

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA E SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B E R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Os recursos humanos: uma riqueza inexplorada

O texto que a seguir publicamos, da autorida dos engenheiros J. Caldeira Rodrigues e A. Portela Santos, será apresentado, em forma de comunicação, no Congresso de Engenheiros promovido pela respectiva Ordem, a decorrer em Coimbra, desde hoje até ao próximo dia 29.

J. Caldeira Rodrigues e A. Portela Santos (*)

Embora a engenharia tenha como objecto o manejo da matéria, o sujeito que a exerce e o objectivo último a que se destina são o homem.

O Congresso da Ordem dos Engenheiros, de 1985, aponta para a discussão do papel social do engenheiro, ainda frequentemente incompreendido e até contestado por pessoas de alta responsabilidade política e social. Infelizmente pretende-se, por vezes, limitar os horizontes do engenheiro ao simples manejo da matéria, realmente já muito complexo, negando-se-lhe a visão de outros objectivos. Está na moda, por exemplo, acusar o engenheiro do desastre ecológico dos nossos tempos, quando não se chega a culpá-lo de todos os malefícios da civilização industrial, negando-lhe competência para estudar a resolução dos problemas sociais e ambientais que daí advêm.

Não ocultamos os malefícios, não nos furtamos às responsabilidades do engenheiro e não só dele, mas afirmemos também que não é desprezando a técnica mas aplicando-a subordinada a princípios com o amplo consenso de todos, que tais problemas se resolvem.

Tomando o exemplo da ecologia, digamos que ela não é uma ciência transcendente, inatingível para o engenheiro, que o obrigue a uma subordinação sistemática a outra classe profissional, exclusiva possuidora de tal ciência. Digamos mesmo que o engenheiro não é apenas criador e transformador da paisagem, mas sim de estruturas e riquezas num processo de revolução ecológica do nosso universo e também de revolução nas relações humanas, na vida social. Sem querer iludir as múltiplas motivações desta revolução, tantas vezes pouco éticas e mesmo inconfessáveis, reconheçamos todavia que a causa última é a satisfação das necessidades humanas, o que é o mesmo que dizê-la inspirada no humanismo. Afirma-se frequentemente entre intelectuais, que a técnica é um saber utilitário, desumanizando quem o pratica, o que não é verdade, realmente, ainda que haja casos de engenheiros algo desumanizados por uma prática estreita da sua profissão.

Presidindo a toda a actividade de engenharia, e acima da ecologia, está pois o humanismo, que compreende também a defesa e a melhoria do ambiente. Porque não negamos a responsabilidade social do engenheiro, mas também não a sua racionalidade e a sua ética, afirmemos pois que a engenharia deve ser e é normalmente praticada com humanismo, logo com sentido ecológico. O engenheiro é um homem culto, não sabe apenas engenharia, o que não exclui na sua actividade o concurso de outras especialidades.

Em suma, retomando a afirmação inicial: o sujeito e o objectivo da engenharia são o homem, com todas as suas virtudes e perversões, e assim o engenheiro não pode deixar de pensar no homem, e daqui deriva ser pertinente tratarmos agora dos recursos humanos.

Os recursos humanos na actividade de engenharia

Nesta comunicação aponta-se para a problemática dos recursos humanos, isto é, considera-se o homem na sua qualidade de sujeito, e não como um objectivo na engenharia.

Ao tratar dos recursos humanos não podemos limitar a análise aos engenheiros porque a problemática dos recursos humanos exige uma visão comum e global de todas as categorias profissionais, ainda que a nossa formação (e deformação) profissional se torne sensível e inevitável nesta comunicação.

Uma outra prevenção há que fazer: ao tratar-se o aspecto utilitário dos recursos humanos, há que ter sempre presente que o homem no trabalho também se valoriza e até pode encontrar satisfação pessoal, e não deve ser encarado apenas como um recurso. No fim, desenvolveremos mais esta prevenção.

Não é fácil sintetizar a problemática dos recursos humanos, porque está naturalmente condicionada pelo tipo de enquadramento do pessoal (empresa grande ou pequena, profissão liberal, serviço público) e pela natureza do trabalho: investigação, projecto, planeamento executivo (obras, indústria, administração, etc.).

Por outro lado, é oportuno insistir que, por mais humanista que seja o engenheiro, não se dispensa, para exaustivamente tratar dos recursos humanos, o concurso do sociólogo, do economista, do pedagogo, do jurista, do médico, do ecologista, do antropólogo, etc. Esta comunicação, sendo apenas de engenheiros, é inevitavelmente limitada. De uma leitura da bibliografia sobre gestão de recursos humanos e de alguma reflexão sobre a matéria, alinham-se sinteticamente algumas conclusões, começando por, esquematicamente, distinguir os problemas dos recursos humanos na óptica da empresa ou do serviço onde os trabalhadores se agrupam, e os problemas desses recursos num óptica da sociedade, numa visão macroeconómica ou sociológica (esquema dualista simplificador, porque a empresa e o serviço só se apreendem inseridos na sociedade, e a sociedade não se compreende sem a análise das suas células que são, entre outras, as empresas).

Os recursos humanos são um factor decisivo, quer na existência e modernização da empresa, quer na estratégia de desenvolvimentos da sociedade. Vamos abordar sumariamente alguns dos problemas que afectam os recursos humanos nas duas perspectivas esquemáticas anunciadas.

Na óptica da empresa ou do serviço

Dos múltiplos factores que condicionam o aproveitamento dos recursos humanos salientamos:

1.1 – As necessidades, em rápida evolução, da estrutura e da organização da empresa e do serviço criam múltiplos problemas no enquadramento do pessoal e na sua adequação aos objectivos da produção. A evolução dos meios de produção, as novas tecnologias, a revolução da informática constituem exigências de enquadramento, reestruturação e reorganização dos trabalhadores (verifica-se, mesmo ao nível das empresas, uma percentagem decrescente dos trabalhadores directamente ligados à produção), com reflexos na estratégia de recrutamento, na reclassificação e promoções, redifinação de carreiras profissionais, revelando por vezes graves carências. Há que encontrar os homens para a organização adequada, mas também há que adaptar a organização para os homens disponíveis.

A título de exemplo, citamos a actual carência quer de técnicos de sólida cultura universitária, quer de técnicos de formação intermédia. Ressalta aqui o grave problema de formação, que adiante será referido, e repetidamente.

1.2 – O grave problema de formação profissional também pode ser encarado no interior da empresa e do serviço, fomentando-se cursos de preparação e aperfeiçoamento profissional, e paralelamente acções de investigação e inovação de novos métodos de trabalho. Uma empresa urbana, e que acompanhe a modernização exigida pela revolução tecnológica, não pode deixar de fazer um grande esforço de aperfeiçoamento dos recursos humanos, sob pena de perder a rentabilidade e o seu futuro.

1.3 – O ambiente de trabalho, físico e psíquico, o clima saudável, a protecção contra a fadiga — são factores que muito condicionam os recursos humanos. Daqui deriva a necessidade de se criar um bom ambiente, nos centros de trabalhos. O pior é quando, alcançado um bom ambiente no trabalho, persistem fora dele os graves desajustamentos na habitação, nos transportes, em toda a vida exterior.

1.4 – Outro condicionamento com profundas reflexões é a ocupação de tempos livres, dentro e fora da empresa, por falta de trabalho ou nas horas de descanso. Fora da empresa será função das condições sociais, mas dentro da empresa é obrigação desta encontrar meios para solucionar a desocupação, com a reconversão de actividades, com trabalhos temporários, com acções de formação, etc.

1.5 – Finalmente, queremos referir as motivações para o trabalho: a justa remuneração, a adesão de todos ao duplo objectivo da empresa (oferecer uma mais-valia à sociedade e distribuir os benefícios pelos que nela trabalham), uma gestão participada e informada, os estímulos para a melhoria, a inovação e gosto pela pesquisa (prémios, promoções, sentido de responsabilidade, etc.), enfim, a sensibilização dos trabalhadores e a sua satisfação no cumprimento das suas tarefas. Trata-se de uma revolução nas relações humanas nos centros de trabalho, que muito se apregoa como necessária mas que pouco ainda se pratica.

Na óptica da sociedade

Temos presente a teia de relações indivíduo-sociedade: por um lado, a socialização crescente da organização do trabalho quer nos agrupamentos de trabalhadores especializados complementares em grandes unidades de produção, estas também crescentemente especializadas, quer na interdependência nas relações sociais impostas pela troca dos bens produzidos em diferentes sectores, regiões, países; por outro lado, a existência também crescente de organismos sociais responsáveis pelo apoio aos recursos humanos. Citamos os problemas que nos merecem maior referência:

2.1 – À semelhança do que se passa na empresa ou no serviço, também na óptica da sociedade são factores essenciais a sua organização e a sua estrutura. Não tendo cabimento nesta comunicação discutir a transformação da sociedade, apontemos apenas a influência exercida nos recuros humanos pelas formas sociais em que se ocupam e se enquadram os indivíduos, as empresas, os serviços. Este breve apontamento pode ser ponto de partida para largas reflexões, quer para simples ajustamentos da sociedade em que vivemos, mais imediatamente viáveis, quer para transformações sociais do maior alcance. São temas para reflexão:

Será rentável o actual sistema de distribuição dos empregos por administração pública, sector empresarial do Estado, empresas privadas, profissão liberal e artesanato? A actividade produtiva estará racionalmente distribuída a estes diferentes sectores? Sobreposições de trabalho e concorrências processam-se de forma correcta e útil? E fora dos empregos remunerados, que ocupações úteis e criativas se proporcionam na utilização e valorização dos recursos humanos?

Ajustar as adequadas complementaridades entre estas múltiplas actividades para um racional aproveitamento dos recursos humanos, em vez do desperdício que actualmente se verifica com concorrências e sobreposições, é objectivo ambicioso e complexo. Mais complexo se torna, quando temos presente a necessidade da transformação estrutural das ocupações profissionais, com vista a atribuir aos portugueses um papel mais valorizado na repartição internacional das produções. Estamos hoje relegados para produções menos rentáveis na troca internacional, entre outras razões por falta de qualificação dos recursos humanos.

A mudança das estruturas sociais, que urge encarar, deve pois ser reconhecida como causa e efeito do estado dos recuros humanos, havendo que actuar simultaneamente em muitas frentes numa interacção fecunda.

2.2 – Deixamos apenas um breve apontamento sobre o complexíssimo problema da Formação em que a exigência de cultura é cada vez maior quanto mais imperiosa é também a formação especializada, na simples visão macro-económica do Emprego.

À partida é a Escola, nos seus vários graus de ensino e na orientação profissional que inicia (muito haveria que dizer sobre a distorcida selecção que a juventude sofre).

Depois, põe-se o problema da formação permanente, sobre cuja responsabilidade já atrás se referiu relativamente à empresa e ao serviço. Mas a maior responsabilidade cabe ao Estado que entretanto não esgota os meios que a sociedade oferece. Muitas entidades privadas participam no processo de formação permanente (cultura geral e especializações). A este propósito, não se pode deixar de denunciar a proliferação de cursos privados de duvidosa competência, e não se pode deixar de reclamar o papel dinamizador dos centros oficiais e o subsídio oficial às iniciativas privadas idóneas. Refira-se também o necessário estabelecimento de um plano oficial de formação coerente com um plano integrado de desenvolvimento tecnológico do País, isto é, uma formação especializada orientada para a renovação tecnológica do País, não esquecendo o processo de importações e exportações de tecnologias que importa dinamizar, num fluxo de relações internacionais, cooperantes e criativas.

2.3 – Em seguimento à Formação, muitas vezes acoplada a ela nos mesmos institutos, vem a Investigação, investigação pura e inovação tecnológica, em centros oficiais ou privados, coordenada e subsidiada, e orientada no sentido do mesmo plano integrado de desenvolvimento tecnológico do País.

2.4 – A importação tecnológica é um tema muito controvertido, e varia com as conjunturas históricas. Teoricamente é vantajoso que a humaninade avance para a troca internacional, com especializações regionais, fomentando a riqueza dos povos mas também a sua interdependência. Na actual conjuntura em que as relações de troca são quase sempre altamente desvantajosas para os países menos desenvolvidos, e numa ameaça de crise internacional, temos que adoptar uma adequada política de defesa nacional, e, em matéria de recursos humanos, fazer um esforço para aprender e substituir o que importamos e pôr um travão a importar o que já sabemos fazer, antes que entremos na CEE. Este é um urgente imperativo da Engenharia Portuguesa, e deste Congresso deveria sair voto e apelo nesse sentido.

2.5 — Paralelamente, a exportação também merece que apelemos para uma política de expansão, remando contra a redução das trocas internacionais que nós próprios, acima, em aparente paradoxo, admitimos, e apesar da ameaça de um colapso do sistema monetário mundial. Neste esforço de expansão, colocamos, por motivos óbvios, os mercados de língua portuguesa em África. Na política de exportação, tal como na de importação, tem havido muita negligência em matéria de protecção do «engineering» nacional, esquecendo o efeito multiplicativo de outras trocas de bens e serviços, além do prestígio e receitas próprias do «engineering».

2.6 — A conjuntura económica de recessão em que vivemos, com situações de desemprego e de abaixamento dos salários reais, constituiu um escandaloso desaproveitamento dos recursos humanos. E de perigosa projecção no futuro quando deixa os jovens recém-formados na ociosidade ou na insegurança. Não é ocasião para apontar soluções, mas aqui fica esta nota acusatória e de apelo às responsabilidades para pôr termo a este desastre relativamente aos recursos humanos (mesmo que razões mais imperiosas de justiça e de dignidade não o exigissem).

Para não nos alongarmos, não trataremos outros aspectos dos recursos humanos, mas não fiquem sem uma referência o turismo e a emigração, dois processos sociais na actual realidade portuguesa com projecção no aproveitamento daqueles recursos: o turismo gerando ocupações sazonais, oportunistas e servis com perniciosos efeitos sociais e distorções nas estruturas; a emigração, fenómeno complexo na sua motivação e nas suas consequências que, podendo até por vezes ser resposta a carências sociais no país de origem ou no de residência do emigrante, não parece ser satisfatório na actual conjuntura portuguesa (mais parece ser um desaproveitamento dos recursos humanos nacionais, a que sucede, não obstante um relativamente alto nível de salários, uma humilhante exploração no estrangeiro, a que se segue ainda, não poucas vezes, um retorno de desadaptados ao solo pátrio).

Neste breve enunciado de acções na óptica global da sociedade, ressalta à primeira vista como principal responsável o Estado através dos seus múltiplos mecanismos legais e institucionais e numa função dinamizadora de toda a sociedade.

Não se pode porém menosprezar a importância decisiva, ao mais alto nível, da atitude das variadíssimas forças sociais exteriores ao Estado: sindicatos, associações culturais, organizações religiosas, órgãos de Comunicação Social, as próprias empresas às quais já imputámos atrás responsabilidades a outro nível, e os episódicos congressos e outras manifestações sociais. Sobretudo, há que salientar a responsabilidade do cidadão porque, ao fim e ao cabo, é da sua inteligência, da sua cultura, da sua solidariedade humana e do seu real grau de participação na vida social que depende a eficácia de todas aquelas forças e do próprio Estado, cuja protecção paternalista não devemos esperar.

Uma conclusão final

A maior riqueza das coisas advém do valor acrescentado pelo trabalho, logo advém dos recursos humanos. Por isso, pode dizer-se com toda a propriedade que os recursos humanos são a maior riqueza à superfície da Terra, a maior parte sob a forma de património herdado das gerações que nos antecederam.

Demonstra-se, como temos vindo a fazer, que muito longe se está do aproveitamento pleno dos recursos humanos. A causa última do desaproveitamento está nos próprios recursos, pois é evidente o ciclo vicioso: o aproveitamento de recursos humanos depende essencialmente dos recursos humanos.

Como sair do ciclo vicioso? Apelando para as energias humanas por explorar, diremos mesmo ocultas e contidas por interesses inconfessados.

Comecemos por acusar a expressão «recursos humanos» de castradora portanto dá uma imagem de que o homem é instrumento tal como os outros recursos materiais (hídricos, minerais e de outras matérias-primas, recursos financeiros, infra-estruturas, etc.). Com efeito, cada homem é vulgarmente, em quase todas as suas acções, comandado por outro homem ou por rotinas pré-estabelecidas, numa tendência natural de o primeiro obedecer e o segundo fazer-se obedecer. Realmente, a expressão «recursos humanos» reflecte esta imperfeição da sociedade: os homens instrumentalizados por um superior para quem se podem transferir as responsabilidades. Ora, a libertação essencial a fim de explorar a riqueza dos recursos humanos é dar consciência e ensinar todos a mandar, necessariamente em cooperação, desde o administrador ao «servente» (esta outra palavra que traduz bem o estrangulamento dos recursos humanos, ou «servir» é dignificante e então seremos todos serventes).

Só com todos a pensar e participar no aproveitamento dos recursos humanos é que libertaremos a energia imensa, por explorar, neles contida.

(*) Engenheiros Civis da COBA, Consultores para Obras, Barragens e Planeamento, SARL

A dignida e o conte

Helena Cidade Moura

Formou-se um grupo de solidariedade com os operários sem salário ou com o salário em atraso. O problema que neste momento nos ocupa é saber se esse grupo será apenas capaz de chamar a atenção da opinião pública para o problema em si ou se para além disso ele irá contribuir para alertar a consciência colectiva do peso significativo que este facto tem na alteração do contexto social e cultural.

O pensamento social vive das inter-relações e dos valores que estas vão gerando, a situação criada muito mais do que uma situação de injustiça é um rasgão no tecido social de consequências imprevisíveis.

Porque o pensamento do operário é autónomo, globalizante e concreto, muito dificilmente ele se aplicará a retirar ideias abstractas de condições reais. Um operário explica: «quando digo alguma coisa, eu vivo-a...» «A classe operária não discute os problemas como situações ideais, antes os escalpeliza denuncia-lhes os truques e procura os objectivos e consequências das soluções possíveis.»

Um outro operário explica: «a liberdade para o operário é a segurança no emprego, poder dirigir-se ao trabalho todos os dias, constituir a sua casa, tratar do seu jardim, criar os seus filhos» e diz mais «da segurança no emprego, passa-se à do salário, à da segurança dos seus próprios projectos, à da liberdade, à do trabalho, à da confiança, à da dignidade».

O operário retira dos factos, as ideias. O discursivo das frases ocas de conteúdo e soltas da realidade, que é hoje a linguagem do Governo dá-lhe a impressão de não só estar a ser enganado como ainda que o seu próprio pensamento está a ser forçado a desviar-se da linha que é sua.

Os investigadores que se têm dedicado ao enorme sector social formado pelos operários, o esforço da sua investigação tem chegado, na Europa da CEE, a considerações cujo peso social tem de ser, para sobrevivência da própria sociedade, criterio-

Agricultu inovar e p

Blasco Hugo Fernandes

A agricultura socialista húngara ocupa lugar de relevo na economia do país não só pelos resultados que tem obtido em termos produtivos e económicos, como também pelas formas inovadoras que tem demonstrado ser capaz de introduzir para a sua melhor adaptação às condições concretas do sector. Tais inovações situaram-se em dois níveis – no campo da planificação e no da intensificação da produção agro-pecuária.

Inicialmente a economia socialista húngara determinava-se por um plano central definidor, no que concerne à agricultura, das quantidades a produzir e de outras normas que as explorações agrícolas – cooperativas e de Estado – tinham de respeitar. Reconheceu-se em dada altura que este sistema de planificação dirigida não tivera a eficácia que à partida se lhe atribuíra, nem respondera cabalmente às solicitações quantitativas e qualitativas da sociedade húngara. Esta foi uma das razões por que na década de 60 se lançaram as bases de uma reforma econó-

A dignidade operária e o contexto social

Helena Cidade Moura

Formou-se um grupo de solidariedade com os operários sem salário ou com o salário em atraso. O problema que neste momento nos ocupa é saber se esse grupo será apenas capaz de chamar a atenção da opinião pública para o problema em si ou se para além disso ele irá contribuir para alertar a consciência colectiva do peso significativo que este facto tem na alteração do contexto social e cultural.

O pensamento social vive das inter-relações e dos valores que estas vão gerando, a situação criada muito mais do que uma situação de injustiça é um rasgão no tecido social de consequências imprevisíveis.

Porque o pensamento do operário é autónomo, globalizante e concreto, muito dificilmente ele se aplicará a retirar ideias abstractas de condições reais. Um operário explica: «quando digo alguma coisa, eu vivo-a...» «A classe operária não discute os problemas como situações ideais, antes os escalpeliza denuncia-lhes os truques e procura os objectivos e consequências das soluções possíveis.»

Um outro operário explica: «a liberdade para o operário é a segurança no emprego, poder dirigir-se ao trabalho todos os dias, constituir a sua casa, tratar do seu jardim, criar os seus filhos» e diz mais «da segurança no emprego, passa-se à do salário, à da segurança dos seus próprios projectos, à da liberdade, à do trabalho, à da confiança, à da dignidade».

O operário retira dos factos, as ideias. O discursivo das frases ocas de conteúdo e soltas da realidade, que é hoje a linguagem do Governo dá-lhe a impressão de não só estar a ser enganado como ainda que o seu próprio pensamento está a ser forçado a desviar-se da linha que é sua.

Os investigadores que se têm dedicado ao enorme sector social formado pelos operários, o esforço da sua investigação tem chegado, na Europa da CEE, a considerações cujo peso social tem de ser, para sobrevivência da própria sociedade, criteriosamente avaliado. E assim que está provado, por exemplo, que o despedimento é sempre sinónimo de insegurança, mesmo no caso da mobilidade social ser possível. Porque os operários com o despedimento tomam **brutalmente** consciência de que são moeda de troca e para eles o envelope da indemnização – quando existe – «é pior do que uma bofetada» e todos eles pensam «poder lançá-lo à cara do patrão».

Analisando a linguagem dos patrões quando se trata do discurso do despedimento, um grupo de operários comenta: «O valor da empresa passa a ser objecto de **acordo** com o seu auditório, ele não diz **empresa** mas **a nossa unidade de produção,** e também não refere **os perigos que corre a empresa mas os perigos que nós corremos.**» Comentando a **conjuntura actual,** o patrão refere-se a factos **considerados evidentes** e apresenta-se ao mesmo tempo confrontado com uma situação que se impõe a ele próprio e que ele tem de assumir com realismo. O administrador apresenta-se sempre como **irresponsável** pela situação, e segundo ele afirma os interesses **da empresa e dos operários são coincidentes** e por isso tem em conta o **interesse dos operários.**

Está implícita na base deste discurso uma escala de valores denunciada também pelos operários «para o tecnocrata, se os técnicos comandam é porque eles garantem **por si só as melhores soluções** no plano da economia da empresa; não serão os melhores no plano social, mas a preocupação do aspecto social é apenas a da **ordem».**

Para o patrão, para o tecnocrata o trabalhador espera apenas o seu salário. Hoje estes ensinamentos são dados culturais de qualquer **sociedade moderna!**

Se à luz do muito que se tem estudado, do muito que se tem sofrido e mesmo até do pouco que eu conheço se fizer uma análise do discurso do actual Governo português em matéria laboral, desde a problemática da Reforma Agrária até à odisseia das empresas nacionalizadas, passando pelos despedimentos e encerramento de pequenas e médias empresas, seremos levados à conclusão de que vivemos numa sociedade de cenários esotéricos, onde as palavras e os homens existem pela coincidência de estarem vivos.

Foi neste cenário, que um membro do Governo assegurou, na televisão, a inexistência de qualquer culpabilização atribuída ao Governo pela OIT, derivada da queixa que àquele organismo internacional foi feita pela CGTP-IN, no que respeita ao não pagamento de salários, aos salários em atraso e não pagamento de subsídios aos trabalhadores.

Esta é uma situação única na Europa como já várias vezes foi referido, não suficientemnte aculturada em Portugal, mas hoje suficientemente conhecida no mundo internacional do trabalho, já que o Governo não pode desmentir a situação, e os rodeios e a lógica de defesa por ele utilizada é pelo menos confrangedora e coloca-nos de novo no fundo da Europa, em situação internacional de vergonha colectiva.

Em véspera de aniversário da revolução dos cravos, pela inépcia de vários governos todos à volta duma ideologia «e pescadinha de rabo na boca», qualquer português pertence hoje a um país cujo Governo confessa e explica o inconfessável e o inexplicável, baseado nas perturbações causadas pelo «período histórico de reestruturação que o país tem vindo a atravessar durante o **decénio** passado.»

Assim se encara, num documento oficial, a luta pela Democracia e pela efectivação da revolução do 25 de Abril, saído que fomos duma situação de 15 anos da guerra colonial, de 48 anos de fascismo e de obscurantismo que nos deixou a maior taxa de analfabetismo, de mortalidade infantil e um dos mais pequenos rendimentos **per capita** da Europa.

Mas o Governo é **paciente e sofredor** e reconhecendo «que a falta de pagamento da remuneração é contrária às disposições do Convénio n.º 95 (protecção do salário, datada de 1949) e mesmo à legislação nacional», «prestou por isso, desde o princípio, atenção a este assunto com o objectivo de encontrar uma resolução».

E o Governo explicou como actuou, com todo o **empenho:**

«**Em Outubro de 1983** tomaram-se medidas **imediatas** para avaliar a situação e em consequência disso a Secretaria de Estado adoptou em **13 de Fevereiro de 1984** uma decisão **tendente a uma análise** regular e sistemática da realidade e o estudo das soluções apropriadas.»

Não esse pode dizer que a fome, a subnutrição, o absentismo escolar, o insucesso escolar, o aumento da taxa de analfabetos no grupo etário 14-19 anos, etc... etc... sejam realidades que apressem um governo **sofredor e paciente,** que também, num pequeno, **sofredor e paciente** parágrafo, explica ainda à OIT «que a diferença entre as cifras globais citadas pela CGTP-IN e as da Inspecção-Geral do Trabalho, provém **«em grande medida** da circunstância de que a primeira engloba sob a rubrica salários, todas as prestações pecuniárias não pagas aos trabalhadores em compensação por serviços prestados. Esse critério **não é admitido pelo Governo** que o considera **tecnicamente incorrecto, entendendo que não aclara satisfatoriamente os vários aspectos da realidade»** (sic)

E assim nesta **exactidão de critérios** se afirmam os estadistas! Esta discrepância de números que visa saber se matamos à fome 4 ou 5 homens/dia, é a glória do Governo; razão do ar seguro, «democrata» e convicente com que o secretário de Estado do Trabalho se apresentou à televisão.

De facto qualquer derivativo do problema principal serve ao Governo para retomar o seu ronronar **paciente e sofredor.**

Mas como vai evoluir um país onde a força do trabalho, a dignidade da sua existência estão a ser trituradas por páginas escolares de livros errados, pela insegurança do poder, pela luta de interesses mesquinhos, por um Governo que, seguindo a rota de outros Governos anteriores, há muito se afastou de Portugal?

Agricultura húngara: inovar e progredir

Blasco Hugo Fernandes

A agricultura socialista húngara ocupa lugar de relevo na economia do país não só pelos resultados que tem obtido em termos produtivos e económicos, como também pelas formas inovadoras que tem demonstrado ser capaz de introduzir para a sua melhor adaptação às condições concretas do sector. Tais inovações situaram-se em dois níveis – no campo da planificação e no da intensificação da produção agro-pecuária.

Inicialmente a economia socialista húngara determinava-se por um plano central definidor, no que concerne à agricultura, das quantidades a produzir e de outras normas que as explorações agrícolas – cooperativas e de Estado – tinham de respeitar. Reconheceu-se em dada altura que este sistema de planificação dirigida não tivera a eficácia que à partida se lhe atribuíra, nem respondera cabalmente às solicitações quantitativas e qualitativas da sociedade húngara. Esta foi uma das razões por que na década de 60 se lançaram as bases de uma reforma económica global que atingiu a sua completa operacionalidade no ano de 1968. A partir desta data, os reguladores económicos passaram a desempenhar um papel importante na gestão económica, substituindo de certo modo as normas directas atrás mencionadas. A estratégia de desenvolvimento compete desde então ao plano central, arcando os planos a curto prazo com a responsabilidade dos programas de acção económica.

Flexibilidade e autonomia

No que se refere à agricultura, aquela reforma económica traduziu-se na automatização das cooperativas, tendo-se adoptado para o efeito as medidas necessárias à sua concretização (substituição das entregas obrigatórias das colheitas por contratos negociados, concessão de meios de produção e de financiamento, incorporação do equipamento mecânico nas próprias cooperativas, etc.). Com tais medidas, visava-se harmonizar o socialismo e o espírito empresarial (e, naturalmente, a acção empresarial), por um lado, e, por outro, tornar mais realista os planos económicos, pelo cruzamento da sua componente central com a «periférica», cristalizada esta última naquilo que se define por mercado.

No triplo objectivo de maior ajustamento entre a produção agrícola e a procura, em primeiro lugar, de pleno e equilibrado aproveitamento dos recursos disponíveis (materiais, tecnológicos, naturais e humanos), em segundo lugar, e ainda da permanente modernização do sector, a política de autonomização agro-rural concedeu às cooperativas agrícolas a possibilidade de desenvolver livremente diversas actividades extra-sectoriais, não só produtivas, como também comerciais e de qualquer outro tipo, que entendessem ser complementares da sua actividade central. Tendo-se iniciado pelas cooperativas, este movimento estende-se, hoje em dia, às próprias empresas agrícolas do Estado. Esta linha de orientação reflectiu-se beneficamente nas diferentes formações económicas, proporcionando uma melhor rentabilização da sua actividade, e igualmente em toda a população rural, criando mais empregos, originando novas fontes de rendimento e permitindo o acesso a produtos e serviços que, a nível local, dificilmente poderiam ser fornecidos por empresas especialmente destinadas àqueles objectivos, de uma forma que se tornasse eficaz e rentável para toda a sociedade húngara. «O emprego da mão-de-obra que surge como desnecessária na agricultura está ligado à questão da ocupação e do abastecimento da população rural: as grandes empresas agrícolas formam empresas industriais e de serviços para assegurar a existência da população camponesa e dos demais habitantes das aldeias», lê-se numa publicação especializada originária deste país (1), onde se define, de certo modo, o princípio básico do desenvolvimento equilibrado não só do sector agrícola como do território.

Nos tempos que correm, nomeadamente a partir de meados da década de 70, assiste-se ao desenvolvimento de uma nova forma de integração horizontal.

Continua na pág. 8

ponto a ponto

DOMINGOS Abrantes, do comité central do PCP, encerrou a quarta assembleia da organização concelhia daquele partido, que decorreu sob o lema «com o PCP desenvolver Setúbal e prosseguir Abril». Durante a reunião, que finalizou com a eleição da nova comissão concelhia, foram discutidos e aprovados um plano de luta dos trabalhadores e do povo de Setúbal e um projecto de caracterização da evolução socioeconómica do concelho.

A **Associação 25 de Abril** ratificou em assembleia geral, no Forte do Bom Sucesso, a admissão de 152 novos sócios. Na reunião, em que foram eleitos os novos corpos gerentes, cuja posse se realiza dia 30, foi ainda ratificada a admissão de 1051 apoiantes. O problema da sede foi também abordado na assembleia geral que decidiu mandatar a direcção para organizar e coordenar as acções necessárias à resolução definitiva da sua localização, privilegiando a sua manutenção no Forte do Bom Sucesso.

A comissão promotora das corporações do **25 de Abril** apelou para que se faça daquele dia uma reafirmação de confiança na democracia. Em texto agora tornado público, e subscrito por cerca de centena e meia de intelectuais, associam-se às comemorações do derrubamento da ditadura de Salazar e Caetano a consagração internacional do ano em curso à Juventude e as celebrações do 40.º aniversário da derrota do nazismo, também a correr em 1985. Os subscritores do documento manifestam rejeitar a atribuição da «crise» que a seu ver Portugal atravessa ao 25 de Abril, imputando-a antes a erros de acção governativa, com relevo para o facto de não se criarem «condições de maior e mais vasta participação dos cidadãos na vida pública».

A Juventude Comunista acusou o ministro da Educação de «parecer prosseguir» a política de José Augusto Seabra «no que respeita às questões de fundo do ensino». Num comunicado distribuído à Imprensa a propósito do Dia Mundial do Estudante, a Juventude Comunista afirma que em Portugal «as experiências pedagógicas são alteradas duas ou mais vezes por ano, a avaliação contínua não é aplicada, a selectividade aumenta drasticamente num país onde não existe um número desejável de quadros técnicos e intelectuais, o acesso ao ensino superior é já de um estudante em cada cem que frequentaram o 10.º ano». No entender da Juventude Comunista, «exigir um novo ensino deverá ser uma exigência não só dos estudantes como de todos os portugueses».

DANIEL Proença de Carvalho, ex-presidente do Conselho de Administração da RTP durante os governos da Aliança Democrática, afirmou que «o que Portugal precisa neste momento é de disciplina». Falando ao programa radiofónico «A Maçã de Adão», Proença de Carvalho afirmou que «só com disciplina é possível governar uma empresa», justificando assim o despedimento do jornalista José Mensurado da RTP, em 1980, após este o ter acusado num semanário de ser «um maquiavel à moda do Minho». Proença de Carvalho não confirmou nem desmentiu uma sua eventual candidatura à Presidência da República e mostrou-se «profundamente decepcionado e desiludido» com a actual coligação PS/PSD no poder.

O cardeal Agostinho Casaroli esteve sábado no **Sameiro,** onde presidiu à ordenação episcopal de Manuel Monteiro de Castro. Acompanhado pelo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Manuel de Almeida Trindade, que o aguardava no aeroporto, o cardeal Casaroli foi recebido no centro apostólico do Sameiro pelo arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira. O secretário de Estado do Vaticano almoçou naquele centro apostólico juntamente com diversos bispos portugueses, entre os quais se encontrava o Cardeal Patriarca, D. António Ribeiro.

UMA delegação portuguesa chefiada pelo secretário de Estado do Ambiente partiu para Basileia para participar numa reunião do Comité de Ambiente da OCDE sobre transportes transfronteiras de resíduos perigosos. A delegação, chefiada por Oliveira Fernandes, integra técnicos das Secretarias de Estado do Ambiente e dos Transportes e do LNETI. As recomendações da comissão de ambiente da OCDE «vão interessar particularmente a Portugal, onde não existe legislação sobre a notificação, identificação, controlo e regulamento sobre o transporte de resíduos perigosos», disse à ANOP Luís Tito, adjunto do secretário de Estado do Ambiente.

O escritor, ensaísta e activista democrático **Mário Emílio de Morais Sacramento,** que se destacou pela sua militância antifascista, nasceu em Ílhavo em 1920 e aí morreu a 27 de Março de 1969. A par das suas actividades literárias e políticas, Mário Sacramento desenvolveu, igualmente, uma intensa vida académica, tendo frequentado as Faculdades de Medicina das Universidades de Coimbra, Porto e Lisboa, deslocando-se, depois de terminado o curso, a Paris, onde se especializou em Gastrenterologia. Elemento destacado do Movimento de Unidade Democrática, Mário Sacramento foi o impulsionador do Primeiro Congresso Republicano de Aveiro, realizado em 1957.

(*) Engenheiros Civis da COBA, Consultores para Obras, Barragens e Planeamento, SARL

Visita oficial só começa amanhã

Isabel II chega esta tarde à base aérea do Montijo

A rainha Isabel II chegou esta tarde à Base Aérea do Montijo de onde seguiu, por helicóptero, para Setúbal e, depois, para Lisboa, onde começará amanhã a sua visita oficial a Portugal. Em Setúbal, Isabel II embarcará no iate real «Britannia» que, com o duque de Edimburgo e a princesa Alexandra, chegou ontem àquela cidade após uma visita à ilha da Madeira. Eram nove horas exactas quando o «Britannia», escoltado pela fragata inglesa «Boxer», atracou no cais número três, onde era aguardado por muitos populares. A corveta da Armada portuguesa «Magalhães Correia»,com a guarnição alinhada no convés, saudou o visitante com os vivas da praxe.

Elementos da Polícia e da Marinha montavam guarda ao cais onde acostou o iate real britânico, mantendo excepcionais medidas de segurança.

Esta tarde, depois da chegada da soberana, o «Britannia» rumará de Setúbal em direcção a Lisboa sob escolta de três fragatas da Armada portuguesa, onde chegará às 10 horas e 45 minutos.

Entretanto, a princesa Alexandra, que acompanhou o duque de Edimburgo na sua visita particular ao Funchal, partiu ontem, por via aérea, para Londres.

Uma cena que se repete: Isabel II e o príncipe Filipe quando abandonavam o Buckingham Palace para uma visita oficial à Arábia Saudita

Declarações de Eanes

A visita de Isabel II de Inglaterra a Portugal constitui uma oportunidade para o povo português exprimir o afecto que sente pela rainha, disse ontem o Presidente da República, Ramalho Eanes.

«As pessoas de sua majestade a rainha e sua alteza real, o príncipe Filipe, são objecto no nosso país de singulart popularidade e carinho, que traduzem os laços humanos entre os dois povos», disse Eanes em declarações à secção portuguesa da BBC.

O Presidente da República salientou que o Reino Unido é «um aliado histórico privilegiado para a afirmação da soberania portuguesa no contexto europeu e para a realização da vocação marítima e atlântica de Portugal no contexto mundial».

Eanes referiu a importância da Europa prosseguir o seu objectivo de unidade, que considerou ser a única «forma viável de afirmar a sua voz, força e riqueza no contrexto mundial».

«Assumimos como tarefa histórica para a nossa geração o ideal da unidade europeia. Sabemos que a nossa presença, outrora imperial, nas áreas e civilizações que integram o chamado Sul, será um factor de dinamização para o diálogo entre a Europa e o Sul», acrescentou Eanes.

O Presidente da República salientou a contribuição britânica para a evolução do processo de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia e lembrou que Portugal e o Reino Unido são membros fundadores da Aliança Atlântica.

Segurança da Família Real

Da Irlanda para Buckingham Palace

Os guarda-costas da família real vão receber um treino em técnicas anti-rapto e anti-reféns do serviço aéreo especial do Exército Britânico, devido a receios de ataques terroristas, revelou em Londres uma destacada fonte militar.

A fonte, que falou na condição de não ser indentificada, disse à «Associated Press» que informações dos serviços secretos indicavam que o Exército Republicano e outros grupos de guerrilha consideravam a rainha Isabel II e a sua família como «alvos principais».

A fonte disse numa entrevista telefónica que dois dos agentes da polícia especial destacados para o serviço de protecção real vão proteger a princesa de Gales, mulher do príncipe Carlos, herdeiro do trono britânico.

Carlos, a princesa Diana, e os seus dois filhos, o príncipe William, 2 anos e o príncipe Harry, seis meses, são considerados como alvos potenciais, sublinhou a fonte.

Disse que no total 15 agentes da secção especial vão submeter-se a treino intensivo em técnicas contra-terroristas «na base fortemente guardada dos «SAS», em Heredorf, perto da fronteira do País de Gales.

Os capa e espada dos «SAS», os principais especialistas de contra-insurreição do Exército britânico, estão actualmente a combater na Irlanda do Norte.

Um milhão e meio de contos para comboio real

A rainha Isabel II vai ser contemplada com um novo comboio que custará sete milhões e meio de libras, em substituição do anterior, velho de meio século.

O novo comboio real, cujo custo orça pelos 7,5 milhões de libras (cerca de 1500 milhões de escudos), terá 13 carruagens com capacidade para circularem a 200 quilómetros por hora.

O actual comboio da família real britânica, também utilizado por membros do governo e visitantes estrangeiros, tem quase meio século de antiguidade. A notícia do novo comboio foi dada recentemente na Câmara dos Comuns pelo ministro britânico dos Transportes, David Mitchell.

O porta-voz para os Transportes do Partido Trabalhista censurou a nova aquisição e afirmou que com esse dinheiro «poderiam resolver-se muitos dos problemas dos transportes britânicos».

Há vinte e oito anos foi uma história cor-de-rosa

Por incrível que pareça, onze anos depois de Abril e 28 após a sua primeira visita, os portugueses «torcem» pela rainha de Inglaterra, e a pompa que marcou o ano de 1957 ameaça reproduzir-se.

A 18 de Fevereiro de 1957 (Salazar era Presidente do Conselho, Craveiro Lopes fazia de Presidente da República), a rainha Isabel iniciava a sua visita oficial a Portugal. Pompa e circunstância rodearam a soberana britânica, que desembarcou em Lisboa, saída de um bergantim real que a fora buscar ao iate «Britania».

A chegada de Isabel de Inglaterra, acompanhada pelo príncipe Filipe e pelos filhos Carlos e Ana foi o «climax» de meses de frenesim nacional em que o regime procurava por um lado o seu reconhecimento internacional e por outro o espectáculo que entusiasmasse a opinião pública.

Colaboração não faltou. O «Diário de Notícias» desde um mês e meio antes da visita dedicou a Isabel todas os dias notícias de primeira página. Durante meses, três mil operários arranjaram o Palácio de Queluz, remodelaram o Terreiro do Paço, melhoraram a Câmara Municipal de Lisboa e construiram uma tribuna de honra na Praça do Comércio, aquecida a raios infra-vermelhos para que a rainha não sentisse temperaturas inferiores a 18 graus.

Isabel II deu também uma mãozinha. Chegou antes, para criar ambiente. A 16 aterrou na Base Aérea do Montijo onde a aguardavam o príncipe Filipe, o marido ausente desde há quatro meses num cruzeiro marítimo Ele teve cinco minutos, a sós no avião, para reencontrar a mulher, que depois lançou para as personalidades, encabeçadas pelo ministro português dos Estrangeiros, Paulo Cunha, assistidas por 150 jornalistas portugueses e britânicos.

«A rainha e o duque», dizia o «Sunday Telegraphic», «dificilmente podiam esconder a sua alegria quando terminaram, no Aeroporto do Montijo, a sua mais longa separação de casados desde há nove anos».

O real reencontro prolongou-se depois durante um cruzeiro de dois dias que veio a terminar na barra do Tejo quando uma frota de «luxo» quebrou a possível intimidade do casal. Doze arrastões bacalhoeiros, 50 rebocadores, oito barcos de pesca, 35 traineiras de Setúbal, 16 de Peniche e dez embarcações do Instituto de Socorros a Náufragos escoltaram a rainha até ao Cais das Colunas.

Depois de recebida por Craveiro Lopes, Isabel II recebeu a continência das forças em parada – seis mil homens comandados pelo governador militar de Lisboa, apoiados musicalmente pelas bandas da Marinha e da GNR.

Terminada a continência deu-se início ao cortejo real, escoltado pelo Regimento de Cavalaria da GNR com charanga, que desfilou pela faixa oriental do Terreiro do Paço e se dirigiu pelo arco da Rua Augusta ao Rossio, Avenida da Liberdade, Parque Eduardo VII, seguindo depois pela auto-estrada até ao palácio de Queluz onde ficou alojado o casal.

Neste primeiro dia da visita oficial, Isabel II reuniu-se ainda com Craveiro Lopes em Belém e foi homenageada com um banquete na Ajuda.

No segundo dia visitou um bairro de casas económicas ao Mosteiro dos Jerónimos, o Museu dos Coches e a Câmara Municipal de Lisboa onde almoçou. O programa desse dia contou ainda com uma recepção à colónia britânica em Queluz, um jantar íntimo na Embaixada britânica e uma récita de gala em São Carlos a que assistiu Salazar.

No último dia da visita oficial, a soberana partiu em cortejo automóvel de Queluz para visitar Alcobaça e Nazaré e retribuiu o jantar a Craveiro Lopes a bordo do «Britania», seguindo-se fogo-de-artifício no rio.

A soberana efectuou dia 21 uma breve deslocação particular de avião ao Porto, tendo visitado o Palácio da Bolsa.

O regresso a Londres, de avião, verificou-se no aeroporto da Portela, nesse mesmo dia, seguindo a rainha com o príncipe Filipe

A história cor-de-rosa foi assim e regista como adjectivos da Imprensa à visita real – «encantamento», «distinção», «amabilidade», «naturalidade», «dignidade suprema», «simpatia irradiante». Como se temêssemos que a rainha de Inglaterra se risse do general que ocupava a Presidência da República, recusasse apertar a mão sanguinária do ditador ou em público matasse as saudades do real consorte.

A outra história, essa, regista que tudo ficou como dantes. Por mais dezassete anos. Ou por mais vinte e oito?

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS E TRATAMENTO (CONSTRUÇÃO CIVIL) — SISTEMA DA BACIA DA RIBEIRA DE BARCARENA.

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.

O preço-base é de 12 036 630$00.

Caução provisória é de 300 916$00.

Alvará exigido — da 4.ª subcategoria da V categoria ou V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Eng.º João Maria Póvoa

(Eng. Civil)

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS E TRATAMENTO (CONSTRUÇÃO-CIVIL) SISTEMA DA BACIA DA RIBEIRA DO JAMOR.

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes Serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 8 195 205$00.

Caução provisória é de 204 880$00.

Alvará exigido — da 4.ª subcategoria da V categoria ou V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985.

O Presidente do Conselho de Administração

Eng.º João Maria Póvoa

(eng.º civil)

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS E TRATAMENTO (CONSTRUÇÃO CIVIL) — SISTEMA DA BACIA DA RIBEIRA DA LAJE

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.

As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 14 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes Serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 9 660 949$00

Caução provisória é de 241 524$00

Alvará exigido — da 4.ª subcategoria da V categoria ou V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Eng.º João Maria Póvoa

(Eng.º Civil)

Sociais-d

O PSD multiplicou-se este fim-de-semana em declarações produzidas quer pelas estruturas distritais do partido, quer por dirigentes e simples militantes sociais-democratas. De uma maneira ou de outra todas essas declarações estão relacionadas com as candidaturas presidenciais e nenhuma parece poupar o Partido Socialista.

Em Faro, por exemplo, a Assembleia Distrital manifestou-se favorável à apresentação de um candidato independente que abranja os eleitorados sociais-democratas do PS e PSD e conservador liberal. Em documento aprovado no final de uma reunião, o PSD local considera que o próximo Presidente da República «terá de ser peça fundamental de uma política de segurança para dar corpo às propostas de Sá Carneiro feitas em 1980 e que ainda não se puderam concretizar».

Numa moção aprovada por 47 votos a favor e três abstenções, a distrital de Faro reafirmou que o «ideal seria um militante do PSD e a outra hipótese seria um candidato apoiado pelas principais forças políticas democráticas, hipótese que o PS se recusou a encarar». Em declarações prestadas à NP, o responsável pela distrital de Faro, José Vitorino, considerou «grave e preocupante a posição do Partido Socialista» recusando designadamente as coligações em Vila Real e Vila do Bispo (câmaras APU) e disse mesmo que se «é certo que não prejudica directamente o PSD, atenta contra os interesses e expectativas das populações locais».

Balsemão defende do general Firmin

Pinto Balsemão manifestou ontem «fortes dúvidas» quanto à possibilidade de um militante do PSD poder vencer as presidenciais e defende a candidatura do general Firmino Miguel à Presidência.

Em entrevista ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, o dirigente social-democrata frisou que o PSD «deve fazer tudo para que a escolha dos portugueses não fique limitada a Soares e a Eanes, este por interposta pessoa».

Para Balsemão, a «solução ideal» seria uma terceira hipótese através de um militante do PSD, hipótese que considerou, no entanto, impraticável, «por-

Almeida e Costa n entrar na corrida

O governador de Macau, Almeida e Costa, disse que a sua «possível candidatura» à Presidência decorrerá da vontade de «não abdicar» das responsabilidades que assumiu na «implementação e consolidação de um regime democrático em Portugal».

Em entrevista difundida pela Teledifusão de Macau, Almeida e Costa referiu-se ao papel político que o Presidente da República deve desempenhar, defendendo «um presidente interventor no quadro do regime democrático, mas não um destruidor incons-

Lemos Ferreira sobre c

Nem privilégios, n

O general Lemos Ferreira disse sábado que «a subordinação do poder político não é contestada pelos militares, nem directa nem indirectamente».

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que falava no programa «Nem

Sociais-democratas não poupam o Partido Socialista

O PSD multiplicou-se este fim-de-semana em declarações produzidas quer pelas estruturas distritais do partido, quer por dirigentes e simples militantes sociais-democratas. De uma maneira ou de outra todas essas declarações estão relacionadas com as candidaturas presidenciais e nenhuma parece poupar o Partido Socialista.

Em Faro, por exemplo, a Assembleia Distrital manifestou-se favorável à apresentação de um candidato independente que abranja os eleitorados sociais-democratas do PS e PSD e conservador liberal. Em documento aprovado no final de uma reunião, o PSD local considera que o próximo Presidente da República «terá de ser peça fundamental de uma política de segurança para dar corpo às propostas de Sá Carneiro feitas em 1980 e que ainda não se puderam concretizar».

Numa moção aprovada por 47 votos a favor e três abstenções, a distrital de Faro reafirmou que o «ideal seria um militante do PSD e a outra hipótese seria um candidato apoiado pelas principais forças políticas democráticas, hipótese que o PS se recusou a encarar». Em declarações prestadas à NP, o responsável pela distrital de Faro, José Vitorino, considerou «grave e preocupante a posição do Partido Socialista» recusando designadamente as coligações em Vila Real e Vila do Bispo (câmaras APU) e disse mesmo que se «é certo que não prejudica directamente o PSD, atenta contra os interesses e expectativas das populações locais».

PSD muleta do PS

Entretanto, em Bruxelas, o dirigente social-democrata Luís Fontoura afirmou que o PSD está farto de ser muleta do PS. Fontoura falava numa reunião de militantes do PSD das secções de França, Alemanha Federal e Bélgica convocada para estudar a melhoria da sua representatividade nos vários órgãos do partido.

Segundo aquele dirigente político, «este Governo não tem virtualidades para continuar» e explicou que o seu partido apenas se mantém no Executivo porque o «prejuízo de nele participar é por enquanto inferior ao que resultaria de uma convocação antecipada de eleições legislativas». Para Luís Fontoura, o «PS está mais preocupado com a colonização do Estado do que com a resolução dos problemas do povo português».

Falando sobre a questão das eleições presidenciais, aquele dirigente disse que o candidato do PSD deverá ter «a coragem de propor alterações instantâneas ao 'gonçalvismo'.

Segundo Luís Fontoura o futuro candidato «será um candidato que aposta forte na modificação da situação portuguesa e um candidato capaz de determinar a nossa política e proceder às alterações institucionais a fim de pôr termo ao «gonçalvismo» ainda presente.

O debate relativo à emigração e à sua representação no Congresso Nacional foi animado por representantes dos núcleos da Bélgica, Alemanha e da França, que exigem uma maior representação dos emigrantes sociais democratas no congresso nacional.

Uma certa confusão surgiu durante o debate tendo Luís Fontoura através de uma intervenção «não desmobilizadora» chamado à realidade os principais interlocutores. «É necessário definir o conceito de emigrante e o conceito de militante».

A discussão prosseguiu tendo como objectivo principal a apresentação de propostas tendentes a corrigir a actual representação dos emigrantes no seio do partido, uma representação unanimemente qualificada de injusta.

Ruptura da coligação

Também o presidente da Comissão Política Distrital de Coimbra do PSD disse no sábado à NP ser inevitável a ruptura da coligação caso seja inconclusiva a consulta às bases sociais-democratas sobre o candidato presidencial.

«Se a Comissão Política Nacional tiver de encarar uma situação de indefinição e, consequentemente, tiver de propor um candidato ao Conselho Nacional ver-se-á forçosamente confrontada com a necessidade de ter de dar um salto em frente e provocar a ruptura da coligação», disse Alexandre Gouveia.

Para este dirigente social-democrata, o referendo a realizar sábado é «uma consequência lógica da incapacidade da Comissão Política Nacional se pôr de acordo quanto ao candidato presidencial». Alexandre Gouveia reafirmou à NP defender uma candidatura superpartidária e manifestou a preferência por um militar.

«A solução correcta aponta para o candidato superpartidário que tenha um perfil de agente de mudança capaz de derrotar o «soarismo» conservador», considerou. Para o presidente da CPD de Coimbra do PSD, «é evidente que Mota Pinto só irá disputar a liderança do partido no congresso, se a resposta do referendo for por um candidato não militante». «Isto porque – disse – um líder não pode, conscientemente, conduzir o seu partido a uma derrota».

Juventude do PSD tem outras ideias

Posição diferente é defendida pela Juventude Social-Democrata no que diz respeito às candidaturas presidenciais. A Comissão Política Distrital do Porto da JSD, por exemplo, decidiu não apoiar qualquer candidatura militar à Presidência da República e não participar na campanha eleitoral de qualquer militar.

Em comunicado, a JSD explica as razões desta posição, considerando que «qualquer candidatura militar é um perigo constante de surgimento de uma nova indefinição eanista, que à partida o PSD jamais poderá ter garantia que ele execute o nosso projecto de mudança social-democrata».

«A juventude portuguesa jamais poderá dar o seu apoio a alguém que representa uma instituição que durante o actual serviço militar obrigatório maltrata e explora essa mesma juventude» – afirma a JS no comunicado divulgado no sábado.

Os jovens sociais-democratas consideram que jamais se pode ter uma «visão futebolística das eleições presidenciais tal como certas correntes, do PSD, que dependem que as temos de ganhar a qualquer preço».

A Comissão Política Distrital do Porto da JSD sublinha que deve ser acatada a decisão do referendo do dia 30 de Março onde deve ser acatada a decisão do referendo do dia 30 de Março onde será definido o perfil do candidato à Presidência da República.

Também a JSD de Leiria defende a ruptura da coligação governamental. Segundo o presidente da Comissão Política Nacional da Juventude Social-Democrata, o PSD «deve repensar a sua permanência na coligação, se não se verificarem alterações a curto prazo».

Pedro Pinto, que falava no final de uma reunião de dois dias em Leiria da Comissão Política Nacional da JSD acrescentou que estava «a expirar o prazo considerado suficiente para o Governo implementar as propostas que no programa que submeteu à Assembleia da República contemplavam alguns anseios da juventude». Para Pedro Pinto, «a juventude e o País continuam à espera da tomada de posições que concretizem os grandes objectivos que justificam a existência deste governo».

No comunicado final da reunião, a JSD salienta que o Governo «serve para resolver os problemas dos portugueses e não para constituir rampa de lançamento de uma qualquer ambição presidencial». A JSD apelou ainda à participação dos jovens sociais-democratas no referendo interno.

Soares e Machete reúnem-se

O vice-presidente do PSD Miguel Veiga anunciou no sábado que os líderes dos dois partidos da coligação, Mário Soares e Rui Machete, deverão ter uma reunião o mais breve possível.

Falando à comunicação social no fim da reunião da Comissão Permanente, Miguel Veiga disse que a carta que a última reunião da Comissão Política do PSD resolveu endereçar ao seu parceiro da coligação só será enviada após o encontro dos dois líderes.

Miguel Veiga, que considerou decisiva a próxima semana, disse haver alguns atrasos na concretização das medidas estruturais acordadas entre os dois partidos.

«A razão de ser da coligação e a implementação dessas medidas faz-nos estar no governo enquanto acreditarmos ser possível concretizá-las atempadamente», disse.

O vice-presidente do PSD disse que a Comissão Permanente tinha analisado as «questões gravíssimas» da situação nacional, nomeando, a título de exemplo, a adesão de Portugal à CEE.

Balsemão defende candidatura do general Firmino Miguel

Pinto Balsemão manifestou ontem «fortes dúvidas» quanto à possibilidade de um militante do PSD poder vencer as presidenciais e defende a candidatura do general Firmino Miguel à Presidência.

Em entrevista ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, o dirigente social-democrata frisou que o PSD «deve fazer tudo para que a escolha dos portugueses não fique limitada a Soares e a Eanes, este por interposta pessoa».

Para Balsemão, a «solução ideal» seria uma terceira hipótese através de um militante do PSD, hipótese que considerou, no entanto, impraticável, «porque o partido está dividido».

«Uma candidatura de presença, por parte do PSD, equivale a dar a vitória a Mário Soares» – advertiu.

Referindo-se à posição do PSD no Governo, afirmou que o partido deve abandonar o Executivo «se a CEE for negociada a qualquer preço, se a lei das rendas de casa não corresponder ao que o partido entende, se as leis do trabalho não satisfizerem as posições sociais-democratas, se as reformas na Agricultura ficarem na gaveta».

Balsemão considerou, no entanto, aventureirista a tese daqueles que defendem a saída imediata do PSD do Governo.

Almeida e Costa não enjeita entrar na corrida para Belém

O governador de Macau, Almeida e Costa, disse que a sua «possível candidatura» à Presidência decorrerá da vontade de «não abdicar» das responsabilidades que assumiu na «implementação e consolidação de um regime democrático em Portugal».

Em entrevista difundida pela Teledifusão de Macau, Almeida e Costa referiu-se ao papel político que o Presidente da República deve desempenhar, defendendo «um presidente interventor no quadro do regime democrático, mas não um destruidor inconsciente de situações que existem e que para serem transformadas não o podem ser com brutalidade».

Abordando a actual situação do País, considerou-a «extremamente delicada no que respeita não só à vida política mas também às dificuldades económicas e financeiras».

«Não é possível prever o que irá acontecer nos meses mais próximos, mas penso que há sinais muito preocupantes de que possam ocorrer situações de ruptura» — sublinhou.

Lemos Ferreira sobre candidatos militares

Nem privilégios, nem segregação

O general Lemos Ferreira disse sábado que «a subordinação do poder político não é contestada pelos militares, nem directa nem indirectamente».

O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que falava no programa «Nem Mais Nem Menos» da RDP, acrescentou que a articulação entre o poder político e os militares» faz-se melhor ou pior conforme as circunstâncias, até porque tudo quando decorre da Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas não está completo».

Cardeal Casaroli condecorado por Mário Soares

O Primeiro-Ministro condecorou ontem o cardeal Casaroli, secretário de Estado do Vaticano, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante, em cerimónia realizada em S. Bento.

Na mesma ocasião, Mário Soares agraciou também D. Manuel Monteiro de Castro, primeiro núncio apostólico português, com a Grã-Cruz do Infante.

Chegado ao Aeroporto das Pedras Rubras no passado sábado, o cardeal Casaroli deslocou-se ao nosso país, para proceder na Basílica do Sameiro à sagração do novo bispo português, Manuel Monteiro de Castro. Naquela altura, declarou aos jornalistas «sentir-se muito feliz por presidir à sagração do primeiro núncio português».

No domingo, o cardeal Agostinho Casaroli presidiu em Santa Eufêmia de Prazins (Guimarães) a uma concelebração eucarística, em que participaram o arcebispo de Braga, o núncio apostólico em Lisboa, o pároco da freguesia e outros sacerdotes.

A ordenação episcopal de D. Manuel Monteiro de Castro, nomeado pelo Papa. pró-núncio apostólico em sete países das Antilhas, realizou-se na cripta do Sameiro. Presidiu ao acto o secretário de Estado do Vaticano, e foram coordenantes o arcebispo de Braga e o seu auxiliar, D. Eurico Nogueira e D. Joaquim Gonçalves, respectivamente.

O cardeal Agostinho Casaroli inaugurou depois, no Sameiro, a praceta João Paulo II.

Durante a cerimónia, o bispo auxiliar de Braga, D. Joaquim Gonçalves, considerou a figura e a missão do Papa como «uma verdade de fé e uma exigência do coração».

A praceta, colocada numa das principais vias de acesso à Basílica do Sameiro, recorda a visita do Papa àquele santuário em 15 de Maio de 1982.

semear bem
colher melhor

diegè

lotaria da
PRIMAVERA

taluda 54 mil contos
mais 123.408 contos de outros prémios

dia 28 de Março anda a roda

No Jardim da Estrela

Objectores celebram a Primavera e criticam o estatuto aprovado

Calcula-se que sejam cerca de 30 mil os objectores de consciência em Portugal. Há muito que se batiam por um estatuto legal face ao cumprimento do serviço militar obrigatório. De há seis anos para cá, no início da Primavera, juntamente com grupos ecológicos costumam festejar esta estação com iniciativas várias. Este ano, por ter sido aprovada na Assembleia da República a lei do objector de consciência foram eles a organizar esse festival, através da Associação Livre de Objectores e Objectoras de Consciência.

Escolheram como cenário o Jardim da Estrela, promoveram espectáculos de música, teatro, actividades infantis, exposições de artesanato urbano, fotografia, etc. Não faltou também a alimentação natural, com almoços de comida macrobiótica e vegetariana.

No essencial, pretendiam manifestar-se e divulgar através de actividades culturais a objecção de consciência.

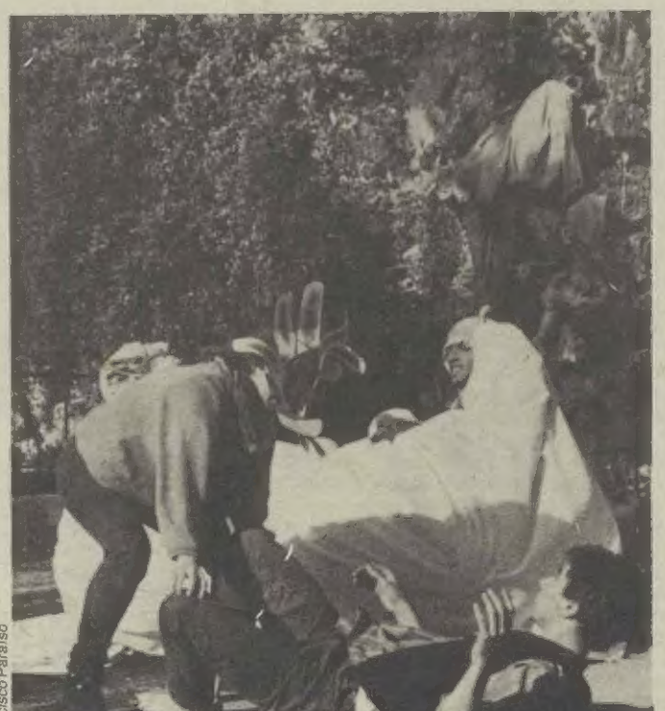


Foto Francisco Paraíso

Um dos grupos de teatro da ESBAL actuando no Festival do Objector, no Jardim da Estrela

Críticas à lei

Se, como objectivo, segundo a ALOOC, o festival pretendia «abrir um espaço de respiração e liberdade, onde a malta possa passar uma tarde simpática e tomar conhecimento do que é a objecção de consciência», não houve todavia oportunidade para uma celebração totalmente vitoriosa.

Os objectores de consciência não ficaram indiferentes à aprovação da lei, mas ela suscita-lhes diversas críticas de fundo.

Consideram no entanto que foi uma vitória deles porque, afirma um dos participantes no festival, «fizemos muita pressão sobre os partidos políticos, apresentámos mesmo um estatuto, vai agora para quatro ou cinco anos, e que serviu justamente de base à elaboração do estatuto que foi agora aprovado».

Salienta que, apesar de não ter sido o que eles desejavam, representa «um primeiro passo que dá muitas possibilidades de trabalho para desenvolver e fortalecer o movimento dos objectores de consciência sendo possível que, através deste estatuto, muita gente se torne objector, e é isso que realmente nos interessa».

As principais críticas que fazem referem-se à limitação do prazo de entrega da declaração a um curto período de vida do objector, à atribuição do estatuto através de julgamento civil e à possibilidade da lei ter efeitos retroactivos.

São contra o prazo porque «a consciência não tem prazos para se declarar; não concordam com a atribuição do estatuto através de julgamento civil pois entendem que ela «deveria ser automática após a apresentação da declaração». Quanto aos efeitos retroactivos alegam que a responsabilidade da saída da lei é da Assembleia da República.

Objector porquê?

São vários os motivos que levam os jovens à objecção de consciência, mas uma certa dose de idealismo constitui o denominador comum entre todos.

António Franco, professor do ensino secundário diz-nos que se tornou objector de consciência por pensar que «poderia melhorar a minha relação com o sítio onde vivo e que participando no serviço militar estaria a contribuir para coisas que à partida recuso, como a guerra, a violência, a desumanidade entre os homens».

Para João Cameiro, mímico, a questão põe-se em termos um pouco diferentes.

«Sou objector de consciência, afirma, porque acho que ninguém tem o direito de mandar em mim como mandam na tropa e ninguém deve ser obrigado a aprender a matar como eles lá ensinam.»

Razões essencialmente práticas e que pouco ou nada têm a ver com a objecção de consciência como convicção íntima de cada um são também utilizadas.

Um estudante universitário confessa que se tornou objector de consciência porque «no fundo, o que me interessava era um adiamento para continuar a estudar».

Um direito

O mínimo que se pode dizer é que a afluência ao festival não está em relação com o número de objectores de consciência que se pensa existirem em Portugal, embora ninguém ponha em causa que eles sejam de facto algumas dezenas de milhares.

No Jardim da Estrela não haveria muito mais que duas centenas de pessoas e na sua maioria de passagem, mas isso não constituiu motivo de frustração para os organizadores.

«Temos consciência de que isto é um local de passagem e que passou por cá muita gente que não tem nada a ver com a objecção de consciência. O importante é divulgá-la e fazer com que entendam o que ela é.»

Mas, de um modo geral, a opinião pública aceita a objecção de consciência como um direito. Pelo menos essa era a reacção natural dos «passantes». Só um soldado que ia a caminho do Hospital Militar, empertigado na sua farda cor de azeitona se pronunciou contra. Tinha uma visão ligeiramente catastrófica e no seu espírito habitam os fantasmas de «uma intervenção exterior». Expressou a sua inquietude mais ou menos nos mesmos termos em que a Televisão e os «media» nos transmitem os argumentos dos técnicos da guerra.

«Todos os jovens — afirma — deviam fazer o serviço militar porque o País precisa de estar preparado para se defender de uma intervenção exterior.»

Mas não definiu o eventual inimigo.

Para os outros, civis, homens e mulheres, os jovens têm direito a uma opção.

Elsa Andrade

Celorico da Beira: PS e PSD dizem que inquéritos inculpam o presidente

Os vereadores do CDS e PS na Câmara de Celorico da Beira disseram à ANOP que o relatório de inquérito efectuado ao município não «iliba o seu presidente de irregularidades cometidas em mandatos anteriores».

José Nunes e António Cardoso (CDS) e António Patrício (PS) consideram que o documento «vem confirmar a responsabilidade do presidente da Câmara pelas irrgularidades praticadas».

Os autarcas afirmaram que Faria de Almeida (PSD) «não deu conhecimento do relatório do primeiro inquérito à Câmara à actual vereação.

A vereação, segundo os autarcas, apenas teve acesso ao doumento por cedência efectuada pelo presidente da Junta de Freguesia de Baraçal.

O último inquérito ao município destinava-se a «verificar se se mantinham ou não as irregularidades detectadas no processo de inquérito anterior», executado em 1982.

Segundo o inspector, apenas foram tomadas em consideração «as irregularidades susceptíveis de serem corrigidas, atendendo a que noutras, como por exemplo uma estrada executada em contradição com o projeto aprovado, nada haveria a fazer».

Aqueles vereadores consideram que o actual executivo camarário não é responsabilizado pelas irregularidades realizadas na gestão municipal que na sua óptica «são responsabilidades de Faria de Almeida».

Entre as anomalias referidas pelos vereadores, destaca-se «a existência de obras mandadas executar pelo presidente da Câmara sem conhecimento do executivo e outras que, aprovadas pela Câmara, não foramrealizadas».

Os autarcas admitiram a possibilidade de se demitir «caso a situação demore a ser resolvida» e responsabilizaram o Governo e os órgãos judiciais «na eventualidade de se protelar o julgamento, no caso de o inquérito requerer esse pocedimento».

Os edis revelaram ainda que alguns problemas referidos no documento foram remetidos à Alta Autoridade Contra a Corrupção.

Entretanto, uma nova inspecção está a ser realizada pelo Ministério da Administração Interna (MAI), à Câmara de Celorico da Beira, abrangendo os sectores administrativos e financeiros.

O facto é tido pelos vereadores do PS e CDS como «sinal de que o relatório não iliba o presidente da Câmara, Faria de Almeida, das responsabilidades referidas no primeiro inquérito».

Câmara de Aljezur gasta sete mil contos por ano com transportes escolares

A Câmara Municipal de Aljezur gasta anualmente cerca de 7000 contos com o transporte de estudantes do ensino preparatório e secundário, disse ontem à ANOP o presidente da edilidade, João Gonçalves Silva.

A população estudantil do concelho de Aljezur, que frequenta o ensino preparatório e secundário, tem de deslocar-se diariamente a Lagos, a 32 quilómetros da sede do concelho de Aljezur.

«Cerca de 400 estudantes têm de sair diariamente de casa às 7h30 parair às aulas e só regressam cerca das 20h00, pelo que se impõe a construção de uma escola preparatória e secundária em Aljezur», referiu Gonçalves Silva.

Gonçalves Silva disse que «a Câmara Municipal encetou já contactos com o Ministério da Educação para a construção da Escola ainda este ano».

Na lista de prioridades do concelho está ainda a construção de um quartel dos bombeiros, orçado em cerca de 50 000 contos, e uma casa de cultura, com um auditório para 150 pessoas, orçada em 15 000 contos.

O concelho de Aljezur, administrativamente dividido em 3 freguesias, com cerca de 7000 habitantes, tem uma dotação orçamental do Estado de 98 544 contos, acrescidos de cerca de 30 000 contos de receitas próprias.

Gonçalves Silva disse à ANOP que as receitas próprias poderão «aumentar consideravelmente com a implementação do turismo na região, beneficiando dos 40 quilómetros de praia.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA E DE TRATAMENTO DO SISTEMA DA BACIA DA RIBEIRA DO JAMOR.

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.
As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».
A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 9 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes Serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.
A caução provisória é de 1 074 600$00.
Alvará exigido — da 5.ª subcaterogia da V categoria ou da 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.
O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.
Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eng.º João Maria Póvoa
(Eng.º Civil)

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DAS ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS E DE TRATAMENTO DOS ESGOTOS DA BACIA DA RIBEIRA DA LAJE.

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.
As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».
A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 9 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes Serviços, perante a Comissão para esse fim nomeada.
A caução provisória é de 974 000$00.
Alvará exigido — da 5.ª subcategoria da categoria ou da 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.
O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretária dos Serviços Técnicos em Oeiras.
Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eng.º João Maria Póvoa
(eng.º civil)

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA E DE TRATAMENTO DO SISTEMA DA BACIA DA RIBEIRA DE BARCARENA.

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 6 de Março de 1985 foi deliberado abrir concurso público para a obra em referência.
As propostas deverão ser entregues no prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».
A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias, pelas 9 horas e 30 minutos, na sala de reuniões destes Serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.
A caução provisória é de 742 070$00.
Alvará exigido — da 5.ª subcategoria da V caegoria ou da 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.
O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.
Serviços Municipalizados de Oeiras, 13 de Março de 1985.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Eng. João Maria Póvoa
(eng.º civil)

Martinez e Gonç

Univer com ad

Recomeçaram esta manh aulas no Departamento de reito da Universidade Livr Lisboa, apesar dos restantes tudantes portugueses se en trarem de férias, devido ao ríodo pascal. Foi o único de tamento da UL que reabri suas portas, de acordo, a com o que estava previsto administração da «Sogeliv arrendatária do prédio onde instalada a UL que esta ma ameçou resolver o caso à maneira, se as autoridades intervierem para «repor a le dade».

A administração da «So vre» considera que a repos da legalidade passa pelo se torno à gestão da UL e a -reintegração de vários pro sores, entre eles Soares M nez e Gonçalves Proença, p cipal revindicação dos cerca cem alunos que sexta-feira manhã ocuparam as instala da UL, desalojando a «Sog vre» do controlo da Unive dade. A ocupação das inst ções por parte dos apoiantes queles dois e outros professo suspensos mantém-se, ra por que a «Sogelivre» ame substituir-se às autoridades «repor a legalidade».

De qualquer modo, o Dep tamento de Direito reabriu e manhã as suas portas, com presença da maioria dos prof sores que haviam sido susp sos pela administração da Direito Administrativo (2.º a Processo Civil (3.º), Dire Penal (5.º), Economia Polí (1.º) e Processo Penal (4.º a foram as cadeiras esta ma leccionadas por Lacher Nun José João Baptista, Sousa Br Soares Martinez e Noronha Silveira, respectivamente, s quaisquer incidentes nem tes ções.

Universitários falam

"Apatia

São estudantes unive todos os fins-de-seman apresentam um program universitários. Para além rádio e serem, de algum eles têm as suas ideia Universidade portuguesa do Estudante, sentados blemas da Universidade e zação dos estudantes, instituições. E, em de quando a resposta à p «Apatia? O canudo custa

«Havia gente que não sabia que era o dia 24 de Março, qu encara o Dia Nacional do Estu dante com um outro dia qua quer, e que reflecte a apatia e conformismo das Universidade portuguesas». Lamento de R Tavares Guedes quando, depo da montagem de uma reporta gem, nos dirigimos para um sala onde, à volta de uma mesa a equipa do «Clube da Esquina se dispôs a contar as suas expe riências na rádio, a falar do es tado da Universidade em Portu gal.

Para estes jovens, a comemo ração do Dia Nacional do Estu dante mereceria uma outra par ticipação que honrasse anterio res celebrações, quando, na Di tadura, os estudantes desciam a rua e, na praça pública, denun ciavam a guerra colonial e as sumiam um papel importante na luta contra o regime.

Martinez e Gonçalves Proença voltaram a dar aulas

Universidade Livre: vitória dos alunos com administração e ameaças à porta

Recomeçaram esta manhã as aulas no Departamento de Direito da Universidade Livre de Lisboa, apesar dos restantes estudantes portugueses se encontrarem de férias, devido ao período pascal. Foi o único departamento da UL que reabriu as suas portas, de acordo, aliás, com o que estava previsto pela administração da «Sogelivre», arrendatária do prédio onde está instalada a UL que esta manhã ameçou resolver o caso à sua maneira, se as autoridades não intervierem para «repor a legalidade».

A administração da «Sogelivre» considera que a reposição da legalidade passa pelo seu retorno à gestão da UL e a não-reintegração de vários professores, entre eles Soares Martinez e Gonçalves Proença, principal revindicação dos cerca de cem alunos que sexta-feira de manhã ocuparam as instalações da UL, desalojando a «Sogelivre» do controlo da Universidade. A ocupação das instalações por parte dos apoiantes daqueles dois e outros professores suspensos mantém-se, razão por que a «Sogelivre» ameaça substituir-se às autoridades e «repor a legalidade».

De qualquer modo, o Departamento de Direito reabriu esta manhã as suas portas, com a presença da maioria dos professores que haviam sido suspensos pela administração da UL. Direito Administrativo (2.º ano), Processo Civil (3.º), Direito Penal (5.º), Economia Política (1.º) e Processo Penal (4.º ano) foram as cadeiras esta manhã leccionadas por Lacher Nunes, José João Baptista, Sousa Brito, Soares Martinez e Noronha da Silveira, respectivamente, sem quaisquer incidentes nem testações.

Costa Durão não compareceu...

O ambiente na UL é de expectativa e alguma tensão. Se bem que as aulas tenham recomeçado no Departamento de direito, o facto do reitor Costa Durão ontem não ter comparecido na Vítor Córdon – como alguns alunos esperavam – e de ter assinado um despacho no qual afirma que a reitoria iniciará as aulas em todos os departamentos assim que «obtenha as condições para o exercício normal das suas funções», significa que tudo se encontra ainda por decidir.

Por outro lado, a indicação por parte da administração da «Sogelivre», de que resolverá o problema caso as autoridades o não façam, leva a temer acções de força na Universidade Livre de Lisboa e a eventual suspensão das aulas. Os ocupantes mantêm-se nos seus postos e, embora tenham aprovado por maioria esta madrugada o fim da ocupação das instalações, deverão permanecer nos seus lugares, como o fizeram entre sexta-feira e hoje.

As informações sobre a actual situação da UL são contraditórias: enquanto esta madrugada um aluno do 3.º ano de Direito adiantava que um representante da Cooperativa «Sogelivre», proprietária da Universidade, prometera a reintegração dos docentes suspensos – motivo pelo qual ocorreu, 6.ª-feira, a ocupação da UL –, um elemento da mesma cooperativa ameaçava, como atrás referimos, pôr fim a tal situação na hipótese das autoridades não actuarem.

Os ocupantes da UL anunciaram ontem ter convidado a direcção da Cooperativa «Sogelivre», presidida por Manuel Gomes da Silva, para assumir a administração daquele estabelecimento de ensino. Em conferência de Imprensa, consideraram a sua iniciativa como «ocupação pacífica» e que a direcção da UL integraria ainda Gonçalves Proença (vice-presidente), Matos Cruz (presidente da assembleia) e Brás de Oliveira (tesoureiro). Os ocupantes adiantaram que o convite foi feito directamente pelos alunos» para assegurar a gestão da Universidade, a qual «deverá ser executada sem prejuízo do inquérito mandado instaurar pelo Ministério da Educação» ao funcionamento da UL.

«Sogelivre» acusa Brás de Oliveira

Nesta «guerra» em que a direita se digladia no Departamento de Direito da UL, a administração da «Sogelivre» acusa ocupantes de não defenderem «os interesses académicos e pedagógicos», acrescentando que o que eles pretendem é «dar de bandeja a um grupo económico, representado pelo eng.º Brás de Oliveira, proprietário de «O Dia», a posse e gestão da UL e das suas receitas e património».

A «Sogelivre» foi por ora afastada da direcção da UL, mantendo-se, na prática, a ocupação das suas instalações. E enquanto os ocupantes argumentam que a sua acção visou reintegrar os professores suspensos, afastar os responsáveis da sociedade comercial que tomaram conta da direcção da UL, assegurar «um ensino digno» e «pôr a funcionar todas as aulas», a Associação Académica da UL do Porto recomendou a desocupação do edifício «para ser reposta a normalidade», atitude que o Conselho de Delegados de Alunos (ocupantes) lamentam.

Mantem-se, entretanto, a proibição de entrada aos elementos da administração da «Sogelivre», designadamente Cruz Rodrigues e Teixeira Pinto. O vice-reitor pode também ali entrar (embora tenha constado qu estaria disposto a pedir a sua demissão).

O clima de ocupação mantém-se na Universidade Livre, mesmo após o recomeço das aulas, face às ameaças da administração

Mais fraudes a Sul do Tejo sobem quase a 1,5 milhões

Cerca de um milhão e 400 mil contos foram recebidos indevidamente pelos beneficiários dos Serviços de Segurança Social dos distritos de Faro, Beja, Évora e Portalegre – foi revelado em Faro.

As situações de fraude que permitiram apurar este número foram detectadas durante uma operação efectuada recentemente, durante quatro dias, quando 266 agentes fiscalizadores inspeccionaram os casos de 22 mil utentes.

As inspecções incidiram sobre as prestações recebidas por doença, desemprego, complemento de cônjuge, subsídios de grande invalidez e pensão social – revelou o director do Centro Regional da Segurança Social de Faro, Jorge Simões.

Os casos de atribuição indevida do complemento de cônjuge revelaram fraudes no montante de 844 mil contos, recebidos por 73,8 por cento dos beneficiários inscritos para este subsídio.

Em relação ao suplemento de grande inválido, as fraudes totalizam 419 mil contos, referentes a 16,6 por cento dos inscritos, enquanto no subsídio de desemprego se atingiu os 28 mil contos.

Em baixas por doenças, fraudulentas, a Segurança Social foi lesada em 38 mil contos.

Jorge Simões disse que a operação teve por objectivo «moralizar a utilização de concessões de subsídios de segurança social seguindo-se a outra efectuada em Novembro de 1984 que abrangeu beneficiários e contribuintes.

Estas acções – considerou Jorge Simões – são necessárias para combater «a permissividade do sistema».

No entanto – concluiu – a solução para o problema «terá de passar por uma nova legislação sobre o assunto» e pela «reorganização e descentralização dos serviços».

Universitários falam criticamente da Universidade

"Apatia? O canudo custa muito a conseguir..."

São estudantes universitários, amantes da rádio: todos os fins-de-semana se encontram, esboçam e apresentam um programa de uma hora dedicada aos universitários. Para além de uma forma de aprender rádio e serem, de algum modo, a voz dos estudantes, eles têm as suas ideias sobre o que se passa na Universidade portuguesa. Na véspera do Dia Nacional do Estudante, sentados a uma mesa, falaram dos problemas da Universidade em Portugal, da falta de mobilização dos estudantes, do seguidismo em relação às instituições. E, em desabafo, todos concordaram quando a resposta à pergunta é feita sem rodeios: «Apatia? O canudo custa muito a conseguir...»

«Havia gente que não sabia o que era o dia 24 de Março, que encara o Dia Nacional do Estudante com um outro dia qualquer, e que reflecte a apatia e o conformismo das Universidades portuguesas». Lamento de Rui Tavares Guedes quando, depois da montagem de uma reportagem, nos dirigimos para uma sala onde, à volta de uma mesa, a equipa do «Clube da Esquina» se dispôs a contar as suas experiências na rádio, a falar do estado da Universidade em Portugal.

Para estes jovens, a comemoração do Dia Nacional do Estudante mereceria uma outra participação que honrasse anteriores celebrações, quando, na Ditadura, os estudantes desciam à rua e, na praça pública, denunciavam a guerra colonial e assumiam um papel importante na luta contra o regime.

Hoje, mais de uma década depois do 25 de Abril, estudantes contactados pela equipa de reportagem do programa, esqueceram-se do 24 de Março...

Estudantes são individualistas

«A prática associativa que se faz em Portugal tem mais de uma década, e grande parte dos dirigentes associativos têm a 'mania' que os estudantes universitários são iluminados», começa Rui Tavares Guedes. «Por isso, as associações continuam a servir para o lançamento de sebentas e iniciativas para 'alegrar' o pessoal, embora existam problemas de ordem financeira».

Depois de um momento de hesitação, perante as reservas de uma sua colega, prossegue: «A própria Universidade perdeu a importância social que tinha, os estudantes não são a elite da sociedade». E, voltando aos dirigentes, termina: «Eles desconhecem o verdadeiro perfil do estudante: uma postura individualista». Como consequência, aponta a pouca afluência às urnas: em Coimbra de 12 mil só votaram três mil, na Faculdade de Letras de Lisboa não houve «quorum» para a eleição. «Isto será apenas culpa dos votantes? Penso que é também dos dirigentes», sintetiza.

Paa além de um novo tipo de discurso, Rui Tavares Guedes defende, como solução para o actual estado de coisas, o fim de uma excessiva partidarização das associações de estudantes: «As pessoas vão ali votar como se votassem para a Assembleia da República», e relata o caso de uma estudante de Coimbra que fazia a propaganda de uma lista porque, disse, «é a do meu partido».

Isabel, com prática associativa na Faculdade de Letras de Lisboa, salva do «forno» da crítica as direcções estudantis, embora reconheça que nem tudo está bem: «É frustrante para os dirigentes tentarem lançar iniciativas ligeiras – como um ciclo de cinema – e as pessoas nem lá irem, não corresponderem a nada».

O debate sobe de tom, quando Zé Manuel acusa os dirigentes associativos de não pôrem os estudantes a reflectir. Isabel contra-ataca: «São processos paralelos».

Diferentes gerações

Rui Tavares Guedes interrompe e propõe um novo tema: «Existem gerações diferentes na Universidade».

«A nível de contestação nota-se isso. Os mais velhos eram mais contestatários», corrobora Paulo Soares.

A evolução do especto partidário das associações de estudantes parece confirmar esta análise. «Nos liceus, ao contrário das Universidades, o pendor foi sempre bem mais conservador». Por isso, na expressão de Tavares Guedes, «os dinossauros da contestação» são, actualmente, os alunos dos últimos anos das Faculdades.

Feito o diagnóstico, resta agora saber quais as causas. Paulo Soares refere-se ao choque, a nível de métodos de trabalho, entre o liceu a a Universidade. «A perda do espírito crítico vem de trás, pois nunca o tiveram nos liceus: estuda-se com base em material já preparado... chegam à Universidade e pensam que é a mesma coisa».

O desenvolvimento feito por Paulo Soares é depois completado por Rui Tavares Guedes: «a juntar a tudo isto há o conservadorismo dos professores, que apenas querem nos exames as suas opiniões, mesmo que os alunos não concordem fundamentadamente com elas». «Estão ali para tirar um curso, e isso condiciona-os até ao fim», sustenta. Paulo Soares. «A apatia? O canudo custa muito a conseguir»...

«Depois das dificuldades de entrada, quando lá se está dentro, o que se quer é tirar o canudo, arranjar emprego que, por dificuldades do mercado de trabalho, é geralmente o ensino, onde se entra apenas com uma boa média». O percurso assinado por Tavares Guedes justifica a situação presentes a que se junta o desânimo por tentativas de mudanças ensaiadas não terem surtido qualquer efeito.

Começar com temas quentes

Tem sido esta, a realidade divulgada todas os domingos, das 14 às 15, na rede de FM da Rádio Comercial. «Temos tido uma posição crítica em relação às Associações de Estudantes, sem entrar em guerras partidárias, levantando problemas em relação a algumas estruturas corporativas que ainda se mantêm», sustenta Rui Tavares Guedes. «No entanto», prossegue, «os dirigentes associativos sabem que aqui têm um espaço privilegiado para o tratamento dos problemas».

Espaço privilegiado é igual a uma hora de rádio que, segundo as últimas sondagens, é acompanhada por 110 mil ouvintes. Uma situação que se mantém desde 4 de Junho de 1983, quando o programa era emitido entre as 22 e às 24 horas dos sábados.

Também a oportunidade de começarem com temas quentes, com um Outono estudantil que, por obra de José Augusto Seabra, terá sido um dos mais movimentados destes últimos anos: ocupação de cantinas, o início dos Encontros Nacionais das Direcções Associativas (ENDAS). «De Norte a Sul do País, as mais variadas vozes e iniciativas de estudantes passaram por aqui», afirmam.

«A abordagem dos problemas é do geral para o particular, pois num programa para estudantes tem que se falar dos problemas específicos», sublinhou Isabel.

Mesmo quando esses problemas são de ordem geral, como a aprovação do Orçamento do Estado, passa-se imediatamente para as consequências da aplicação desses critérios ao campo da educação e Universidades:

«Dá muito mais gozo, porque, deste modo, quem diz que precisava de 30 milhões de contos para resolver o problema das instalações universitárias, e só tem 2, é o secretário de Estado», comenta Rui Tavares Guedes.

É este o perfil de «Clube da Esquina»: apresent[illegible], denunciar carências, agitar as consciências adormecidas pelo individualismo dos estudantes universitários portugueses. Para que, no futuro, a procura do «canudo» não possa ser a justificação para qualquer apatia.

Nuno Ribeiro

de ontem para hoje

Vendedeira de Matosinhos condenada a dar peixe a hospitais

POR especulação no preço de venda do chicharro, uma vendedeira da lota de Matosinhos, Palmira Carvalhido, foi condenada a entregar, nos primeiros cinco dias das próximos quatro meses, dez quilos de peixe ao Instituto de Oncologia do Porto e ao Hospital Magalhães Lemos. na altura da sua detenção, foi-lhe apreendido pescado no valor de 265 contos.

Novos pilotos visitaram GNR

Um grupo de novos pilotos, recém-formados na Academia da Força Aérea, visitaram o Comando-Geral da GNR, no Quartel do Carmo, onde foram recebidos pelo general Tomé Pinto. Os pilotos da FAP estiveram ainda no Grupo de Instrução de Cães e no 4.º Esquadrão do Regimento de Cavalaria daquela força.

Mandou as duas rivais para a enfermaria

Duas mulheres (Eva Esperança Coutinho, de 60 anos, e a sua filha Maria Adelaide, de 35) encontram-se em estado grave numa enfermaria do Hospital de Gaia, após terem sido feridas à facada por uma comerciante rival, a quem tinham feito uma espera, junto a uma horta, em Penafiel. A agressora, Maria Olímpia Domingues Gato, de 42 anos, terá sido avisada de que as duas antagonistas a esperavam naquele local e muniu-se de uma facada de cozinha, com que lhes fez frente.

Falhou disparos contra rival

Por motivos passionais, um agricultor, Joaquim Serqueira, de 34 anos, disparou um tiro de pistola sobre o seu rival, Joaquim Ferreira, de 26 anos, trolha, errando, no entanto, o alvo. O incidente teve lugar em Peso da Régua, tendo o agressor, detido pela GNR, recolhido à cadeia de Lamego, onde irá aguardar julgamento.

Falsificava automóveis em Matosinhos

Manuel Madureira, de 26 anos, proprietário de uma oficina em Parada, Matosinhos, foi detido pela GNR sob a acusação de proceder à falsificação de automóveis roubados ou de contrabando, tendo-lhe sido apreendido três veículos, avaliados em 1300 contos. Na rede estarão envolvidos ainda mais cinco indivíduos, já identificados, entre os quais um sucateiro de Águas Santas, Maia.

Combate ao escaravelho nos Açores

O «escaravelho japonês» vai ser combatido nos Açores, tendo para o efeito chegado esta manhã a Angra do Heroísmo, uma comissão de estudo integrada por técnicos norte-americanos e europeus. A praga deste tipo de gafanhotos desenvolveu-se nos Açores, a partir da década de sessenta, afectando sobretudo a ilha Terceira.

A «constatação» do dr. Carlos Picoito

Na notícia que, no passado sábado, publicámos sobre a «conversa informal» que o director-geral da Polícia Judiciária teve com os jornalistas, escrevemos que o dr. Carlos Picoito reconhecera que a PJ ainda não tem conhecimento do que irão ser efectivamente os Serviços de Informação da República (SIR), nem quais os diplomas que os irão regular, nem se as funções do novo organismo, já com sede na Rua Alexandre Herculano, irão colidir, com as que actualmente estão reservadas à PJ. Só que, por lapso técnico, na frase seguinte aparece publicado que esta «contestação» do dr. Carlos Picoito foi feita no Gabinete da PJ na Rua Gomes Freire, quando se deveria ler esta «contestação». Aqui fica portanto a rectificação que se impunha, dada a delicadeza da matéria abordada.

Agrediu o filho à facada em Penafiel

Após discussão, o agricultor Getúlio Almeida, «O Vargas», de 42 anos, agrediu à facada, em Lordelo, Penafiel, um dos seus filhos, de 20 anos. Este, Manuel Joaquim Almeida, teve de ser internado no Hospital de S. João, no Porto. Quanto ao agressor foi presente ao Juiz de Instrução Criminal de Penafiel que o mandou em liberdade, até ao julgamento.

Trucidado pelo comboio em Mira Sintra

Um indivíduo de 53 anos, Joaquim José Guardilho, de 53 anos, foi ontem trucidado pelo comboio quando atravessava uma passagem de nível sem guarda, em Mira Sintra. A Comissão de Moradores local tomou posição face à trágica ocorrência, exigindo da CP a tomada de medidas de segurança que evitem novos acidentes.

Como retaliação pelo assassínio de sindicalista vidreiro

Morte de industrial na FIL reivindicada pelas "FP-25"

A morte do delegado sindical da Marinha Grande, Delmiro Cruel, foi a razão apresentada pelas «FP-25» para a acção levada a cabo, pelas 23 horas de sábado, na FIL, em Lisboa, por um comando armado de dez homens que, com três tiros de pistola, vitimou o industrial de Leiria, Alexandre Ferreira de Souto, de 48 anos, casado, proprietário da empresa de caravanismo «Rota do Sol». O industrial assassinado, que ainda chegou com vida ao Hospital de S. José, estava na altura a falar com dois clientes dentro de uma das caravanas estacionadas no «stand» que tinha alugado no Pavilhão n.º 5, da «Nauticampo». No recinto estavam os dois filhos da vítima (Gilberto Souto, de 26 anos e Susana Souto, de 20) e ainda uma empregada da firma, Maria de Fátima.

Segundo Maria de Fátima, tudo se passou de forma muito rápida, apenas tendo tido tempo «de ver um jovem a fugir, em louca correria, de pistola em punho». Quanto a um dos clientes, que falava com o industrial, disse que os tiros foram disparados à queima-roupa, através da porta da caravana, tendo Alexandre de Souto murmurado apenas três «ais», antes de tombar ferido de morte.

De acordo com informações recolhidas no local, os autores do atentado penetraram nas instalações da FIL pela porta existente na Rua da Junqueira, após terem desarmado e dominado um agente da PSP e dois elementos de uma companhia de segurança. Na altura, segundo dados fornecidos por responsáveis da FIL, estariam no recinto cerca de mil visitantes.

Recordando Delmiro Cruel

Nas horas que se seguiram ao atentado, a morte do industrial Alexandre de Souto, que era natural de Valongo, foi atribuído a um ajuste de contas, tendo um seu amigo afirmado que ele dera em tempos uma sova a um indivíduo que foi apanhado a roubar artigos da sua loja em Leiria, o qual viria a falecer, tendo a família do assaltante prometido vingar-se».

Ontem de manhã, a acção seria, no entanto, reivindicada pelas «FP-25», em telegrama enviado para a Rádio Comercial e num comunicado deixado num contentor para o lixo, junto ao Jardim da Estrela, como forma de «retaliação pela morte do militante da Marinha Grande, Delmiro Cruel». O comunicado referia que Delmiro Cruel, «foi um militante revolucionário extremamente considerado pelos trabalhadores da indústria vidreira que viam nele um lutador incansável por melhores condições de vida e a quem escolheram para representante nos seus organismos de luta». Desta forma, o comunicado conclui afirmando que as «FP-25», actuarão sempre que possível desta forma», não podendo, no caso de Delmiro Cruel «deixar passar em branco o assassinao de um revolucionário, sob pena de tal prática se vir a repetir impunemente, no futuro».

Delmiro Cruel morreu em 7 de Março de 1984, no Hospital de Covões, em Coimbra, onde se encontrava em coma profunda desde a noite de 10 de Dezembro do ano anterior, após ter sido agredido por desconhecidos nos arredores da Marinha Grande. Em meios próximos do PCP da Marinha Grande, citados pelo «Expresso» de 7 de Janeiro de 1984, Delmiro Crel, militante da FUP, era considerado como uma figura respeitada e considerada em todos os sectores de esquerda da região «pela sua combatividade e pelo esforço que desenvolvia em favor da unidade dos trabalhadores da indústria vidreira».

Entretanto, em comunicado a Associação Industrial Portuguesa (AIP) «repudia vigorosamente todos os atentados de carácter terrorista e lamenta profundamente a morte do industrial». Solicitando ao Governo que tome todas as medidas que permitam evitar e punir severamente actos criminosos com esta gravidade».

Agricultura húngara

Continuação da pag. 3

São os chamados «sistemas de produção» que, envolvendo várias cooperativas e empresas agrícolas de Estado, coordenam tecnicamente a actividade produtiva vegetal e animal, sob a orientação qualificada de uma empresa gestora. Esta integração abrange apenas as produções susceptíveis de demonstrarem boa assimilação por esta modalidade de associação, no que se refere tanto à expressão como à rapidez dos resultados conseguidos.

O respeito pela especificidade

Outra característica da reforma económica húngara, projectada na agricultura, liga-se, como se disse anteriormente, à intensificação de algumas produções essenciais para a população, para o sector e para a economia. Assim, no quadro não só das cooperativas agrícolas existentes como também das acções descentralizadoras consentidas pela nova planificação socialista, recuperaram-se formas de tipo familiar de exploração da terra, principalmente em determinadas culturas (produções) sobre as quais, dadas as suas características e condições específicas em que se desenrola o seu processo produtivo, se repercute positivamente uma acção mais directa e intensa, uma relação mais estreita entre o cultivador e a terra, entre o homem e a natureza. A realidade húngara tem demonstrado à evidência as ressonâncias desta opção, o seu contributo para o abastecimento do país, para o progresso económico-social do sector e da Hungria. Além disso, esta via não deixa de abrir perspectivas para se evitarem certos prejuízos colaterais e danos ao meio ambiente, somando desse modo novas parcelas para a produção final.

As explorações familiares citadas anteriormente (pequenas parcelas, empresas auxiliares e privadas) actuam em combinação, ou melhor, em simbiose com as cooperativas agrícolas de quem recebem o apoio necessário à sua actividade, nos aspectos quer técnicos quer económicos e comerciais. São peças da cooperação entre o sector colectivo e o sector familiar das cooperativas húngaras, os incentivos materiais assim como a garantia de escoamento dos seus produtos através de contratos previamente estabelecidos entre ambas as partes. Não surpreende, por isso, o dinamismo dessas pequenas unidades de tipo familiar, a sua capacidade de resposta adequada e rápida aos factores que intervêm na produção e de adaptação aos diferentes fenómenos que envolvem esta última, o seu peso relativamente importante na satisfação das necessidades internas e das solicitações do mercado externo húngaro.

Às originais transformações introduzidas pela reforma económica de 1968, que contribuiu também para se elevar o nível de tecnicidade da agricultura da Hungria, se deve o progresso que, de então para cá, se tem verificado nos índices de produtividade das culturas mais relevantes na economia agrícola deste país. Entre os dois últimos quinquénios (1971-1975 a 1976-1980), a produção média por hectare de trigo subiu de 3.325 kg para 4.065 kg e a de milho de 4172 kg para 4850 kg, respectivamente. Em 1980, a produção média de leite foi de 3500 litros/vaca contra 2100 litros em 1970. A Hungria tem sabido responder às exigências das diversas etapas do seu processo de desenvolvimento agrícola e económico e criar formas que, mantendo o essencial do tipo de desenvolvimento socio-económico, não deixa de revelar uma certa originalidade. É facto inegável o êxito que a agricultura húngara tem conseguido nos últimos anos. A sua auto-suficiência agro-alimentar, a sua modernização técnico-económica, a sua participação relativamente importante no mercado mundial, o seu progresso no campo social e cultural não serão provas bastantes da facundidade do caminho percorrido, da estratégia escolhida, das inovações introduzidas? O tempo o dirá, mas pendemos a responder pela afirmativa. De qualquer modo, as transformações já realizadas, mobilizadoras dos potenciais nacionais húngaros, têm justamente suscitado a devida ponderação em diversos horizontes socio-económicos mundiais. A sua assimilação crítica, apoiada numa análise objectiva, proporcionará certamente elementos úteis à dinâmica produtiva dos diferentes tipos de sociedade na época actual.

(1) **Sistemas de Produção Agrícola na Hungria**, MEM Inform. Kozpontja, Budapeste, 1983, pág. 46

MONIZ PEREIRA E FERNANDO MAMEDE ASSINAM CONTRATO COM "LE COQ SPORTIF"

O consagrado treinador português de renome internacional Moniz Pereira, considerado o grande impulsionador e principal responsável pela criação em Portugal de uma escola de atletismo de meio-fundo altamente competitiva, e Fernando Mamede, o recordista mundial dos 10 000 metros com um dos tempos mais extraordinários da história do Atletismo, acabam de assinar contrato por 3 anos com «Le Coq Sportif».

Assim, durante este período, Moniz Pereira e Fernando Mamede vestirão «Le Coq Sportif» em todas as provas, excepto a nível de selecção, recebendo desta marca não só todos os equipamentos necessários bem como o apoio indispensável a uma participação de acordo com o elevado prestígio de que ambos disfrutam internacionalmente.

Moniz Pereira e Fernando Mamede juntam-se assim a muitos outros nomes de primiro plano no mundo da alta competição que deram também a sua preferência a «Le Coq Sportif», uma das marcas de equipamentos desportivos mais prestigiadas em todo o Mundo!

Caiu a alguns metros

Fugiu da de perten

• *Era aguard*

Uma reclusa da Cadeia das Mónicas, Maria Suzete Gonçalves Ribeiro, de 30 anos, acusada de pertencer às FP-25, continua a monte, após uma fuga concretizada na manhã de sábado, com o auxílio de dois homens armados que a aguardavam no exterior.

A concretização da fuga teve alguns aspectos inesperados, como seja a queda de Maria Suzete, que tentava chegar à rua, descendo do telhado por uma «corda» de lençóis. Além disso, os dois homens que a esperavam fizeram fogo de metralhadora, para intimidarem um agente da PSP que fazia segurança à porta do estabelecimento prisional e, ainda, de um guarda prisional que acorreu em seu auxílio.

A fuga, para além dos aspectos de planeamento, envolve ainda

Três comboios não vi

Sabotaram a do Vale do J

A Polícia Judiciária tem entre mãos a sabotagem de ontem de manhã no ramal do Jamor que impediu que a CP dinamizasse um serviço completo aos comboios especiais para transportar público para o Estádio Nacional, onde decorreu o Campeonato Mundial de Corta-Mato.

A direcção da linha de Cascais viu-se ontem de manhã obrigada a cancelar a esmagadora maioria dos comboios especiais previstos para o Vale do Jamor, através do respectivo ramal, ao constatar que a via tinha sido obstruída com pedras e aterros. Os autores da «proeza», segundo um informador da CP, terão utilizado máquinas pesadas. Ignora-se a razão de tal atitude, considerada pela CP de «puro vandalismo».

Estavam previstos vários comboios especiais da CP, entre as 12 e as 15 horas de ontem, com destino ao Jamor, através do ramal actualmente desafectado e que só é utilizado quando ali se organizam desafios internacionais de futebol, a final da Taça de Portugal ou outras provas desportivas de grande importância

Quatro reclusos da cadeia de Bra

Quatro reclusos da Cadeia de Bragança continuavam a monte, à hora do fecho do nosso jornal depois de, cerca das 20 horas de ontem, se terem evadido levando quatro pistolas de guerra, pertencentes a guardas prisionais que dominaram.

Segundo afirmou esta manhã ao «DL» uma fonte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, a fuga contou com ajuda do exterior, «pois foi detectada a presença, junto à porta da cadeia, de uma viatura de matrícula

Durante uma operaç

Inspector suíço alvejado por port

Um inspector da Polícia de Genebra foi gravemente ferido, na passada sexta-feira, aparentemente quando tentava prender em flagrante delito um traficante português de droga. O inspector, segundo as autoridades suíças, foi ferido num apartamento de Genebra, alugado a um portu-

Caiu a alguns metros do solo, quando a "corda" de lençóis rebentou

Fugiu das "Mónicas" acusada de pertencer às FP

● *Era aguardada por dois homens que dispararam tiros de intimidação*

Uma reclusa da Cadeia das Mónicas, Maria Suzete Gonçalves Ribeiro, de 30 anos, acusada de pertencer às FP-25, continua a monte, após uma fuga concretizada na manhã de sábado, com o auxílio de dois homens armados que a aguardavam no exterior.

A concretização da fuga teve alguns aspectos inesperados, como seja a queda de Maria Suzete, que tentava chegar à rua, descendo do telhado por uma «corda» de lençóis. Além disso, os dois homens que a esperavam fizeram fogo de metralhadora, para intimidarem um agente da PSP que fazia segurança à porta do estabelecimento prisional e, ainda, de um guarda prisional que acorreu em seu auxílio.

A fuga, para além dos aspectos de planeamento, envolve ainda uma grande audácia, uma vez que Maria Suzete foi obrigada a suspender-se de uma altura que ronda os 15 metros, tendo mesmo partido algumas telhas para conseguir fazer-se à rua.

A alguns metros do solo, a «corda» de lençóis cedeu ao peso da fugitiva e ela acabou por estatelar-se, sendo depois levada para um carro que aguardava perto, ao colo de um dos homens.

Maria Suzete Gonçalves Ribeiro encontrava-se em prisão preventiva, na Cadeia das Mónicas, desde Agosto de 1984, sob a acusação de estar envolvida no caso das FP-25. Tinha sido detida no Porto quando, segundo as acusações que lhe são formuladas, se dirigia para um assalto a um banco em Espinho.

Essa detenção, em Fevereiro de 1983, tem o seu quê de ironia, a acreditar na versão policial. Maria Suzete, ter-se-á dirigido a dois agentes da PSP que viajavam num carro parecido com um Fiat em que, alegadamente, se deslocavam dois comandos, com o objectivo de assaltarem uma dependência bancária em Espinho.

No momento em que o carro por si conduzido, uma «Dyanne», se cruzou com o carro dos polícias, Maria Suzete dirigiu-lhe algumas palavras que bastaram para desencadear a perseguição, com troca de tiros.

Dois agentes da PSP acabaram por ficar feridos, mas tanto Maria Suzete como José Barradas e Alexandre Figueira foram detidos, no Jardim do Carregal, no Porto, ao que parece quando se meteram por uma rua, em sentido contrário e desrespeitando os sinais de trânsito.

As prisões assim efectuadas terão permitido aos investigadores começarem a desenhar os contornos do processo que culminaria com a série de prisões no âmbito do chamado caso FUP/FP/25. José Barradas e Alexandre Figueira figuram, de resto, naquele processo, como «réus arrependidos».

Maria Suzete esteve inicialmente detida em Custoias, onde chegou a fazer greve da fome, em protesto contra os sucessivos adiamentos que o seu julgamento registou.

Mais tarde acabou por ser transferida para a Cadeia das Mónicas, em Lisboa, arrolada no processo das FP-25. Com a sua fuga, porém, o número dos detidos, sob a acusação de estarem envolvidos neste caso, desceu para 50.

A aparente coordenação de movimentos entre a fugitiva e os homens que a aguardavam no exterior levanta, de momento, muitos problemas aos investigadores. Maria Suzete era considerada uma má reclusa e, como tal, apesar de uma relativa liberdade de movimentos, certamente seria alvo de uma vigilância mais cuidada que as restantes.

Só que isso não obstou à concretização de uma fuga que nem sequer foi inédita, no que se refere à Cadeia das Mónicas. Há poucos anos, uma fuga idêntica obtivera êxito, com uma reclusa acusada de envolvimento em tráfico de droga.

Três comboios não viram triunfo de Lopes

Sabotaram a linha do Vale do Jamor

A Polícia Judiciária tem entre mãos a sabotagem de ontem de manhã no ramal do Jamor que impediu que a CP dinamizasse um serviço completo aos comboios especiais para transportar público para o Estádio Nacional, onde decorreu o Campeonato Mundial de Corta-Mato.

A direcção da linha de Cascais viu-se ontem de manhã obrigada a cancelar a esmagadora maioria dos comboios especiais previstos para o Vale do Jamor, através do respectivo ramal, ao constatar que a via tinha sido obstruída com pedras e aterros. Os autores da «proeza», segundo um informador da CP, terão utilizado máquinas pesadas. Ignora-se a razão de tal atitude, considerada pela CP de «puro vandalismo».

Estavam previstos vários comboios especiais da CP, entre as 12 e as 15 horas de ontem, com destino ao Jamor, através do ramal actualmente desafectado e que só é utilizado quando ali se organizam desafios internacionais de futebol, a final da Taça de Portugal ou outras provas desportivas de grande importância

Era esse o caso, ontem, com o Mundial de Corta-Mato. Dos vários comboios previstos a CP apenas pôde realizar três, o primeiro antes de constatar ter havido sabotagem na linha e os dois outros para assegurar o regresso ao Cais do Sodré de muitas das pessoas que aí foram ver Carlos Lopes ganhar pela terceira vez o título mundial.

Foi necessário que uma equipa de via e obras da CP trabalhasse desenvoltamente para recuperar aquele ramal em poucas horas. Um informador da empresa disse ao «DL» esta manhã que os autores deste «acto de malvadez» foram ao «requinte» de obstruírem as agulhas com terra, de barrarem a linha com parte das travessas para renovação da dita (também colocadas em cima das agulhas), de atravessarem duas colunas de catenária, de danificarem a bilheteira provisória e de rebentarem a vedação provisória para controlo dos passageiros.

Só às 14 e 30 horas – mais de três horas depois do primeiro comboio – a CP pôs mais dois em circulação naquele ramal.

Denunciando erros da oposição e preparando as autárquicas

APU quer mais Algarve

A APU concorrerá a todos os órgãos autárquicos do Algarve, nas próximas eleições, segundo foi concluído em plenário da coligação ontem realizado em Faro. Propósitos manifestados no fim do encontro são igualmente o de manter todos os órgãos autárquicos já geridos pela APU, com o desejo de que as maiorias relativas sejam transformadas em absolutas; e que as câmaras de Silves e Faro passem a integrar aquele número, embora com maioria relativa.

O plenário distrital da APU de Faro garante ainda que lutará pela presidência das câmaras de Olhão, S. Brás, Aljezur e que ganhará novas freguesias, a par do reforço da coligação, com a conquista de novos mandatos que deverão ser conseguidos à custa do PS e do PSD. Em resumo, a APU do Algarve quer «alcançar a maior votação de sempre na região, em votos e percentagem de votação».

O objectivo da reunião, ontem realizada em Faro, era essencialmente o de analisar a situação do poder local na região algarvia e a discussão das eleições autárquicas e sua preparação.

Entre os «considerandos» do comunicado final, divulgado ainda ontem, avulta a denúncia da «política de desastre PS/PSD, que «favorece descarada e unicamente o grande capital», «conduz o povo à miséria e o País à ruína».

Mais concretamente, em discussão esteve «a ofensiva (governamental) contra o poder local democrático, descaracterizando-o, retirando-lhe meios e funções pretendendo a sua submissão e dependência do Governo, impondo-lhe encargos e visando a liquidação desta conquista de Abril».

Em foco e repudiada a tentativa de o Governo «substituir a actual lei eleitoral para as autarquias locais por uma outra que visa retirar o carácter democrático às eleições». Esse carácter antidemocrático, diz a APU, já está em curso com a «substancial redução dos membros dos órgãos autárquicos».

No Algarve, segundo a distrital da APU, «esta redução cifra-se em menos 528 eleitos directos e em menos 733 candidatos (menos 34,3 por cento) relativamente às eleições de Dezembro de 1982».

Depois, são as situações que a APU entende como menos transparentes, no que se refere a autarquias do Algarve: uma sindicância à Câmara de Silves, por irregularidade no serviço de obras; Faro com aumentos de taxas e tarifas no que se refere ao lixo e «procedimentos ditatoriais do presidente»; «em Olhão, a Câmara pauta a sua actuação pela ineficácia»; Aljezur, onde a democracia e o respeito pelas leis ainda não chegaram; Portimão com a degradação urbanística imposta pelo presidente; e muito mais que a APU enumera cuidadosamente.

Ataque claro aos socialistas: «as maiorias absolutas conquistadas pelo PS, em 1982, designadamente em Portimão, Lagos, Lagoa, Tavira, Aljezur, permitiram e acentuaram todos os factores negativos de uma gestão antidemocrática, de favoritismo político e de compadrio».

Quatro reclusos armados fugiram da cadeia de Bragança

Quatro reclusos da Cadeia de Bragança continuavam a monte, à hora do fecho do nosso jornal depois de, cerca das 20 horas de ontem, se terem evadido levando quatro pistolas de guerra, pertencentes a guardas prisionais que dominaram.

Segundo afirmou esta manhã ao «DL» uma fonte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, a fuga contou com ajuda do exterior, «pois foi detectada a presença, junto à porta da cadeia, de uma viatura de matrícula espanhola conduzida pelo filho de um dos evadidos».

De acordo com a fonte, os fugitivos, todos de etnia cigana e que cumpriam penas entre um a dois anos de cadeia, são José Joaquim Correia, João Amador Herdeiro, António José Camelo e Joaquim Alberto Jorge.

As buscas estão a cargo da GNR, e da PSP, através de uma operação de controlo de todas as estradas do distrito, envolvendo cerca de uma centena de agentes.

Durante uma operação antidroga

Inspector suíço alvejado por português

Um inspector da Polícia de Genebra foi gravemente ferido, na passada sexta-feira, aparentemente quando tentava prender em flagrante delito um traficante português de droga. O inspector, segundo as autoridades suíças, foi ferido num apartamento de Genebra, alugado a um português que ali residia com a mulher e dois filhos.

Vizinhos do emigrante afirmaram que no dia em que se registou o incidente com o inspector «o português tinha enviado a família para outro local, como se estivesse a preparar um golpe».

Iniciativa da Câmara de Oeiras mal aceite

Estruturas locais contestam Centro Cívico de Carnaxide

Associação de pais, comerciantes e organismos da juventude estão a contestar em abaixo-assinado os critérios da construção de um centro cívico em Carnaxide com cerca de 20 mil metros quadrados.

Segundo o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Silva Ramos, a instalação, cujo anteprojecto será apreciado nos próximos dias pela edilidade, proporcionará aos moradores «uma praça pública com intensa actividade comunitária».

Mas, segundo um documento agora divulgado, e há cerca de uma semana dirigido ao presidente da Câmara de Oeiras, «o projecto do prometido Centro Cívico não apresenta as necessárias estruturas de apoio» à população mais jovem.

As associações de jovens de Carnaxide pedem nomeadamente maiores equipamentos culturais e desportivos. Por sua vez, um abaixo-assinado de algumas dezenas de comerciantes, também dirigido à Câmara, considera que «as áreas atribuídas às partes cívica, religiosa, cultural e comercial não se adequam às necessidades da população».

Entendem os subscritores, por outro lado, que a forma como o centro está concebido «pode vir afectar o comércio já existente em Carnaxide», pois foram destinadas áreas «excessivamente grandes» para fins comerciais.

Os comerciantes dizem no documento dirigido ao presidente da edilidade que «as instalações de convívio, cultura, desporto e lazer é que poderão dar vida própria à localidade».

Também a Comissão de Pais da Escola Preparatória de Carnaxide dirigiu um documento ao presidente da Câmara constando os termos em que o projecto está elaborado.

Um porta-voz da associação, Barbosa Pereira, disse «as áreas cultural, religiosa e autárquica do porjecto estão previstas adequadamente», mas que «a juventude só tem um centro com 200 metros quadrados, tal como o Clube Desportivo, o que é nitidamente pouco em 20 000 metros de construção».

«Quanto à parte comercial — disse o mesmo porta-voz — o centro não deveria ultrapassar os 5500 metros».

De acordo com o presidente da Câmara, o projecto, a concretizar por fases durante cinco anos, «beneficia significativamente os moradores» uma vez que não será «mais uma célula de prédios de habitação» mas um equipamento completo destinado ao conjunto das suas necessidades.

A obra envolverá um investimento de cerca de 713 mil contos e inclui zonas verdes, zona comercial, dois cinemas, creche, centro paroquial, centro cultural e parques de estacionamento.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Recordo-me perfeitamente daquele dia. Havia em casa movimento fora do comum. Limpavam-se as janelas, punham-se cortinas novas, pintaram-se as paredes, trouxeram-se vasos de plantas exóticas para os corredores e patamares.

***— Hoje, temos a visita da tia Guida** — explicou o meu pai.*

Eu, na minha santa ingenuidade, perguntei se era assim tão importante recebermos bem a tia Guida. Responderam-me que sim. Que era uma dama muito respeitável à qual os ligavam tradições de boa cepa. Aprofundando a questão, vim a saber que a tia Guida é a dona de todas as minas da nossa quinta. As melhores frutas do pomar vão igualmente para a tia Guida. Sem falar, é claro, nos melhores vinhos. O vinho do Porto, por exemplo. Era a gente quem o fazia, era nossa a terra que o produzia — mas quem o bebia e quem enchia a burra com ele, era a tia Guida, nem mais, nem menos.

*Certo parente nosso, grande poeta, chamou-lhe **bêbada, cínica,** e outros mimos.*

***— Coitada da senhora!** — exclamei eu, na minha santa ingenuidade.*

Pois. Então o meu pai contou que a ideia da tia Guida foi sempre andar às nossas costas. E de cada vez que a gente queria levantar cabelo — zás! A tia agarrava na moca e a boquinha fechava-se.

Lembra-se o meu pai que um dia houve certo sujeito que se meteu cá em casa. Vai a tia Guida tirou-o de cá e pôs-se cá a ela. Pior a emenda que o soneto! E se a gente não se punha a pau com o serviço, ainda hoje a tínhamos cá. Quanto às jóias da minha avó, levou-lhas todas. Pôs-nos fora de todas as casas que o meu avô levantara com tanto sacrifício.

Tu vês, meu filho —** continuou o meu pai apontando para longe — **tu vês aquelas terras, imensas, lá adiante? Aquelas terras que, a esta suave luz da tarde, parecem pintadas a cor-de-rosa? Aquelas terras eram nossas e foi a tia Guida quem as tirou...

Por tudo isto, perguntei ao meu pai porque devíamos receber tão bem a tia Guida.

—Que pergunta, filho —** respondeu o pai — **Por um dever de gratidão. A tia Guida sempre foi uma grande amiga.

bons melões

EXIGEM BOAS SEMENTES

MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS E BALDES DE 5 KILOS.

José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel 856754 863426
Rua de S. Manuel de Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel 25375

editando no presente livros chave • básicos no futuro •

O Problema Epistemológico da COMPLEXIDADE

Já nas melhores Livrarias

Este livro é o resultado de um debate entre EDGAR MORIN e sete professores universitários portugueses de diversas áreas da investigação. Um manancial de reflexão sobre o problema da complexidade e, simultaneamente, uma preciosa ajuda à compreensão do pensamento original, ousado e estimulante de EDGAR MORIN.

CAMÕES e SONETOS

REVOLUÇÃO e INSTITUIÇÕES
MANUEL DE LUCENA

Esta não é mais uma edição dos «Sonetos», é a reconstrução do conjunto que o tempo e os humanos tinham mutilado ou despedaçado em fragmentos desconexos.
Maria de Lourdes e José Hermano Saraiva ordenaram os sonetos temática e cronologicamente. Cada peça ganhou um sentido novo. O que poderia ser um cego acervo de antigualhas eruditas aparece assim com uma nova luz: surge-nos um novo Camões, profundamente humano, com uma mensagem de amor e protesto.
Uma obra que passa a ser indispensável possuir.
Edição anotada.

Entre 1974 e 1976, os Grémios da Lavoura alentejanos foram extintos.
Com este livro é agora possível compreender como essas instituições se transformaram; qual o comportamento dos grupos sociais para obter o seu domínio e serviços; as lutas de classe, sociais, políticas, regionais, familiares e institucionais que nelas se desenvolveram — enfim, uma das mais interessantes e elucidativas histórias da sociedade civil na revolução. Um livro essencial para perceber o que foi e o que resta da REFORMA AGRÁRIA.

Obviamente... uma edição
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 83-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2622, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 6 kV com 119 metros, do poste n.º 1-A da linha para o PT de José Tomé Beato, ao posto de transformação n.º 1083 do Bairro de Buenos Aires.
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Março de 1985

Pel' O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Ataque da UNITA a um hotel de Huambo

A agência oficial angolana, ANGOP, confirmou hoje o ataque bombista da UNITA contra um hotel da cidade de Huambo mas negou que tivesse havido mortos.

Num comunicado sobre a explosão, emitido no último fim-de-semana, o movimento rebelde angolano indicava que se tinham registado 75 mortos, entre os quais 11 cubanos e nove búlgaros.

O hotel atingido pela explosão, o Almirante, situa-se numa das mais modernas zonas residenciais da cidade do Huambo e era especialmente utilizado para alojar estrangeiros.

A ANGOP admite que a explosão da bomba, colocada por comandos da UNITA, provocou cerca de 50 feridos, enquanto outras fontes sugerem que o edifício do hotel sofreu grandes estragos.

No seu comunicado, o movimento de Jonas Savimbi reivindica também a sabotagem de 11 torres das linhas de transporte de energia entre a barragem de Cambambe, no Norte, e a cidade de Luanda.

Terminou a greve geral na Bolívia

Milhares de mineiros descontentes com um acordo salarial desfilaram ontem nos arredores da capital cantando «morte ao governo», assinalando o fim de uma ruinosa greve geral na Bolívia, revelaram fontes sindicais em La Paz.

Líderes sindicais exigiram um salário mínimo de 600 dólares por mês, mas, segundo um acordo alcançado sábado com o Governo, um trabalhador receberá cerca de 140 dólares por mês, incluindo subsídios para alimentação, transportes e diuturnidades.

A subida representa um aumento de cerca de 40 por cento dos salários pagos em Fevereiro, quando o governo decretou uma desvalorização do peso de 82 por cento e aumentos de preços dos produtos básicos.

A greve geral, que afectou particularmente a indústria mineira vital para o país e encerrou fábricas e serviços públicos, custou à Bolívia cerca de 10 milhões de dólares de prejuízos económicos.

Mas o presidente Hernan Silas Suazo saiu do conflito com o prestígio reforçado, resistindo às exigências sindicais e acordando concessões económicas menores do que as exigidas pelos líderes sindicais.

Um dos factores que contribuiu para o fim da greve foi a decisão de Silas Suazo de enviar tropas do Exército na passada quarta-feira para La Paz depois de a capital ter sido invadida por 10 000 mineiros, um grupo militante que desempenha um papel de relevo na actividade grevista na Bolívia.

O acordo que pôs termo à greve abre caminho para Silas Suazo realizar eleições a 14 de Julho, renunciando depois à presidência um ano antes, fórmula de paz política alcançada com o congresso.

Polícias militares observam a passagem de um camião repleto de cidadãos negros presos

Em ambiente tenso mas sem incidentes

Vítimas do "apartheid" foram ontem a enterrar

Uma grande aglomeração de vários milhares de pessoas assistiu ontem a um funeral tenso mas pacífico, no rescaldo dos incêndios de habitações após uma noite de renovada violência, revelaram fontes da imprensa de Uitenhage, África do Sul.

Jornalistas negros do «Herald Newspaper» calcularam a multidão em 35 000 pessoas, mas o porta-voz da Polícia, coronel Gerrie Van Rooyen, disse que cerca de 8000 negros se concentraram para o serviço e cortejo fúnebres até ao cemitério no bairro negro perto de Uitenhage.

Mais três negros morreram entretanto em recontros com a Polícia, na madrugada anterior ao funeral, elevando para 10 o total de mortos desde que a Polícia alvejou mortalmente, quinta-feira passada 19 negros, que se manifestavam num bairro negro perto de Uitenhage, uma cidade industrial na província do Cabo, no leste do território sul-africano. Desde aquela data, porém, o número de mortos, devido à violência que se instalou, ultrapassa já as quatro dezenas.

Para além de um helicóptero que acompanhou o evoluir dos acontecimentos, a Polícia não se mostrou durante as cinco horas que durou o serviço fúnebre e o cortejo até ao cemitério próximo da cidade.

O porta-voz disse que a Polícia guardou distância intencionalmente, para evitar confrontos com a multidão no segregado bairro negro de Kwanobuhle.

Centenas de polícias e soldados estacionavam numa das extremidades do bairro negro em veículos brindados e observavam o cortejo com binóculos. Jornalistas brancos foram impedidos de entrar no bairro.

Negros que saíam de Kwanobuhle disseram também que o serviço fúnebre ao ar livre e a procissão pelas ruas do bairro decorreram de uma forma pacífica, atendendo aos três dias de violência provocados pela acção da Polícia quando alvejou mortalmente, no dia em que se celebrava o massacre de Sharpville, os 19 manifestantes negros.

A Polícia sul-africana montou um dispositivo de segurança nas cidades negras da província do Cabo na previsão de novos incidentes.

Críticas de Tutu ao Papa

O bispo anglicano de Joanesburgo, Desmond Tutu, disse ontem que o Vaticano devia dar maior apoio aos bispos católicos que combatem o «apartheid» e criticou o Papa por ter recebido o primeiro-ministro da África do Sul.

A audiência que o Papa João Paulo II concedeu em 11 de Junho passado ao primeiro-ministro Pieter Botha «parece ser uma bofetada na face» dos sul-africanos não brancos, afirma Tutu numa entrevista ao jornal «Il Manifesto», de Roma.

El Salvador

O general Medrano foi morto a tiro

O general na reserva José Alberto Medrano, da ultra-direita salvadorenha, foi mortalmente alvejado por atiradores não identificados, em frente de um teatro de San Salvador, no sábado passado, revelaram testemunhas oculares.

As testemunhas, que pediram para não serem identificadas por receio de represálias, disseram que três atiradores abriram fogo contra a viatura do general, matando-o instantaneamente.

Nenhum grupo reivindicou até agora a autoria do atentado.

Madrano, que em tempos manteve estreitas ligações com o líder extremista de direita Roberto D'Aubuisson, um dos supostos instigadores do assassínio do arcebispo Arnulfo Romero, criara na década de 60 um grupo paramilitar conhecido por «Ordem», para ajudar a combater as ideologias de esquerda. O grupo depressa se transformou num «esquadrão da morte», com a designação de «Mano Blanca».

Medrano, considerado pela propaganda oficial da época um herói da sangrenta «guerra das 100 horas» entre El Salvador e as Honduras, em 1969, embora na reserva, era conhecido pelo seu envolvimento na actividade dos grupos de «vigilantes» de direita, responsáveis pela morte ou «desaparecimento» de milhares de pessoas.

Memória do arcebispo Romero

Cerca de 5.000 pessoas desfilaram ontem pelas ruas da capital salvadorenha para assinalar o quinto aniversário do assassínio do arcebispo Oscar Romero e pressionar para que os seus assassinos sejam levados à justiça.

Romero, um firme defensor dos direitos humanos e dos pobres foi morto a tiro quando se preparava para celebrar missa numa capela de um hospital.

O seu sucessor, o arcebispo Rivera y Damas, disse ontem na sua homilia que a paz no país dependia da investigação das mortes de Romero e de muitas outras vítimas da violência política.

Um antigo oficial dos serviços secretos salvadorenhos disse numa conferência de imprensa em Washington, a semana passada, que direitistas salvadorenhos pagaram 120.000 dólares a um rebelde nicaraguense de direita para ajudar a matar Romero, conforme ontem noticiámos.

Guatemala: 51 mortos num desastre de autocarro

Pelo menos 51 pessoas morreram e outras 20 ficaram feridas quando o autocarro em que seguiam se precipitou por um barranco, numa estrada a 35 quilómetros da Cidade da Guatemala, informou a Polícia.

Segundo a mesma fonte, no veículo viajavam 71 pessoas que se dirigiam à igreja de San Felipe, desta cidade.

A causa do acidente – ainda segundo a Polícia – deveu-se ao facto de o veículo ter ficado sem travões, tendo caído numa tribanceira de 120 metros de profundidade.

Médicos do Hospital Geral de Guatemala, lugar onde se encontram as vítimas, disseram à agência EFE que 41 pessoas morreram no lugar do acidente, e que outros dez faleceram ao chegar ao hospital.

Os médicos indicam que dez dos feridos se encontram em estado de coma e temem que nas próximas horas o número de mortos aumente.

O conflito irano-iraquiano

Reacende-se a 'guerra das cidades'

O Iraque anunciou hoje que a sua aviação atacou Teerão e outra cidade iraniana em retaliação por ataques iranianos contra Bagdad e outras localidades iraquianas.

Um porta-voz militar referiu que os ataques iraquianos foram perpetrados meia hora depois de uma potente explosão ter sido ouvida em Bagdad.

O Irão informou anteriormente que lançou o seu quinto míssil terra-terra contra Badada, na sequência de repetidos ataques iraquianos contra navios no golfo. Dois petroleiros foram alvejados próximo do terminal petrolífero na ilha iraniana de Kharg, ontem.

O porta-voz de Bagdad indicou que a aviação iraquiana atacou alvos seleccionados em Teerão e Kashan, 200 quilómetros a sul da capital iraniana, e que todos os aviões regressaram em segurança à sua base.

O informador iraquiano reconheceu, aparentemente, pela primeira vez, que o Irão lançou ataques com mísseis terra-terra quando criticou os «lacaios sionistas e árabes só de língua» – termos normalmente usados por Bagdad para se referir à Síria ou à Líbia – por alegadamente fornecerem armas ao Irão.

Não se sabia que o Irão possuía mísseis capazes de atingir Bagdad, mas diplomatas sugeriram que a Líbia teria fornecido a Teerão mísseis SCUD-B, de fabrico soviético.

A explosão hoje registada em Bagead foi a quinta. O Iraque atribuiu as primeiras duas a engenhos colocados por agentes iranianos. No entanto, o Irão garantiu que nos últimos 12 dias lançou mísseis contra a capital iraquiana.

Ontem, o Iraque rejeitou a proposta de suspensão dos bombardeamentos contra as zonas residenciais formulada unilateralmente pelo Irão.

Citando um comunicado do Estado-Maior iraquiano, a emissora disse que prosseguirão os ataques «contínuos e justificados», contra o Irão.

Comentário soviético

O órgão oficial das Forças Armadas soviéticas qualifica a guerra irano-iraquiana de «conflito preocupante e perigoso» e convida as duas partes a pôr fim às hostilidades.

Sem tomar partido a favor de qualquer dos beligerantes, o autor do artigo do «Estrela Vermelha» afirma que unicamente os inimigos do Irão e do Iraque, «nomeadamente o imperialismo norte-americano e o aliado israelita», tiram proveito da guerra do golfo.

O órgão oficial das Forças Armadas soviéticas afirma que «os peritos militares estrangeiros são praticamente unânimes em considerar que nenhuma das duas partes em conflito está em condições de vencer».

O jornal acusa Washington de obrigar os países do golfo a dedicar enormes quantidades de dinheiro a carissimos programas militares, apresentados como necessários à segurança das monarquias árabes.

Washington, conclui o jornal soviético, não está realmente interessada em defender as nações do golfo e procura unicamente envolvê-las «nas suas aventuras militares».

Paquistão

Novo primeiro-ministro pede fim da lei marcial

O novo primeiro-ministro paquistanês, Mohammed Khan Junejo, tomou ontem posse em Islamabade e pediu ao presidente, general Mohammed Zia Ul-Haq, para levantar a lei marcial de modo a que o novo governo civil possa funcionar democraticamente.

Junejo, 54 anos, foi nomeado por Zia sábado e recebeu ontem um voto unânime de confiança da Assembleia Nacional ou Câmara Baixa.

O agronomista treinado na Grã-Bretanha e antigo ministro dos Caminhos-de-Ferro depois do voto de confiança sublinhou: «Lutarei pelo domínio da lei, aplicação da justiça e soluções para os problemas do povo».

«Farei o possível para ver um firm breve da lei marcial efectuando a actual transição do governo militar para o civil no mais curto prazo de tempo».

«Informei o presidente Zia que um governo civil e a lei marcial não podem marchar juntos» disse Junejo, que falou em urdu, a língua oficial do Paquistão.

Falando por entre fortes aplausos Junejo disse ter informado Zia para estabelecer um programa definitivo destinado a levantar a lei marcial para que «um governo verdadeiramente democrático, composto por representantes civis eleitos do povo, possa ser estabelecido».

O novo primeiro-ministro paquistanês Mohammad Khan Junejo

O novo Parlamento compõe-se de uma Assembleia Nacional de 237 lugares e de 87 membros do Senado e reuniu-se pela primeira vez há cinco dias depois das eleições gerais do mês passado.

Junejo é o nono primeiro-ministro dos 38 anos de existência do Paquistão.

Terá de dirigir o governo sob a forte influência de Zia, que detém os poderes conferidos pela lei marcial e o seu posto como chefe do Estado-Maior do Exército e de comandante supremo das Forças Armadas.

Manifestação em Espanha contra presença da NATO

Pelo quinto ano consecutivo milhares de pacifistas espanhóis participaram ontem numa marcha até à base aérea norte-americana de Torrejon para se oporem à continuada presença da Espanha na NATO, revelaram fontes oficiais em Madrid.

Os manifestantes exigiram ainda o desmantelamento das quatro bases norte-americanas em Espanha.

Os organizadores da associação anti-NATO de Madrid calcularam que entre 75000 a 100000 pessoas marcharam 20 quilómetros desde a capital espanhola até Torrejon de Ardoz, local de uma das duas bases aéreas norte-americanas em Espanha. A outra está situada em Saragoça.

Não se registaram incidentes. Nem a Polícia nem as autoridades públicas deram estimativas da multidão.

Os manifestantes apelaram à Espanha para deixar a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a que aderiu como seu 16.º membro em Maio de 1982.

O primeiro-ministro socialista, Felipe Gonzalez, que inicialmente se opôs à presença da Espanha na NATO, favorece-a agora, mas prometeu realizar um referendo sobre a questão no prazo de um ano.

Os manifestantes apelaram também para a partida dos 12000 militares e civis norte-americanos estacionados em Torrejon, Saragoça, na base da rota naval no Sudoeste da Espanha e numa outra base em Moron de La Frontera.

Os manifestantes empunhavam também bandeiras opondo-se à visita a Espanha de 6 a 8 de Maio do presidente norte-americano Ronald Reagan.

"Guerra das estrelas"

Genscher apela a posição comum dos países europeus da NATO

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal, Hans- Dietrich Genscher, pediu aos países europeus da NATO para tomarem uma posição comum acerca da investigação norte-americana sobre armas espaciais.

«É necessário para nós desenvolver uma posição comum europeia que nos coloque em destaque no interior da NATO», disse Genscher, numa entrevista à televisão alemã-federal.

Genscher expressou também o seu apoio aos comentários feitos pelo chanceler Helmut Kohl sobre o programa norte-americana do investigação de armas espaciais, vulgarmente conhecido por «Guerra das Estrelas», numa aparente tentativa para refutar recentes especulações de que os dois diferem sobre o assunto.

Na quarta-feira passada, Kohl disse que a Alemanha Federal ainda não tinha decidido se iria envolver-se no programa de investigação e que ele tornar-se-ia desnecessário se as negociações sovietico-norte-americano sobre desarmamento, em Genebra, fossem bem sucedidas.

No princípio da semana, Genscher avisara que o programa «Guerra das Estrelas» podia aumentar o perigo de uma guerra convencional na Europa.

«MX»: «suspense» nos EUA

A Câmara dos Representantes vai dificultar a atribuição de fundos para produzir mais mísseis «MX» afirmou ontem o chefe de gabinete da Casa Branca, Donald Regan.

«A votação será dificultada porque os líderes da maioria democrata têm desenvolvido uma campanha para inviabilizar o programa» disse Regan no programa «Meet the Press» da cadeia de Televisão NBC.

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, chamou recentemente a Washington o chefe da delegação norte-americana às negociações de Genebra sobre desarmamento para debater a questão dos «MX».

PÁSCOA-85
ESCOLHA O SEU DESTINO

Cruzeiro a IBIZA - PALMA • MARROCOS • LOURDES • TORREMOLINOS • ANDORRA • SEVILHA • MADRID • GIBRALTAR • MINHO • GRANADA • CEUTA • TÂNGER • MONFORTINHO • GALIZA • VIGO • MÉRIDA • ALGARVE • SALAMANCA • BRAGA, etc., etc.

31 VIAGENS - 5 ALMOÇOS

Consulte o n/ CATÁLOGO

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435/83
RESERVAS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Sabe que livros acabam de sair?

Sabe que filmes vale a pena ver?

Sabe que programas de TV não deve perder?

Sabe quais as principais exposições em todo o País?

A partir de terça-feira, 26, poderá saber tudo isto e muito mais lendo

JL jornal de letras, artes e ideias

- Uma nova estrutura e um novo aspecto gráfico
- Uma escolha **crítica** de oito páginas sobre Livros, Teatro, Exposições, Música, Cinema e Televisão
- Eduardo Prado Coelho escreve sobre o discurso político
- Uma maior atenção às Ciências Sociais
- Uma página de Poesia

JL, às terças-feiras agora ainda mais actual

CGTP vai propor novas acções de rua contra o Governo

O Conselho Nacional da CGTP, reunido este fim-de-semana, decidiu apresentar no plenário do próximo dia 29 propostas para novas acções de massas «contra esta política e este Governo».

Aquele órgão da Inter considerou que a jornada de luta do passado dia 16 «demonstrou que os trabalhadores e o seu movimento sindical não vergam perante a repressão».

A CGTP analisou e repudia projectos do Governo que, segundo afirma em comunicado «visam liquidar as UCP's e cooperativas, liberalizar os despedimentos, entregar recursos nacionais ao grande capital estrangeiro (minas de cobre) e aumentar as rendas de casa numa situação de miséria social crescente».

O comunicado considera que a luta dos trabalhadores é «o facto mais decisivo para pôr termo a esta política e a este Governo e viabilizar uma alternativa democrática»

Corrente sindical de classe

Também este fim-de-semana esteve reunida, pela primeira vez, a corrente sindical de classe da CGTP-IN, tendo exigido o pagamento de todos os salários em atraso, o congelamento dos artigos de primeira necessidade e a revogação dos acordos com o FMI

Os sindicalistas reivindicaram também a anulação dos despedimentos em curso ou em preparação na Lisnave, Metalúrgica Duarte Ferreira, Sorefame e EDP e a suspensão do pagamento dos juros e amortizações da dívida externa

No final do encontro, que durou dois dias, foi aprovada uma declaração de princípios de crítica à UGT que «tem cumprido fiel e servilmente os objectivos com que foi criada pela burguesia: dividir os trabalhadores».

Para os sindicalistas de classe «a direcção da CGTP-IN tem enredado pelo caminho reformista de desenvolver acções de massas impotentes, depois das medidas aprovadas e sempre na perspectiva do apelo submisso às instituições de poder e órgãos de soberania»

No campo económico a corrente sindical defende aumentos salariais que combatam a inflação e o permanente alargamento do leque salarial».

O documento final aprovado no encontro defende ainda o encerramento das bases estrangeiras em território nacional e a proibição de armazenamento e trânsito de armamento nuclear.

Pescadores levantam bloqueio ao porto de Olhão

Os pescadores do Algarve levantaram às 17 horas de sábado o bloqueio ao porto de Olhão, por o Governo ter assumido o compromisso de analisar as suas exigências durante uma reunião que hoje decorre na Direcção-Geral das Pescas – disse um porta-voz sindical.

O porto de Olhão encontrava-se bloqueado, por cerca de três dezenas de embarcações, que na sua quase totalidade se dedicam às fainas do cerco, rapa, emalho e ainda de alcatruzes.

É a lei que regulamenta aqueles tipos de actividade que os pescadores põem em questão, já que a consideram desajustada da realidade.

A reunião de hoje, em que participa uma comissão de pescadores e do seu sindicato, foi convocada pelos director-geral das Pescas e a ela ficou a dever-se o levantamento do bloqueio, facto que, segundo o sindicalista, constitui «mais uma prova de boa vontade dos pescadores, em quererem resolver os problemas de uma forma pacífica e ordeira».

A mesma fonte sublinhou que «o Governo pode estar certo» que se a comissão que hoje se deslocou a Lisboa «não trouxer nada de novo, eles irão bloquear de novo o porto, indefinidamente».

O resultado das negociações será dado a conhecer amanhã aos pescadores, numa reunião a decorrer no Sindicato das Conservas de Olhão.

em duas palavras

● Os trabalhadores da CTM e da CNN vão concentrar-se amanhã, às 16 horas, frente à residência oficial do Primeiro-Ministro, a fim de protestarem contra a extinção das duas empresas. Entretanto a Federação dos Sindicatos do Mar, que sublinha em comunicado a disposição de os trabalhadores prosseguirem a luta «pela salvaguarda dos seus postos de trabalho», mostra estranheza «pelo comportamento do PR». E diz que este «se co-responsabilizou com a política do Governo ao promulgar a extinção» da CTM e da CNN.

● A UGT não fará oposição à banca privada em Portugal, mas «contesta a regulamentação que a cria, nomeadamente o **plafond** de 1,5 milhões de contos», que considera insuficiente, afirmou no Porto o seu secretário-geral, Torres Couto. Estas declarações foram proferidas no intervalo de um seminário que ali decorreu sobre «A reconversão industrial nos sectores tradicionais», por iniciativa da organização sindical.

● «A situação de desemprego que se vive presentemente em Portugal não é tão grave quanto se diz». A afirmação é do ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, durante um almoço promovido em Viseu pela Câmara de Comércio Luso-Francesa, em que participaram mais de uma centena de empresários da região. Para o MT, e contrariamente ao que diz o movimento sindical, a nova proposta de legislação laboral, posta à discussão pública, «encontrou a forma mais eficaz de combater o desemprego».

● A administração da Soponata suspendeu seis elementos da comissão de trabalhadores (CT), a quem instaurou processos disciplinares – revelou um porta-voz sindical. Esta decisão surgiu na sequência de «afirmações de membros da CT, criticando a gestão da empresa, que foram publicadas em órgãos da Comunicação Social». A mesma fonte considera a atitude da administração como «um acto intimidatório e repressivo» e exige a anulação dos processos.

● A greve de 48 horas dos trabalhadores da Torralta, que terminou no sábado, teve uma adesão de 98 por cento no hotel Golfinho, 90 por cento em Tróia e 80 por cento no Alvor, segundo um informador sindical. No complexo da serra da Estrela não houve paralisação, mas realizou-se um plenário em que foi aprovada uma moção de solidariedade com os trabalhadores em luta. A greve visou exigir o pagamento de salários em atraso e o reinício das negociações do acordo de empresa.

● Os problemas legislativos e laborais dos trabalhadores do espectáculo e a situação criada pelo Ministério do Trabalho ao condicionar a existência de carteiras profissionais, são hoje divulgadas em conferência de Imprensa e pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE). Este sindicato pretende chamar a atenção para o Dia Mundial do Teatro, que hoje se comemora, e que algumas companhias de teatro portuguesa vão celebrar oferecendo espectáculos gratuitos.

● A União dos Sindicatos da Madeira (USAM) criticou o facto de os trabalhadores da região e suas organizações de classe não terem tido oportunidade de se pronunciarem sobre o projecto de estatuto da região. A USAM considera que tal discussão «é tanto mais importante porque se trata de saber como é que a autonomia regional vai ser utilizada e se poderá ou não garantir os direitos, garantias e liberdades dos trabalhadores madeirenses».

expressos RN

«VASCO DA GAMA»

LISBOA-SINES

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS
EM VIGOR A PARTIR DE 28.1.85

HORÁRIO

A						B	A				
12H30	14H30	17H00	19H45		LISBOA	09H00	09H00	11H00	15H05	18H45	
13H15	15H15	17H45	20H30 C			P08H15	08H15	10H15	14H20	18H00	
13H20	15H20	17H50	20H35 P		ALCACER GRÂNDOLA	C08H12	08H12	10H12	14H17	17H57	
						07H25					
14H32	16H32	19H02	21H47		SANT CACÉM	07H00	07H00	09H00	13H05	16H45	
15H02	17H02	19H32	22H17 C			P06H30	06H30	06H30	12H35	16H15	
15H02	17H02	19H32	22H17 P		B.º St.º ANDRE SINES	C06H28	06H28	06H28	12H33	16H13	
15H15	17H15	19H45	22H30			06H15	06H15	08H15	12H10	16H00	
15H30	17H30	20H00	22H45			06H00	06H00	08H00	12H05	15H45	

A — Excepto Sábados, Domingos, Feriados Nacionais e 3.ª-Feira de Carnaval

B — Aos Domingos, Feriados e 3.ª-Feira de Carnaval

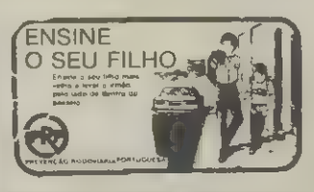
Efectua-se diariamente

EA-02 84

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

PARA MAIS INFORMAÇÕES

LISBOA – Telefones 72 58 07 – 72 58 32 – 72 58 54
(Dias úteis das 08H00 às 20H00)



Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro S.O.S. voz amiga

uma voz amiga estará contigo

CHE UNIDOS DA AMEIXOEIRA, CRL

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Capítulo IV, Secção II dos Estatutos, convoco uma A. G. Ordinária para reunir no dia 29.03.85 às 21h00 na sede da Junta de Freguesia da Ameixoeira, sita no Largo do Ministro, com a seguinte O. T.;

1 — Informações;
2 — Apreciação e votação do relatório e contas da Direcção, bem como do parecer do Conselho Fiscal relativos a 1984.

Lisboa, 12 de Março de 1985.

O PRESIDENTE DA MAG,
Luís Filipe Costa Ferreira

OLHÉ O PERIGO DE FRENTE!

123

RTP concurso

NOME

Idade ..... Profissão ...

Morada

Localidade Cod Postal

Telefone .....

Freguesia ..... Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE .....

Idade ..... Profissão

IMPORTANTE Preencher em letras maiusculas recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três Apartado 4315 1508 Lisboa Codex

O maior de todos os tem

Carlos L

Havia descrentes, mas Carlos Lop
mais esta prova de força) mostrou à s
atleta de fundo de todos os tempos, ba
tando amizades, logrando os mais sab
anos de idade, vencendo pela 3.ª vez
corta-mato, entre participantes de 52
da mais difícil competição mundial de
com a participação de concorrentes
como lhe apeteceu mas isso não inva
ciado há dias:

**– Esta é a minha última temporad
tismo no Brasil, quando a 31 de
Silvestre de São Paulo.**

Confiando apenas no seu valor, s
desprezando estágios mais ou menos
rir seguir o seu habitual regime de treino
do-se em casa à espera do tiro de pa
faceta extraordinariamente diferente e
que acredita na sua capacidade e não
em qualquer palavra de louvor ou c
táctico que não seja adoptada no se
afirmado que **estava nas lonas,** prati
fazer ofício de corpo presente, corre
uma inolvidável fuga para a vitória, esm
e deixando embasbacados os 300 jor
Jamor, pasmaram com a proeza do re

Lopes foi recebido com uma salva de palmas pelos jornalistas quando entrou na Sala de Imprensa e apenas fez um pedido: «Não se importam de esperar um pouco que eu gostaria de ver o fim da prova?» o campeão do Mundo disse não encontrar palavras para a sua satisfação pessoal com este triunfo, que considerou «mais difícil que o do ano passado», em Nova Iorque. «Só sei com que forças cheguei ao fim» – disse.

Lopes adiantou que, depois de ter perdido o regional, o nacional e o corta-mato preferiu não efectuar mais nenhuma prova e dar preferência ao treino: «O meu este foi esta prova!»

Eram 615 na linha de partida. Quatro pés descalços (para pesar das firmas de calçado) **imparam** os escalões júnior e feminino. Mas as honras maiores foram para Carlos Lopes, que triunfou na competição mais privilegiada: Ramalho Eanes, Mário Soares, Rui Machete, Miranda Calha, tudo o que é Governo neste País já remeteu palavras bonitas para o maior dos nossos campeões de sempre. Mas o prémio absoluto (disseram-nos o atleta do Sporting) é «em cada momento, a miudagem, pelas ruas, me reconhecer e vir cumprimentar. O beijo de um filho vale mais que todos os títulos. E agora, depois do que tenho feito, quero retirar-me deixando o público a imagem de um homem honesto, que nunca se traiu e jamais entregou as suas armas a quem quer que fosse. Faço em Dezembro: mas andarei sempre de cabeça erguida!».

Vivendo na nossa saudade – crescentemos.

Lopes: Tudo absoluto

Todos viram, todos aplaudiram: Carlos Lopes alcançou a sua 3.ª vitór
de C
metr
Jam
(cam
em L
depo
mau
acab
seus
espa
vame
quiló
aos
colo
nos
inicio
deixa
quen
Pat
came
nante
Ap
gues
cesso
Nova
comp
que n
chega
muito
Col
tugue
result
prova
niano
esper
norte-
classi
«desa
portug
rar qu
nário,
ões
«Cros
a equi

Os venced das 13 edi

- 1973 – Waregem (Bélgica): 1 – P.
- 1974 – Monza (Itália): 1 – Eddy de
- 1975 – Rabat (Marrocos): 1 – Ian S
- 1976 – Chepstown (País de Gales): C
- 1977 – Dusseldorf (RFA): 1 – Leon
- 1978 – Glasgow (Escócia): 1 – John
- 1979 – Limerick (Irlanda): 1 – John
- 1980 – Paris (França): 1 – Craig Vi
- 1981 – Madrid (Espanha): 1 – Craig
- 1982 – Roma (Itália): 1 – Mohamme
- 1983 – Gateshead (Inglaterra): 1 – B
- 1984 – Nova Iorque (EUA): 1 – **Carl**
- 1985 – Lisboa: **Carlos Lopes, Portu**

DESPORTO

O maior de todos os tempos no desporto português

Carlos Lopes: a louca fuga para a vitória

Reportagem por **NEVES DE SOUSA**
com o apoio da **«NP» e da «ANOP»**
fotos de **ANTÓNIO CAPELA**
e **RIBEIRO DA SILVA**

Havia descrentes, mas Carlos Lopes (se necessário fosse mais esta prova de força) mostrou à saciedade que é o melhor atleta de fundo de todos os tempos, batendo recordes, conquistando amizades, logrando os mais saborosos triunfos e, aos 38 anos de idade, vencendo pela 3.ª vez o campeonato mundial de corta-mato, entre participantes de 52 países. Nesta 13.ª edição da mais difícil competição mundial de crosse, pela primeira vez com a participação de concorrentes da China, Lopes triunfou como lhe apeteceu mas isso não invalidada o propósito anunciado há dias:

– Esta é a minha última temporada. Despeço-me do atletismo no Brasil, quando a 31 de Dezembro correr a S. Silvestre de São Paulo.

Confiando apenas no seu valor, sem qualquer **«muleta»**, desprezando estágios mais ou menos cosmopolitas para preferir seguir o seu habitual regime de treino e alimentação, quedando-se em casa à espera do tiro de partida, Lopes mostra uma faceta extraordinariamente diferente e insólita: é um campeão que acredita na sua capacidade e não deseja (nunca) embarcar em qualquer palavra de louvor ou designativa de esquema táctico que não seja adoptada no seu íntimo. Depois de ter afirmado que **estava nas lonas,** praticamente que **ia apenas fazer ofício de corpo presente, correr para a equipa,** assinou uma inolvidável fuga para a vitória, esmagando toda a caravana e deixando embasbacados os 300 jornalistas que, no Vale do Jamor, pasmaram com a proeza do rapaz de Vildemoinhos.

Lopes foi recebido com uma salva de palmas pelos jornalistas quando entrou na Sala de Imprensa e apenas fez um pedido: «Não se importam de esperar um pouco que eu gostaria de ver o fim da prova?» o campeão do Mundo disse não encontrar palavras para a sua satisfação pessoal com este triunfo, que considerou «mais difícil que o do ano passado», em Nova Iorque. «Só eu sei com que forças cheguei ao fim» – disse.

Lopes adiantou que, depois de ter perdido o regional, o nacional e o corta-mato preferiu não efectuar mais nenhuma prova e dar preferência ao treino: «O meu teste foi esta prova!»

Eram 615 na linha de partida. Quatro pés descalços (para pesar das firmas de calçado) **imparam** os escalões júnior e feminino. Mas as honras maiores foram para Carlos Lopes, que triunfou na competição mais privilegiada: Ramalho Eanes, Mário Soares, Rui Machete, Miranda Calha, tudo o que é Governo neste País já remeteu palavras bonitas para o maior dos nossos campeões de sempre. Mas o prémio absoluto (dissenos o atleta do Sporting) é «em cada momento, a miudagem, pelas ruas, me reconhecer e vir cumprimentar. O beijo de um filho vale mais que todos os títulos. E agora, depois do que tenho feito, quero retirar-me deixando ao público a imagem de um homem honesto, que nunca se traiu e jamais entregou as suas armas a quem quer que fosse. Saio em Dezembro: mas andarei sempre de cabeça erguida!».

Vivendo na nossa saudade – acrescentemos.

Lopes: o rei absoluto

Todos viram, todos aplaudiram: Carlos Lopes alcançou a sua 3.ª vitória no Campeonato Mundial de Crosse, cobrindo os 12 000 metros do percurso no Vale do Jamor com 33.33 minutos. Lopes (campeão olímpico na Maratona em Los Angeles) obteve o título depois de se ter considerado **em mau momento de forma,** mas acabou por superar todos os seus adversários numa corrida espantosa, em que correu tactivamente durante os primeiros quilómetros. Após os estudos aos adversários, Lopes colocou-se pelo lado de fora, e, nos últimos dois quilómetros, iniciou a sua fuga para a vitória, deixando para trás etíopes, queníanos e o norte-americano Pat Porter, vencendo inequivocamente uma corrida emocionante do princípio ao fim.

Apesar dos receios dos portugueses, Lopes reeditou o sucesso alcançado em 1984 (em Nova Iorque) ainda que o seu compatriota Fernando Mamede, que no período inicial da corrida chegou a comandar, se ficasse muito aquém das expectativas.

Colectivamente, a equipa portuguesa não conseguiu um bom resultado, devido à excelente prova dos atletas etíopes e queníanos que deitaram por baixo as esperanças portuguesas e norte-americanas numa boa classificação por equipas. Para o «desaire» colectivo da equipa portuguesa há ainda a considerar que a lesão de Ezequiel Canário, 2.º na «Taça dos Campeões Europeus» e 10.º no «Crosse de L'Equipe», desfalcou a equipa portuguesa.

Mamede comandou a parte inicial da corrida, rodeado dos etíopes e queníanos, com Carlos Lopes bem colocado, pelo lado de fora. À cabeça colocou-se depois o queniano Merandes, bem acompanhado pelos atletas etíopes, que apostaram no desgaste dos adversários, enquanto Mamede passava a cauda do primeiro pelotão. Carlos Lopes e o norte-americano Pat Porter assumiram o comando, ainda sob a vigilância atenta dos atletas africanos. O campeão olímpico da Maratona iniciou então a sua corrida para o título mundial, deixando para trás todos os restantes concorrentes, com uma passada larga e progressiva, que lhe valeu algum avanço sobre os seus mais directos perseguidores, com destaque para o etíope Balchak.

Ao terminar a sua fabulosa corrida, rodeado de admiradores e vendo a mulher (Teresa) com lágrimas nos olhos, Carlos Lopes continuava modesto como sempre: **nunca tinha acreditado na vitória, pois encontrava-me numa fase menos boa da carreira que** (reafirmou) **terminará no final do ano. A próxima despedida deu-me alento, mas nunca acreditei na vitória** – afirmou.

Carlos Lopes revelou que nas duas últimas semanas seguiu uma preparação diferente da que é habitual para poder recuperar. **Cheguei aqui com forças e foi o que me safou** – disse acrescentando ter tido, por opção táctica, uma partida lenta **para ir chegando lá à frente, se pudesse.** Quanto aos adversários, disse que nunca se preocupa com eles: apenas consigo próprio. Admitiu, no entanto, que os atletas africanos constituíam o maior problema a enfrentar, mas disse que na última volta arrancou para ver se conseguia deslocar-se. **E acabou por ser fácil...**

Esta foi a minha última prova ao serviço da selecção nacional afirmou Carlos Lopes, dizendo aos jornalistas que mantinha a decisão de abandonar o atletismo no fim da temporada e sustentando que **não voltava com a palavra atrás. O meu adeus será no Brasil, na S. Silvestre de S. Paulo** – confirmou.

Moniz Pereira: palavra autorizada

Moniz Pereira, responsável pela equipa de seniores de corta-mato, disse que Portugal teria ganho colectivamente se tivesse podido contar com Ezequiel Canário e João Campos. O técnico declarou que manteve sempre a esperança numa vitória de Carlos Lopes, porque ele **«nas últimas semanas treinou com determinação e seriedade, como é costume». Quando vi que o Lopes tinha conseguido alcançar o pelotão da frente comecei a perceber que dificilmente perderia a prova»** – disse ainda.

Fernando Mamede, segundo melhor português (com um 11.º lugar) disse que fez a sua corrida: **«Não estive a correr em tácticas, fiz o que podia. Se o meu andamento não dá para mais... paciência»** – disse o recordista mundial dos dez mil metros, que decidiu quebrar o habitual silêncio para com os jornalistas. Mamede, que se mostrava bem disposto, disse ainda ser sua vontade continuar a trabalhar para obter melhores resultados

O triunfo de Lopes deve-se à sua responsabilidade de campeão, de ganhador, de lutador. O campeão olímpico da Maratona preferiu não seguir com os seus companheiros para estágio no Algarve e achou que era preferível fazer o estágio final em sua casa.

Lopes, com a sua frieza habitual, estava fortemente moralizado para obter o título de campeão do Mundo, só que não o quis manifestar abertamente, como é seu apanágio. E só no sábado, numa improvisada conferência de Imprensa, disse que admitia a hipótese de ganhar e desvendou um pouco de si mesmo.

O próprio «bluff» ao afirmar que não se sentia em condições de discutir o título mundial e que ficaria satisfeito com um lugar entre os 10 primeiros é a qualidade do campeão Carlos Lopes. Para ele não existem barreiras psicológicas de qualquer espécie: com a vitória de ontem, sete meses depois de ter conquistado o título olímpico, tornou-se no melhor atleta de todos os tempos.

António Leitão (medalha de Bronze nos cinco mil metros em Los Angeles), disse, no final da prova: **«Fiz uma corrida inteligente, tinha de correr de trás para a frente para dar o meu contributo para a equipa, e acho que o consegui»** — acentuou.

Portugal obteve a sua 3.ª melhor classificação de sempre na prova de Seniores Masculinos do Mundial de Corta-Mato, ao terminar na 7.ª posição.

Vildemoinhos: a grande farra

Bombos, fanfarras e champanhe pelas ruas de Vildemoinhos e Viseu assinalaram, durante a noite, a 3.ª vitória de Carlos Lopes no Mundial de Corta-Mato. Habitantes ligados ao desporto e comércio de Vildemoinhos (terra natal de Carlos Lopes) adiantaram que **a vitória não foi festejada à tarde por causa do futebol.** O Lusitano de Vildemoinhos jogava em Santa Comba Dão, o que impediu a saída das pessoas às ruas de Vildemoinhos a festejarem o êxito do seu conterrâneo.

Por outro lado (acrescentaram) **já esperávamos que ele vencesse. Por isso, ficou tudo marcado para depois do jantar, como já aconteceu em outras ocasiões.**

No entanto, o ambiente não deixou de caracterizar-se pela

Continua na pág 14

A chegada do grande campeão sportinguista

Zola: descalça vai para a fonte dos dólares

Kimeli Kipkemboi: triunfo na 4.ª corrida feita no estrangeiro

Os vencedores das 13 edições

- 1973 – Waregem (Bélgica): 1 – P. Paivarinta (Finlândia)
- 1974 – Monza (Itália): 1 – Eddy de Beck (Bélgica)
- 1975 – Rabat (Marrocos): 1 – Ian Stewart (Escócia)
- 1976 – Chepstown (País de Gales): **Carlos Lopes, Portugal**
- 1977 – Dusseldorf (RFA): 1 – Leon Schots (Bélgica)
- 1978 – Glasgow (Escócia): 1 – John Treacy (Irlanda)
- 1979 – Limerick (Irlanda): 1 – John Treacy (Irlanda)
- 1980 – Paris (França): 1 – Craig Virgin (EUA)
- 1981 – Madrid (Espanha): 1 – Craig Virgin (EUA)
- 1982 – Roma (Itália): 1 – Mohammed Kedir (Etiópia)
- 1983 – Gateshead (Inglaterra): 1 – Bekele Debele (Etiópia)
- 1984 – Nova Iorque (EUA): 1 – **Carlos Lopes, Portugal**
- 1985 – Lisboa: **Carlos Lopes, Portugal**

Para a história

Seniores (12 000 metros)

1.º Carlos Lopes (Portugal), 33.33 minutos; 2.º Paul Kipkoech (Quénia), 33.37; 3.º Wodajo Bulti (Etiópia), 33.38; 4.º Bekele Debele (Etiópia), 33.45; 5.º John Treacy (Irlanda), 33.48 ; 6.º Kassa Balcha (Etiópia), 33.51; 7.º Christoph Herle (RFA), 33.53; 8.º Dave Murphy (Inglaterra), 33.57; 9.º Pierre Levisse (França) 33.56; 10.º Bruce Blackford (EUA), 33.57; 11.º Fernando Mamede (Portugal), 33.59; 12.º Pat Porter (EUA), 34.02; 13.º António Leitão (Portugal), 34.04; 14.º Andrew Masai (Quénia), 34.06; 15.º Victor Chumakov (URSS), 34.08; (...) 82.º Fernando Couto; (...) 120.º Hélder de Jesus; (...) 138.º Cidálio Caetano; (...) 155.º Rafael Marques; (...) 183.º David Tavares e (...) 230.º Lúcio Pereira.

Classificação colectiva: 1.º Etiópia, 130 pontos; 2.º Quénia, 141; 3.º Estados Unidos, 154; 4.º Itália, 259; 5.º Espanha, 321; 6.º Irlanda, 361; 7.º PORTUGAL, 365 e 8.º Inglaterra, 434

Senhoras (5000 metros)

1.ª Zola Budd (Inglaterra), 15.01 minutos; 2.ª Cathy Branta (EUA), 15.24; 3.ª Ingrid Kristiansen (Dinamarca), 15.27; 4.ª Fita Lovin (Roménia), 15.35; 5.ª Cornelia Burki (Suíça); (...) 13.ª Rosa Mota, 15.50; (...) 22.ª Albertina Machado, 15.57; (...) 30.ª Aurora Cunha, 16 05, ( ) 69 ª Lucília Soares, 16 29; ( ) 72 ª Rosa Oliveira, 16.32 e (...) 97.ª Conceição Ferreira, 16.59. Concluíram 131 atletas.

Colectivamente venceu a equipa dos Estados Unidos, com 42 pontos, seguida da URSS (77 pontos) e Roménia (96 pontos). Portugal obteve o 6.º lugar entre a 23 equipas classificadas, com 134 pontos, o que constitui a sua melhor classificação de sempre.

Juniores (7900 metros)

1.º Kimelli Kipkemboi (Quénia), 22.18 minutos; 2.º Habte Negash (Etiópia), 22 37; 3. Milkesa Woldsilasse (Etiópia), 22.37; 4.º Rafera Workench (Etiópia), 22.45; 5.º Ngoto Musyoki (Quénia), 22.48; (...) 9.º Manuel Gracia (Espanha), 23.15 – o melhor europeu; (...) 28.º Fernando Figueiredo, 23.50- (...) 78.º Carlos Reis, 24.45; (...) 91.º Joaquim Figueiredo, 25.01; (...) 94.º João Lopes, 25.06. Desistiram António Salvador e Rui Viegas. Concluíram a prova 139 atletas

Colectivamente venceu a Etiópia, com 16 pontos, seguida do Quénia (26) e da Espanha (69). Portugal classificou-se na 16.ª posição (291 pontos) entre 22 equipas.

evantam
lhão
dores e do seu sindicato, foi convocada pelos director-geral das Pescas e a ela ficou a dever-se o levantamento do bloqueio, facto que, segundo o sindicalista, constitui «mais uma prova de boa vontade dos pescadores, em quererem resolver os problemas de uma forma pacífica e ordeira».
A mesma fonte sublinhou que «o Governo pode estar certo» que se a comissão que hoje se deslocou a Lisboa «não trouxer nada de novo, eles irão bloquear de novo o porto, indefinidamente».
O resultado das negociações será dado a conhecer amanhã aos pescadores, numa reunião a decorrer no Sindicato das Conservas de Olhão.
s em luta. A greve visou exigir o e o reinício das negociações do
ais dos trabalhadores do espectério do Trabalho ao condicionar s, são hoje divulgadas em confe- dos Trabalhadores de Espectá- le chamar a atenção para o Dia nemora, e que algumas compa- lebrar oferecendo espectáculos
ira (USAM) criticou o facto de os ganizações de classe não terem m sobre o projecto de estatuto da scussão «é tanto mais importante ue a autonomia regional vai ser ir os direitos, garantias e liberdas».
spero Solidão
5 centro S.O.S. voz amiga
e estará contigo
OLHE O PERIGO DE FRENTE!
Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo
Cod Postal
tal dos Correios e enviar para Concur

DESPORTO

O exacto momento em que Lopes apareceu no topo da corrida

Lopes e pés descalços estiveram no pódio

Continuação da pág 13

alegria do triunfo do atleta português, designadamente nos cafés e em outros locais públicos onde se encontravam pessoas que não foram ao futebol e acompanharam a corrida de Lopes pela televisão. Palmas e gritos de contentamento foram a constante em vários locais de Viseu, Vildemoinhos e também de Coimbra, onde a vitória de Carlos Lopes foi particularmente festejada no Estádio Municipal, durante o encontro de futebol entre a Académica e o Rio Ave.

Lopes recebe bolsa

O secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, entrega hoje a Carlos Lopes a bolsa de 1500 contos pelo triunfo do atleta no mundial de corta-mato. É a segunda vez no espaço de oito meses que Lopes ganha o prémio máximo atribuído pela Secretaria de Estado dos Desportos para vencedores de campeonatos do mundo ou de medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos. O despacho da Secretaria de Estado é extensivo aos técnicos e Mário Moniz Pereira (treinador de Lopes) vai receber 750 contos, quantia idêntica à que embolsou com a medalha de ouro, em Los Angeles. A cerimónia realiza-se no Palácio Foz às 18 30.

Zola: 38 quilos

Recém-britânica, depois de ter nascido na África do Sul, a descalça Zola Budd passou um bilhete de todo o tamanho à demais concorrência. Pesando 38 quilos, com 19 anos e 1,58 de altura, a «573» obrigou a um muito especial esquema de segurança porque constara que estava visada por uma organização terrorista que a pretenderia raptar. Afinal, nada aconteceu: e a rapariguinha correu e venceu, como lhe apeteceu. Descalça? Pois claro. Ela explica:

O meu treinador insistiu para eu continuar a correr assim. Se me dou bem, porque terei de mudar? Afinal, eu corro para os que confiam no meu valor.

Sobre o caso com Mary Decker, nas Olimpíadas:

Já falámos as duas sobre isso: não tive a menor parcela de culpa, conforme se pode notar no filme da prova.

Ao lado, outra companheira chorava: era portuguesa e correra pela formação francesa. O nome: Maria Rebelo.

Nasci em Ílhavo, fui para França com 9 anos. Casei com o Michel Lenou (que é corredor da maratona, faz 2 horas e 14 minutos na distância) **e queria ter aqui ficado entre as 25 melhores. Afinal, fiquei perto do 40.º lugar. Sabe? Isto é muito duro, parecia que não acabava mais...**

Zola Budd tornou-se na atleta mais nova a ganhar a prova de senhoras do mundial de corta-mato, conseguindo, por seu lado, a sua 1.ª vitória internacional. Budd deu a Inglaterra a 1.ª vitória individual nesta categoria: **Quando vi que estava sozinha na frente pude descansar, mas foi uma corrida muito dura, embora mais fácil daquilo que pensava**, disse ela. **Quando olhei para trás, nunca pensei ver a Kristiananem tão longe**, referiu.

Por equipas, os Estados Unidos igualaram em número de vitórias a União Soviética (cinco), sendo este o seu 3.º título consecutivo.

A selecção portuguesa superou as expectativas e alcançou a sua melhor classificação: um 6.º lugar entre 26 equipas com 134 pontos. Rosa Mota, confirmando o bom momento de forma que a levou ao 7.º título no nacional de crosse, foi a melhor com a sua melhor classificação: 13.º lugar a 49 segundos da vencedora. Apesar de ter feito um início rápido, mostrou ter condição física para aguentar o ritmo e apenas na parte final sentiu algumas dificuldades para manter uma posição entre as 15 primeiras.

Com este público, entusiasmei-me e por isso ressenti-me um pouco no fim. Estou muito satisfeita com este lugar que, de certo modo, estava dentro das minhas previsões, acrescentou.

A anterior melhor classificação da equipa portuguesa foi um 7.º lugar, em Gateshead (1983).

Albertina Machado, com uma corrida muito certa e terminando bem, com força, confirmou a sua subida: e o 22.º lugar é o seu melhor. Aurora Cunha partiu talvez rápido de mais, acabando em 30.º lugar, e Lucília Soares completou a equipa em 69.º lugar, tendo de ser assistida com oxigénio. Rosa Oliveira foi 72.ª e Conceição Ferreira a 97.ª.

A campeã mundial dos 10 quilómetros de estrada, Aurora Cunha, disse: **Nos últimos três quilómetros senti mais dificuldades. Durante toda a prova tive dificuldades respiratórias, mas foi nos últimos três quilómetros que senti mais dificuldades, não conseguindo controlar a respiração.**

Kipkemboi: queniano, claro

Claríssimo vencedor em juniores, o queniano Kipkemboi subiu sozinho ao pódio e, sem «entourage» recebeu aí a sua medalha de ouro, retirando quase tão silencioso como um imbondeiro. Kimeli Kipkemboi deu ao Quénia o 1.º triunfo individual na prova de juniores masculinos fazendo uma corrida autoritária desde metade da prova, acabando com um avanço de 19 segundos sobre o 2.º classificado.

Admirador de uma grande vedeta do atletismo mundial nos anos setenta (o seu compatriota Kip Keino) Kipkemboi isolou-se a meio da prova para assumir o comando de uma forma decidida e para não mais o largar. A corrida de juniores foi toda ela dominada por Kipkemboi que deu um autêntico festival. **As condições eram as ideais, o percurso é fantástico** disse o vencedor, que conta 18 anos e nasceu na mesma aldeia de Keino, Riet Valley. Kipkemboi iniciou-se no atletismo apenas há meio ano (na escola) e esta foi a sua 4.ª corrida no estrangeiro.

Fernando Figueiredo (do Marinhense) foi o português melhor classificado em juniores, obtendo o 28.º lugar. O jovem que trabalha na construção civil, é o actual campeão nacional, mas tem tido dificuldades em conciliar a profissão com o atletismo. O seu técnico (Aníbal Carvalho) garante que Fernando Figueiredo demonstrou ser um dos melhores atletas juniores portugueses. Opinião idêntica foi manifestada por Lara Ramos (técnico nacional) que disse que o campeão nacional fez uma **prova extraordinária. Agora é preciso continuar a trabalhar para obter resultados ainda melhores** – adiantou.

Lara Ramos disse ainda que António Salvador, que já tinha participado no «mundial» do ano passado (concluindo em 70.º lugar) não se sentiu bem a meio da prova, acabando por obter uma classificação mais modesta que a esperada.

Carlos Reis foi o segundo melhor elemento da equipa, com o 78.º lugar e os restantes elementos ficaram na última parte da tabela: Joaquim Figueiredo em 91.º e João Lopes em 94.º. Portugal totalizou 291 pontos, ficando em 16.º lugar, entre 22 equipas.

Volta a Coimbra

O Irsil, de Oliveira do Hospital, venceu a volta pedestre a Coimbra, em estafetas, e o Sobral de Ceia foi a equipa segunda classificada.

A prova, numa extensão de 10,5 quilómetros, foi organizada pela delegação de Coimbra do Inatel e disputada por mais de 20 equipas. A formação da PSP foi a terceira e o Arregaça triunfou em veteranos e senhoras.

Nacionais de futebol

Porto e Sporting deixam Benfica ainda mais longe

O FC Porto soma e segue no nacional da 1.ª e nem o Farense (invencível em casa) conseguiu travar a caminhada dos portistas para o título de campeão de futebol, perante nova travagem de um Benfica a léguas-luz das suas potencialidades. O FC Porto foi a primeira equipa a ganhar em Faro (2-1) e com este resultado obteve a 11.ª vitória consecutiva. O Sporting, ao ganhar ao Portimonense (por 3-2, em Alvalade) continuou no 2.º lugar (a cinco pontos) enquanto o Benfica empatou de novo; o quarto nulo consecutivo, em Setúbal (2-2) e já está a 11 pontos do líder.

O Boavista (de Alves) obteve a 1.ª vitória nos últimos 11 jogos do nacional; em Guimarães (por 2-1) e separou-se da companhia do Belenenses (0-0, em Penafiel), isolando-se no 5.º lugar (com 25 pontos, menos dois que o Portimonense e mais um que os «azuis»). Ao vencer em Coimbra o Rio Ave (2-1) a Académica refugiou-se no 7.º posto (com 21 pontos) mais um do que o Braga (que empatou fora com o Salgueiros, por 1-1) e o Setúbal. O Farense é 10.º, com 19 pontos. O Guimarães ao perder com o Boavista, manteve o 11.º lugar, mas ficou mais perto da zona dos aflitos. Destes, apenas o Rio Ave não pontuou, já que os restantes averbaram empates. O FC Porto passeou a sua classe no Algarve e nem precisou de realizar uma grande exibição para se tornar a única equipa esta época a ganhar em Faro. O «onze» de Artur Jorge repetiu o triunfo obtido para a «Taça» não obstante a réplica dos farenses, que jogaram desfalcados do central Leonardo e do «motor» Nélson Borges. Fernando Gomes apontou o seu 30.º golo do campeonato, aos 26 minutos, em golpe de cabeça, mas aos 52 o suplente sueco Martenssem empatou para o Farense. O FC Porto não se desorientou, carregou mais um bocado no acelerador e (aos 62) André fez o golo do justo triunfo.

O Sporting recuperou da desvantagem de um golo de Rui Águas (aos cinco minutos) para derrotar o Portimonense num jogo com futebol de ataque, mas só resolveu a questão a dois minutos do final. Os «leões» reagiram ao golo de Rui Águas e chegaram ao intervalo a ganhar já por 2-1, depois dos tentos de Xavier (16) e Sousa. Mas o Portimonense voltou a marcar e de novo por Rui Águas (75), até que aos 88, o defesa Oceano salvou o Sporting da igualdade.

O Benfica continua sem ganhar para o nacional e nem o facto de estar a vencer por 2-0 ao intervalo chegou para trazer os dois pontos de Setúbal. José Luís e Wando, no espaço de seis minutos (25 e 31) deram vantagem ao Benfiia, mas no 2.º tempo o Vitória de Setúbal mandou no jogo e foi com naturalidade que chegou ao empate através de tentos de Vitinha (54) e Mota (64). A falta de preparação física dos benfiquistas, fruto dos fracos treinos de Csernei, foi muito notória.

O Boavista, há duas semanas sob o comando do «luvas pretas» João Alves, quebrou uma série de 10 jogos sem êxito no nacional, impondo-se em Guimarães com golos de Filipovic (8) e Frederico (81), antes e depois do tento de Paquito (26).

O Belenenses também está na corrida para a Europa e em Penafiel conquistou um ponto (0-0) numa partida de fraco nível técnico que assinalou o 4.º jogo consecutivo dos penafidelenses sem perderem, ou seja desde que Fernando Cabrita tomou conta da equipa.

Na chamada «zona da tranquilidade», sem veleidades europeias nem problemas de descida, a Académica venceu com facilidade os vila-condenses, do Rio Ave: Pedro Xavier colocou os estudantes a ganhar (aos 18) e Virgílio empatou, para o Rio Ave (aos 54) mas dois minutos depois o defesa Chico Silva deu o triunfo aos visitados.

O «lanterna-vermelha» Vizela arrancou um precioso empate na Póvoa de Varzim, mas a sua posição continuou a ser muito incómoda: o angolano Vata abriu o activo (aos quatro minutos) mas, aos 24, os vizelenses empataram, por Fernando Jorge.

O Sporting de Braga enterrou definitivamente as suas esperanças europeias ao empatar com o Salgueiros, no Estádio do Mar (Matosinhos). Os bracarenses estiveram a um passo do sucesso, golo de Reinaldo (aos 51 minutos) mas a 16 minutos do final, o Salgueiros empatou, por Jorginho.

Nomes e números

Desfechos da jornada: Farense-FC Porto, 1-2; Sporting-Portimonense, 3-2; Vitória de Setúbal-Benfica, 2-2; Vitória de Guimarães-Boavista, 1-2; Académica-Rio Ave, 2-1; Salgueiros-Sporting de Braga, 1-1; Varzim-Vizela, 1-1; Penafiel-Belenenses, 0-0.

Marcadores

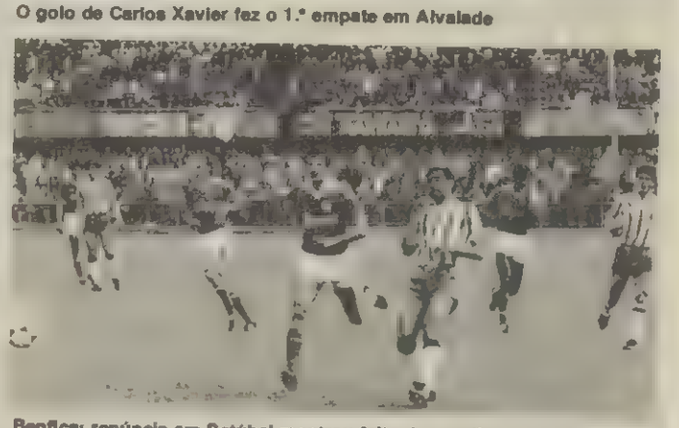
O portista Fernando Gomes foi o único a marcar, entre os primeiros classificados na lista dos melhores «artilheiros» do campeonato de futebol, da 1.ª divisão. Gomes, que obteve o 1.º tento na vitória do FC do Porto em Faro (por 2-1), aumentou para 18 a diferença dos seus mais directos perseguidores, que ficaram todos em branco. Os 22 golos da 22.ª jornada, excepto o de Gomes, foram apontados por jogadores que estão na lista com menos de dez tentos marcados. Gomes tem agora 30 golos marcados, seguido de Manniche (Benfica), Manuel Fernandes (Sporting) e Cadorin (Portimonense), todos com 12; Djão (Belenenses) com 11 e Jaime Magalhães (Porto) com 10.

Disciplina

Do ponto de vista disciplinar, registaram-se três partidas sem cartões amarelos: Penafiel - Belenenses, Varzim - Vizela e Académica - Rio Ave. As «manchas»

Continua na pág 15

O golo de Carlos Xavier fez o 1.º empate em Alvalade



Benfica: renúncia em Setúbal mostrou falta de condição física

Classificação

		J	V	E	D	B	P
1.º	FC PORTO	22	20	1	1	61- 9	41
2.º	Sporting	22	15	6	1	56-20	36
3.º	Benfica	22	12	6	4	43-22	30
4.º	Portimonense	22	11	5	6	40-30	27
5.º	Boavista	22	8	9	5	28-23	25
6.º	Belenenses	22	9	6	7	33-31	24
7.º	Académica	22	8	5	9	31-33	21
8.º	Braga	22	7	6	9	33-33	20
9.º	V. Setúbal	22	6	8	8	24-33	20
10.º	Farense	22	6	7	9	16-30	19
11.º	V. Guimarães	22	6	5	11	23-32	17
12.º	Varzim	22	2	11	9	16-30	15
13.º	Salgueiros	22	5	5	12	31-47	15
14.º	Penafiel	22	3	9	10	17-35	15
15.º	Rio Ave	22	4	6	12	19-35	14
16.º	Vizela	22	4	5	13	24-52	13

Próxima jornada (31/3): Portimonense - V. Setúbal (2-2); Benfica - V. Guimarães (4-1); Boavista - Académica (1-1); Rio Ave - Farense (1-2); FC Porto - Salgueiros (1-0) Braga - Varzim (0-1); Vizela - Penafiel (1-1); e Belenenses - Sporting (0-2).

ponta e

Guimarães: afronta e

Decididamente os dirigentes vidade) do Vitória de Guimarães direitos devidos e legalmente dete Comunicação Social vedando-lh trabalho no Estádio Municipal (re Guimarães. Há poucos dias impe mero Serpa de exercer o seu dir local para o efeito destinado pelos cos do futebol e ontem «convidara nar o seu posto a bem porque se identifica bem a formação dos au menda imediata actuação das en presidente da Câmara (por ser est FPF, da Secretaria de Estado dos Estado da Comunicação Social e Clube Nacional de Imprensa Desp organismo que congrega a classe

É tempo de dizer basta aos pr atitudes de raiz ditatorial.

Alder Dante e os pne

Na sua edição de ontem o «Re Alder Dante de Almeirim se encc levantado pela Federação Portugu favores do presidente de um clube notícia de que o conhecido árbitro do executivo do Portimonense (Ma pneus e deixava supor tratar-se Dante («A Bola» de hoje) alega, tra desmente que tenha recebido tal fa Federação está «bem esclarecid factos». Porque a denúncia foi feit afirmar que não faz caso de «atoar mente que a FPF esclareça o assu bom nome do citado árbitro e dign exemplar castigo se as acusações

Hoje: futebolistas em

Esta noite, os dirigentes do Sin res de Futebol vão tentar reunir os e uma assembleia geral com vista a se importantes assuntos ligados à su lugar pelas 21 horas na Casa do A Santo Antão – Lisboa) e segundo gentes José Eduardo e Eurico, se o dias no Porto se repetir a direcção a

Espera-se (e deseja-se) que assumam uma das obrigações co que regula a sua profissão e compa que permita a tomada de decisões

Hóquei: processo ao

A Federação de Patinagem de disciplinar ao Clube de Futebol «Os títulos de ingresso não emitidos pe do Campeonato Nacional da 1.ª Div ciação Académica da Amadora.

Sigurvinsson: lesão gr

O futebolista islandês Asgeir S Estugarda (da RFA), vai estar inac final da temporada em virtude d Sigruveiosson, que alinha como m dade no joelho há seis semanas, operá-lo para evitar outras compli

Luxemburgo: "chicot

Paul Philipe foi designado novo nal de futebol do Luxemburgo, subst o actual treinador interino, Jose Ki pela selecção luxemburguesa é o 4. co mais de um ano. Philipe sucede Vliers e Kierchen. O Luxemburgo pe e o melhor resultado obtido nos de 1979 ao empatar com a Suécia. No não conseguiu obter qualquer golo.

Máximos

A chinesa Wen Zhifang estabeleceu novo recorde mundial em pistola de pressão de ar ao totalizar 391 pontos. Zhifang arrebatou assim o título à soviética Stoljarova que tinha 387 pontos.

No torneio de tiro de pressão de ar que decorreu em Pequim a equipa da província de Hunan ao totalizar 1151 pontos, bateu o máximo mundial de 1147 estabelecido em 1974 por uma equipa da União Soviética.

Halterofilia

O juvenil do Luso do Barreiro, Paulo Frade, bateu os recordes nacionais de arranco e arremesso da categoria (75 kg), durante o campeonato nacional de halterofilia realizado no Ginásio do União

DESPORTO

xam

onge

rães-Boavista, 1-2; Académica-Rio Ave, 2-1; Salgueiros-Sporting de Braga, 1-1; Varzim-Vizela, 1-1; Penafiel-Belenenses, 0-0.

Marcadores

O portista Fernando Gomes foi o único a marcar, entre os primeiros classificados na lista dos melhores «artilheiros» do campeonato de futebol, da 1.ª divisão. Gomes, que obteve o 1.º tento na vitória do FC do Porto em Faro (por 2-1), aumentou para 18 a diferença dos seus mais directos perseguidores, que ficaram todos em branco. Os 22 golos da 22.ª jornada, excepto o de Gomes, foram apontados por jogadores que estão na lista com menos de dez tentos marcados. Gomes tem agora 30 golos marcados, seguido de Manniche (Benfica), Manuel Fernandes (Sporting) e Cadorin (Portimonense), todos com 12; Djão (Belenenses) com 11 e Jaime Magalhães (Porto) com 10.

Disciplina

Do ponto de vista disciplinar, registaram-se três partidas sem cartões amarelos: Penafiel - Belenenses, Varzim - Vizela e Académica - Rio Ave. As «manchas»

Continua na pág 15

mpate em Alvalade

rou falta de condição física

cação

J	V	E	D	B	P
22	20	1	1	61- 9	41
22	15	6	1	56-20	36
22	12	6	4	43-22	30
22	11	5	6	40-30	27
22	8	9	5	28-23	25
22	9	6	7	33-31	24
22	8	5	9	31-33	21
22	7	6	9	33-33	20
22	6	8	8	24-33	20
22	6	7	9	16-30	19
22	6	5	11	23-32	17
22	2	11	9	16-30	15
22	5	5	12	31-47	15
22	3	9	10	17-35	15
22	4	6	12	19-35	14
22	4	5	13	24-52	13

3): Portimonense - V. Setúbal
ães (4-1); Boavista - Acadé-
e (1-2); FC Porto - Salgueiros
); Vizela - Penafiel (1-1); e
).

ponta esquerda

Guimarães: afronta e prepotência

Decididamente os dirigentes (não confundir com a colectividade) do Vitória de Guimarães teimam em não interpretar os direitos devidos e legalmente determinados aos profissionais da Comunicação Social vedando-lhes o acesso ao seu lugar de trabalho no Estádio Municipal (repete-se Estádio Municipal) de Guimarães. Há poucos dias impediram o nosso camarada Homero Serpa de exercer o seu direito (e dever) de trabalhar no local para o efeito destinado pelos superiores órgãos hierárquicos do futebol e ontem «convidaram Alfredo Barbosa a abandonar o seu posto a bem porque se não «iria a mal». Um caso que identifica bem a formação dos autores da decisão e que recomenda imediata actuação das entidades competentes desde o presidente da Câmara (por ser esta a proprietária do recinto), da FPF, da Secretaria de Estado dos Desportos, da Secretaria de Estado da Comunicação Social e fundamentalmente do CNID – Clube Nacional de Imprensa Desportiva que como é sabido é o organismo que congrega a classe dos críticos desportivos.

É tempo de dizer basta aos prepotentes e de fazer cessar as atitudes de raiz ditatorial.

Alder Dante e os pneus

Na sua edição de ontem o «Record» revelava que o árbitro Alder Dante de Almeirim se encontrava incurso num inquérito levantado pela Federação Portuguesa de Futebol por ter «aceite favores do presidente de um clube da 1.ª Divisão.» Adiantava a notícia de que o conhecido árbitro teria recebido do número um do executivo do Portimonense (Manuel João) a oferta de quatro pneus e deixava supor tratar-se de acto de corrupção. Alder Dante («A Bola» de hoje) alega tratar-se de uma insinuação e desmente que tenha recebido tal favor, afirmando mesmo que a Federação está «bem esclarecida e documentada sobre os factos». Porque a denúncia foi feita, não bastará a Alder Dante afirmar que não faz caso de «atoardas», importando essencialmente que a FPF esclareça o assunto, sobretudo na defesa do bom nome do citado árbitro e dignificação da arbitragem ou no exemplar castigo se as acusações se provarem.

Hoje: futebolistas em assembleia

Esta noite, os dirigentes do Sindicato Nacional dos Jogadores de Futebol vão tentar reunir os elementos da classe em mais uma assembleia geral com vista a serem abordados e discutidos importantes assuntos ligados à sua actividade. A sessão terá lugar pelas 21 horas na Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão – Lisboa) e segundo revelações feitas pelos dirigentes José Eduardo e Eurico, se o desinteresse havido há oito dias no Porto se repetir a direcção apresentará a sua demissão.

Espera-se (e deseja-se) que os futebolistas profissionais assumam uma das obrigações consubstanciadas na Portaria que regula a sua profissão e compareçam em número suficiente que permita a tomada de decisões a favor de toda a classe.

Hóquei: processo ao Belenenses

A Federação de Patinagem decidiu instaurar um processo disciplinar ao Clube de Futebol «Os Belenenses» por ter vendido títulos de ingresso não emitidos pela federação, no jogo n.º 238 do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, disputado com a Associação Académica da Amadora.

Sigurvinsson: lesão grave

O futebolista islandês Asgeir Sigruveinsson, ao serviço do Estugarda (da RFA), vai estar inactivo das competições até ao final da temporada em virtude de uma operação ao joelho. Sigruveiosson, que alinha como médio, lesionou-se com gravidade no joelho há seis semanas, tendo os médicos decidido operá-lo para evitar outras complicações.

Luxemburgo: "chicotada psicológica"

Paul Philipe foi designado novo treinador da selecção nacional de futebol do Luxemburgo, substituindo a partir de 1 de Agosto o actual treinador interino, Jose Kierchen. O novo responsável pela selecção luxemburguesa é o 4.º treinador da equipa em pouco mais de um ano. Philipe sucede no cargo a Louis Pilot, Jep Vliers e Kierchen. O Luxemburgo perdeu os seus últimos 31 jogos e o melhor resultado obtido nos derradeiros anos aconteceu em 1979 ao empatar com a Suécia. Nos últimos seis jogos a equipa não conseguiu obter qualquer golo.

Máximos

A chinesa Wen Zhifang estabeleceu novo recorde mundial em pistola de pressão de ar ao totalizar 391 pontos. Zhifang arrebatou assim o título à soviética Stoljarova que tinha 387 pontos.

No torneio de tiro de pressão de ar que decorreu em Pequim a equipa da província de Hunan ao totalizar 1151 pontos, bateu o máximo mundial de 1147 estabelecido em 1974 por uma equipa da União Soviética.

Halterofilia

O juvenil do Luso do Barreiro, Paulo Frade, bateu os recordes nacionais de arranco e arremesso da categoria (75 kg), durante o campeonato nacional de halterofilia realizado no Ginásio do União Piedense.

O juvenil Paulo Brito, da Academia de Coimbra, melhorou os recordes regionais da Zona Norte, parciais e total, na categoria de 52 quilos.

Outros títulos atribuídos: 56 kg – Carlos Luís (Luso), 60 kg – Rui Carvalho (Piedense), 67,5 kg – Luís Vilela (Luso) e 82,5 kg – Jorge Sá (Figueirense).

Na sua agenda

CAÇA SUBMARINA: Campeonatos nacionais em Sesimbra (13 e 14 de Abril) e Peniche (20 e 21 do mesmo mês).

Salgueiros-Braga: Armando versus o guarda-redes Hélder e travagem ao bracarense Jorge Gomes

Porto: curso intensivo para campeão

Continuação da pág 14

verificaram-se nas partidas Sporting - Portimonense, Farense - FC Porto, Salgueiros -Braga e Guimarães - Boavista, nas quais cada árbitro mostrou quatro cartões amarelos, com especial incidência para as quatro admoestações a jogadores bracarenses e portimonenses.

Totobola: prémios

O concurso número 12 do Totobola fez este fim-de-semana mais 30 milionários, recebendo cada um 1 145 494 escudos. Com 12 resultados certos foram apuradas 1177 apostas (prémio de 25 844 escudos) e com 11 símbolos certos foram escrutinadas 17 164 apostas (prémio de 1772 escudos). O primeiro prémio deste concurso foi o maior de sempre distribuído pelo Totbola, com 34 468 237 escudos, constituindo o primeiro «jackpot» das Apostas Mútuas Desportivas.

2.ª Divisão

Resultados no 2.º escalão, **ZONA NORTE:** Sanjoanense -Paços de Ferreira, 1-1; Lourosa -Aves, 4-0; Famalicão - Leixões, 2-3; Lixa - Felgueiras, 1-1; Fafe -Gil Vicente, 1-0; Valonguense -Tirsense, 2-2; Espinho - Feirense, 3-0; Chaves - Marco, 5-1. Classificação: 1.ºs, **Aves e Chaves**, 28 pontos; 3.º, Leixões, 25; 4.ºs, Famalicão, P. Ferreira e Espinho, 23; 7.º, Felgueiras, 21; 8.º, Fafe, 20; 9.ºs, Lixa, Tirsense e Lourosa, 19; 12.º, G. Vicente, 18; 13.ºs, Feirense e Sanjoanense, 15; 15.ºs, Marco e Valonguense, 12.

ZONA CENTRO: Covilhã -Guarda, 0-0; Elvas - U. Leiria, 2-0; Torriense - Caldas, 1-0; Estarreja - Beira Mar, 1-0; Águeda -Mangualde, 2-1; Peniche - Estrela Portalegre, 2-1; Marinhense - Benfica Castelo Branco, 3-1; Alcobaça - União Coimbra, 0-0. Classificação: 1.º, **Covilhã**, 28 pontos; 2.º, Elvas, 27; 3.º, U. Coimbra, 25; 4.º, U. Leiria, 24; 5.º, Torriense, 22; 6.º, Águeda, 21; 7.ºs, Beira Mar e Alcobaça, 20; 9.º, Estrela, 19; 10.ºs, Caldas, Peniche e Estarreja, 18; 13.º, Mangualde, 16; 14.ºs, Guarda e Marinhense, 15; 16.º, Benfica C. Branco, 14.

ZONA SUL: Barreirense - Lusitano de Évora, 1-0; Atlético -Odivelas, 2-1; União - Nacional, 3-1; Cova Piedade - Olhanense, 0-2; Torralta - Amora, 0-0; Sesimbra - Montijo, 0-0; Estoril -Marítimo, 2-0; Estrela Amadora -Campinense, 0-1. Classificação: 1.º, **Marítimo**, 36 pontos (mais um jogo); 2.º, União, 29 (mais um jogo); 3.º, Estoril, 25; 4.º, E. Amadora, 24; 5.ºs, Olhanense e Atlético, 23; 7.º, C. Piedade, 21; 8.ºs, Lusitano e Barreirense, 20; 10.º, Montijo, 19; 11.º, Torralta, 18; 12.º, Nacional, 16; 13.º, Odivelas e Amora, 15; 15.º, Sesimbra, 11; 16.º, Campinense, (mais dois jogos).

Divisão 3

Para a 3.ª divisão: **Série A** – Monção-Montalegre, 3-0; Esposende-Neves, 1-1; Moreirense-Valdevez, 3-1; Merelinense-Mirandela, 0-1; Ponte da Barca-Taipas, 2-2; Vianense-Valenciano, 4-0; Macedo de Cavaleiros-Bragança, 0-1. Líder: **Vianense**, 29 pontos.

Série B: Oliveirense-Freamunde, 0-0; São Martinho-Esmoriz, 1-0; Paivense-Amarante, 0-1; Régua-Ovarense, 1-0; Infesta-Paredes, 0-0; Vilanovense-União Lamas, 1-0; Ermesinde-Cucujães, 1-1; Valadares-Trofense, 0-0. Líder: **Freamunde** (mais um jogo), 28 pontos.

Série C: Poiares-Naval, 0-1; Académico Viseu-Tondela, 4-1; Penalva Castelo-Gouveia, 3-1; Mealhada-Luso, 0-0; Anadia-Marialvas, 0-0; Seia-Viseu e Benfica, 3-0; Santacombadense-Lusitano de Vildemoinhos, 0-0; Belmonte-Oliveira do Bairro, 2-2. Líder: **Académico de Viseu**, 30 pontos.

Série D: Alcains-Nazarenos, 1-0; Portalegrense-Marinha, 1-0; Paroquial Fátima-Bombarralense, 4-0; Rio Maior-União Santarém, 2-3; Almeirim-União Tomar, 2-1; Alferrarede-Mirense, 2-1; Guiense-Nisa Benfica, 5-0; Lousanense-Eléctrico de Ponte de Sor, 2-0. Líder: **União de Santarém**, 33 pontos.

Série E: Tires-Olivais e Moscavide, 1-2; Charneca-Oriental, 1-5; Águia (Açores)-Vilafranquense, 2-1; Vialonga-Almada, 2-1; Lusitânia (Açores)-Santa Clara (Açores), 1-0; Samora Correia-Campomaiorense, 0-0; Cacém-Sacavenense, 0-2; S.L. Olivais-Marinhais, 2-1. Líder: **Sacavenense**, 31 pontos.

Série F: Esperança de Lagos-União de Montemor, 5-1; Silves-Moitense, 4-1; União de Santiago-Beja, 2-0; Alvorense-Lusitano Vila Real, 2-1; Louletano-Vasco da Gama, 0-0; Aljustrelense-Comércio e Indústria, 1-2; Estrela de Vendas Novas-Quimigal, 2-1; Juventude de Évora-Quarteirense, 1-0. Líderes: **U. Santiago, E. Lagos e Juventude**, 29 pontos.

Juniores

O FC Porto derrotou o União de Coimbra e isolou-se no comando da Zona Norte do campeonato nacional de futebol de juniores, após a 2.ª jornada da segunda fase. Na Zona Sul, o Sporting foi empatar ao Barreirense e o Benfica venceu na Luz o Setúbal, por 3-0. Resultados da Zona Norte: Porto - União de Coimbra, 2-0; Varzim - Braga, 0-1; Anadia - Leixões, 1-2. Classificação: 1.º FC Porto, 4 pontos; 2.º Leixões, 3; 3.º U. Coimbra e Braga, 2; 5.º Varzim, 1; 6.º Anadia, 0. Zona Sul: Barreirense - Sporting, 1-1; Nazarenos - Caldas, 2-1; Benfica - Setúbal, 3-0. Classificação: 1.ºs Sporting e Barreirense, 3 pontos; 3.ºs Setúbal, Benfica e Nazarenos, 2; 6.º Caldas, 0.

Vítor Baptista em pleno

O Estrelas do Faralhão, a equipa do ex-«internacional» Vítor Baptista venceu o Porto Covo (por 3-0) em jogo a contar para o campeonato da 2.ª divisão distrital da Associação de Futebol de Setúbal. Vítor Baptista foi autor de um dos tentos da sua equipa, obtido na transformação de uma grande penalidade. O Estrelas do Faralhão continua em 2.º lugar na classificação geral e Vítor Baptista marcou o 8.º golo pela sua nova equipa.

Hotéis ao chuto

A derrota do Grande Hotel do Porto frente ao Praiagolfe de Espinho por 1-0 foi a nota de maior destaque na 11.ª jornada do torneio de futebol inter-hotéis, que tem decorrido no Estádio do INATEL, no Porto. O Grande Hotel registou a 1.ª derrota no torneio e compartilha agora o 4.º lugar com o Hotel Ipanema (que venceu o Hotel Mirassol, por 1-0), e com o D. Henrique, que obteve a «goleada» da jornada, ao vencer o Meredien, por 6-0. Com esta vitória, o Praiagolfe subiu ao 4.º lugar, ficando a três pontos dos primeiros. O Restaurante Cunha venceu o Hotel Batalha por 2-1, estando agora os dois no 7.º lugar.

Concluída a 10.ª jornada, o 1.º lugar é ocupado por Grande Hotel, Ipanema e D. Henrique (todos com 15 pontos). No 4.º lugar estão o Hotel Castor e Praiagolfe, com 12. Seguidos do Mirassol (com seis), Batalha e Restaurante Cunha, com 5; Meridien, 3.

Barcelona campeão

O Barcelona sagrou-se ontem virtual campeão espanhol de futebol ao ir vencer o Valladolid, por 2-1, em jogo da 30.ª jornada. O segundo classificado, Atlético de Madrid, manteve o segundo lugar, a oito pontos do líder, ao ganhar em Santander, igualmente por 2-1. Outros resultados: Gijon - Málaga 2-0; Sevilha - Hercules, 2-0; At. Bilbau - Valência, 3-2; Saragoça - Real Sociedade, 1-2; Espanhol - Osasuna, 1-0; Real Madrid - Murcia, 5-0; e Elche - Bétis, 2-1. Classificação: 1.º Barcelona, 48 pontos; 2.º At. Madrid, 40; 3.º Gijon, 38; 4.º At. Bilbau, 35; 5.º Real Madrid, 34.

MICROSCÓPIO

Hóquei em patins: Nacional

O FC Porto e o Sporting venceram os jogos da 21.ª jornada do Campeonato Nacional de hóquei em patins. O FC Porto não teve dificuldades em vencer fora o Turquel, por 7-2, enquanto o Sporting se impôs ao Cascais, por 5-2. Os resultados mais expressivos da jornada pertenceram ao Benfica ao vencer o Belenenses, por 16-4, e à Académica da Amadora que derrotou o Paço d'Arcos, por 10-5. A Juventude de Viana conseguiu mais uma vitória (6-3) frente ao Sporting de Tomar, enquanto a Sanjoanense venceu o Oliveirense, por 6-2. Por último, o Valongo ganhou em casa ao Famalicense, por 4-1; e o Oeiras bateu o Sesimbra, por 7-6. Classificação após esta ronda: **1.º, FC Porto, 60 pontos;** 2.º, Sporting, 58; 3.º, Sanjoanense, 54; 4.º, Cascais, 49; 5.º, Juv. Viana, 44; 6.º, Sp. Tomar, 43; 7.º, Paço d'Arcos, 42; 8.ºs, Benfica, Sesimbra e Oliveirense, 40; 11.º, Ac. Amadora, 39; 12.º, Famalicense, 37; 13.º, Belenenses, 34; 14.º, Oeiras, 32; 15.º, Valongo, 31; e 16.º, Turquel, 29 pontos.

Golfe por cá

O italiano Marcello Grabau, 24 anos, estudante de economia, conquistou o primeiro lugar no 56.º Campeonato Internacional de Portugal (amador), prova que pôs termo à Semana Internacional, que o clube de Golfe do Estoril levou a efeito com êxito e na qual participaram cerca de 230 jogadores. No sector feminino, o triunfo coube à espanhola Tania Abittol, 20 anos, estudante de psicologia. Resultados das duas finais, ontem disputadas em 36 buracos, na modalidade «match play». Marcelo Grabau (Itália)-C. Stadler (RFA) 2-1; e Tania Abittol (Esp.)-Francesca Bevilacqua (Itália), 6-5. Para o alemão Ulrich Schulte foi a Taça «Consolação» por ter vencido, na final, em «match play», o seu compatriota Hubner por 2-1.

TOTOBOLA a chave

1	Farense-FC Porto	2
2	Sporting-Portimonense	1
3	V. Setúbal-Benfica	X
4	V. Guimarães-Boavista	2
5	Academica-Rio Ave	1
6	Salgueiros-Braga	X
7	Varzim-Vizela	X
8	Penafiel-Belenenses	X
9	Sanjoanense-P. Ferreira	X
10	Lourosa-Aves	1
11	Peniche-E. Portalegre	1
12	Barreirense-Lusitano	1
13	Estoril-Marítimo	1

TOTOBOLA *jogue connosco*

N.º 13/85 (31-3-85)

Porto-Salgueiros	1
Belenenses-Sporting	x
Benfica-Guimarães	1
Portimonense-Setúbal	1
Boavista-Académica	1
Rio Ave-Farense	1
Braga-Varzim	1
Vizela-Penafiel	1
Feirense-Chaves	x
U. Coimbra-Covilhã	x
Guarda-Elvas	x
Odivelas-U. Madeira	x
Montijo-Estoril	2

DESPORTO

Basquetebol: campeonato nacional

Benfica: duplo triunfo

Prosseguiu o campeonato nacional de basquetebol com a realização das 7.ª e 8.ª jornadas Com nota de realce o duplo triunfo do Benfica sobre o Barreirense e o Queluz, tendo por esse facto, e beneficiando da derrota do FC Porto em Sangalhos, ascendido isoladamente à primeira posição ainda que os portistas tenham um jogo de atraso

Refira-se que o Benfica, ainda que no comando classificativo, está em desvantagem frente aos portistas já que perdeu dois jogos em casa frente à turma das Antas e ao Barreirense

Vejamos os resultados das duas séries e as respectivas classificações

Resultados:

Série A: Benfica/FNAC-Barreirense/Pão de Açúcar, 91-80; Olivais/NFC-Queluz/Pioneer, 91-89, Sangalhos/Aliança Velha-FC Porto/Sonae, 86-79; Benfica/FNAC-Queluz/Pioneer, 88-85, Olivais/NFC-Barreirense/Pão de Açúcar, 78-79

Serie B: Ovarense/Alcatifas Lusotufo-Sanjoanense, 84-81; Illiabum/Teka-Belenenses/Austin Rover 96-68; Ginásio Figueirense/Ducados-Belenenses/Austin Rover, 81-64

Classificações

Serie A:

	J	V	D	M	P
BENFICA	27	21	6	2363-2162	48
FC Porto	26	21	5	2305-2002	47
Barreirense .	27	16	11	2292-2122	43
Queluz	27	15	12	2359-2255	42
Sangalhos ...	26	15	11	2261-2149	41
Olivais	27	11	16	2229-2314	38

Serie B:

	J	V	D	M	P
G. FIGUEI.	25	11	14	1781-1884	36
Illiabum	25	10	19	1846-1876	35
Ovarense	25	10	15	1873-2085	35
Sanjoan.	25	8	17	1852-2058	33
Belenenses .	26	5	21	2022-2277	31

Andebol

"Honra" para os quatro grandes

Benfica, Sporting, Belenenses e FC Porto ficaram apurados para a fase seguinte do campeonato nacional de andebol (divisão de honra) após a 14.ª jornada

O Benfica impôs-se ao Belenenses por 31-24, num encontro bastante emotivo, enquanto o FC Porto ao derrotar a Sanjoanense por expressivo 43-16 passou a turma do Restelo na classificação ocupando agora a terceira posição com 31 pontos. O Benfica lidera com 40 pontos, seguido do Sporting (39) que venceu o Vitória de Setúbal por 38-28. O Desportivo de Portugal, Braga, Vitória de Setúbal e Sanjoanense foram afastados da corrida para o título.

Resultados:

Sporting-Setúbal, 38-28; Benfica - Belenenses, 31-24; Académico Braga - Desportivo Portugal, 27-21; Porto - Sanjoanense, 43-16.

A classificação ficou assim ordenada: Benfica (40 p.), Sporting (39), FC Porto (31), Belenenses (30), D. Portugal (24), Braga (23), V. Setúbal (21) e Sanjoanense (16)

Distinções

O Farense prestou homenagem ao seu jovem futebolista **SÉRGIO BARROS** entregando-lhe uma medalha de distinção pelo seu «brilhante comportamento» nos recentes encontros internacionais de juniores frente às selecções da Suíça e Itália. A cerimónia associou-se a A.F. de Faro que esteve representada pelo seu presidente Eduardo Tenazinha. Consta que ao abrigo de um «protocolo» existente entre os dois clubes o jovem futebolista algarvio representará na próxima época o Sporting Clube de Portugal.

Ciclismo

Sporting: decepção no "Critério de Antibes"

O ciclismo português esteve presente no Critério Internacional de Estrada disputado em Antibes com a participação das equipas do Lousa e do Sporting. A nota mais dominante desta participação portuguesa foi, obviamente, o inesperado fracasso dos pupilos de Emídio Pinto que na primeira «tirada» renunciaram a continuar cedendo por razões de impreparação. Sete ciclistas leoninos dos dez que Emídio Pinto fez deslocar desistiram provocando o ruir das esperanças sportinguistas. Quanto ao Lousa, ora orientado pelo antigo e valoroso Fernando Mendes, tiveram comportamento mais meritório. Eis os nomes dos desistentes na primeira etapa: Marco Chagas, José Xavier, António Pinto, Eduardo Correia, Carlos Santos, Paulo Ferreira e António Alves (todos do Sporting, e Carlos Marta, do Lousa.

Foi vencedor do «Critério» o irlandês Stephen Roche, que venceu o contra-relógio (derradeira etapa) superando o francês Fignon e o seu compatriota Sean Kelly, que eram considerados os principais favoritos.

Benedito vence em Nafarros

Benedito Ferreira e o Bombarralense venceram a prova ciclística «Comissão de Festa de Nafarros», na distância de 110 quilómetros. A prova com partida do Estádio José Alvalade, Lisboa, e chegada a Nafarros, depois de cumpridas três voltas a um circuito de 14 quilómetros (Nafarros, Praia das Maçãs, Colares Nafarros) foi ganha por Benedito Ferreira (Bombarralense) com 2.49,33 à média de 38,926 quilómetros. Nos lugares imediatos ficaram João Santos, Fernando Carvalho e António Fernandes (todos do Bombarralense) com o mesmo tempo; seguindo-se José Amaro (também do Bombarralense), 2.53,54, e Raul Matias (Pinheiro de Loures), com 2.54,44, (primeiro sénior). A prova reuniu 76 ciclistas seniores especiais (antigos «A») e seniores (antigos «B»). Na prova de juniores, o vencedor foi Paulo Almeida, do «Fonsecas» que percorreu os 65 quilómetros do percurso em 2.02,55 à média de 31,728 quilómetros/hora. Por equipas, venceu o Sporting.

Ciclismo em Aveiro

A organização e o nosso colega «O Comércio do Porto» (que patrocina a prova) fazem a apresentação do «Grande Prémio ciclista Beira-Vouga» pelas 18 horas de 29 do corrente no salão de convívio das Caves Borlido (em Sangalhos).

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 8 de Abril de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de uma dependência na estação de Abrantes.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Abrantes – Secção Comercial

Entroncamento

Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência na estação de Abrantes».

Automobilismo

Novos Toyota de 12 válvulas um salto na tecnologia

A Toyota acaba de apresentar em Portugal dois novos modelos que colocam a marca japonesa numa invejável posição de vanguarda tecnológica. Trata-se de dois carros completamente inovadores — o Starlet e o Corolla de 3 portas — equipados com os novos motores de 12 válvulas. São dois modelos completamente diferentes de tudo quanto era conhecido na Toyota e que vão sem dúvida ocupar um lugar de destaque nesta classe de automóveis, face aos seus concorrentes europeus.

Exteriormente os novos Starlet e Corolla 3 portas assemelham-se ambos possuindo uma linha moderna e atraente

Os novos motores de 12 válvulas

A maior inovação neste carro consiste nos novos motores de 12 válvulas, designados por tipo E: o motor 1E — 1.01 e o motor 2E — 1.31.

Estes motores foram especialmente concebidos para as viaturas utilitárias de tracção à frente e incorporam grande parte da avançada tecnologia do motor 1.61 de 16 válvulas, incluindo cilindros geminados e pequeno diâmetro, combinado com um sistema de comando de válvulas articulado na ponta, o que oferece uma maior resposta e aumento de potência.

As três válvulas por cilindro constituem uma tecnologia única em motores deste tipo produzidos em série. As três válvulas são uma de escape, uma de admissão e uma auxiliar de admissão.

O sistema de comando das válvulas articulado na ponta permite que as válvulas principais sejam colocadas em ângulo de 4 graus com a válvula auxiliar de admissão, que é perpendicular. Tal configuração facilita a utilização de uma câmara de combustão optimizada em cunha, que utiliza a área plana da válvula auxiliar de admissão utilizada como área de turbulência

A configuração de três válvulas oferece maior binário e maior potência do que os anteriores motores tipo K. Esta nova série constitui a mais recente geração de motores da Toyota que oferecem consideráveis vantagens: o motor 1E gera uma potência 21 por cento superior e um binário 14 por cento superior ao motor 2K que substitui; quanto ao motor 2E apresenta uma potência 15 por cento superior e um binário 5 por cento superior ao motor 2K. Em síntese oferecem maior economia e rendimento e uma rápida resposta.

Starlet

O novo Starlet não tem qualquer semelhança com o seu antecessor. Ao nível do estilismo foi conseguida uma maior eficiência aerodinâmica, tendo o coeficiente de resistência baixado de 0.37 para 0.35, graças a uma forma oval e sem arestas vivas. A baixa posição da frente conduz o fluxo de ar sobre as linhas suaves do capot, através do limpa-pára-brisas, parcialmente escondido, pelo pára-brisas e pelo tejadilho. Na traseira do tejadilho a linha da viatura desce abruptamente e liberta o fluxo de ar sem criar turbulhoes.

Um dos aspectos que mais ressaltam à vista no novo Starlet é o seu espaço interior. Não tem qualquer comparação com o modelo anterior. Isso foi conseguido como resultado do alargamento da viã e da utilização da tracção dianteira mas não só. O talento dos «designers» conseguiu um espaço real e uma sensação de espaço que nunca se vira em viaturas japonesas, tornando este novo Starlet numa arma terrível para os seus concorrentes europeus.

Com habitabilidade acrescida, o novo Starlet brilha também ao nível do arranjo interior. Os bancos são confortáveis, o espaço para os passageiros e para o condutor aumentou. A estatura já não constitui problema. Esse espaço é de tal modo generoso que a regulação dos bancos em comprimento e inclinação das costas permite sempre encontrar uma posição confortável.

Equipado com o motor 1E de 999 cc, que desenvolve uma potência de 40 Kw a 6000 rmp e permite atingir uma velocidade máxima de 150 km/h, o novo Starlet acelera de 0 a 100 km/h em 13,5 segundos com a transmissão manual de 4 velocidades, utilizada na versão comercializada em Portugal.

Os consumos indicados são de 4,8 litros/100 km à velocidade estabilizada de 90 km/h, 7,0 a 120 km/h e 6,1 em percurso urbano.

À frente o Starlet utiliza uma suspensão tipo McPherson, com braços inferios em L.

Para a suspensão traseira foi adoptado um eixo rígido interiormente equipado com barra estabilizadora. As cargas longitudinais, transversais e verticais sofridas pelos pneus põem em funcionamento os diferentes componentes da suspensão traseira, melhorando o controlo, a estabilidade e o conforto da condução.

O Corolla 3 portas

O Corolla 3 portas é também um veículo de nova geração e concepção estilística inteiramente nova. Esteticamente as suas linhas são muito semelhantes ao Starlet. A mesma forma arredondada, a mesma frente mergulhante e a traseira cortada tornam-no um dois volumes extraordinariamente bem desenhado, sem qualquer dúvida o melhor que a Toyota produziu até hoje neste aspecto.

A via alargada e a tracção dianteira permitiram também consideráveis ganhos de espaço, não só à frente como atrás. Aqui o espaço é tal que facilmente se podem sentar quatro pessoas de estatura normal. Pena é que os bancos, rebatíveis, só o sejam na totalidade.

Os bancos da frente, bem desenhados, espaçosos mas envolventes, permitem um posicionamento que satisfaz os mais exigentes em comodidade. Todo o interior proporciona uma sensação de conforto muito rara em carros desta classe.

O Corolla utiliza o motor 2. E de 12 válvulas de 1295 cc e dispõe de uma caixa de 5 velocidades.

A potência máxima é de 55 kw a 6200 rpm e a velocidade máxima que atinge é de 160 km/h acelerando de 0 a 100 km em 14,1 segundos.

O consumo indicado é de 5,1 1/100 km à velocidade estabilizada de 90 km/h, 7,2 a 120 km/h e 7,4 em percurso urbano.

O novo Corolla tem suspensão independente às quatro rodas, com elementos do tipo McPherson à frente e braço transversal duplo com barra estabilizadora atrás

Um espe

ECLÍPSE DE SOL. Exe de Iniciação Teatral de Instit Criação Teatral. Direcção: Ayres V. do S. Major e Marg Príncipe), Carlos A. N. Delga Oliveira, Carlos A.C. Dias, Do Francisco, José L. da Graça, Maria M. M. Guerreiro, Maria da Silva, Mário R.B.R. Carne C. R. Gonçalves, Eduardo M Monteiro (Portugal). Centro iente – 2.3.1985.

Perante este espectáculo a primeira reacção é tímida – ele fala-nos de uma cultura de que conhecemos pouco. Traz para um palco tradicional tradições outras que têm a ver com outros espaços, com outros relaciona-mentos com o público, com outra forma de ser, mais próxima da vida do que do espectáculo tal como por aqui o conceituamos.

Esta primeira visão do exercício final dos alunos do CIT de Adolfo Gutkin é, no entanto, rapidamente varrida pela energia (ia escrever: pela paixão) que logo o espectáculo levanta. E de repente estamos postos perante esta realidade compósita: eis um espectáculo que participa do teatro, da dança, da música, da poesia, sem sacrificar qualquer destas expressões. O «Eclipse de Sol» consegue o que é muito raro: criar qualquer coisa que tendo a ver com tudo isto é outra

Enquanto prepara un

António C

O pintor à janela do seu estúdio, no Ba

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. João Pedro Gil de Sousa Prates, Juiz de Direito do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pelo 4.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução por quantia certa, sob o n.º 52/83, em que é exequente [illegible] MARTINS PINTO residente no Bairro Manuel Diniz, n.º 17 — Bobadela — Sacavém, e executado MANUEL DINIZ JÚNIOR L.DA, com sede na Quinta da Parreirinha — Apartado 2 — Sacavém, Loures, e neles correm éditos de vinte e um dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de catorze dias, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 865.º e seguintes do Código de Pro[illegible]

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente assinado.

Lisboa, 6 de Março de 1985

O Juiz de Direito

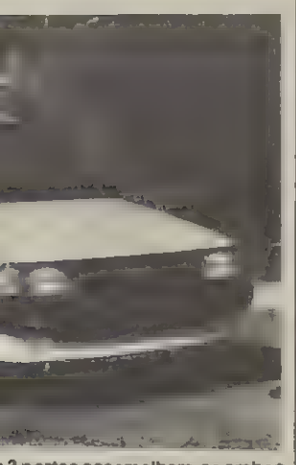
(Assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito

(Assinatura ilegível)

D.L. 25/3/85 — 1.ª Pub.

válvulas
a



a 3 portas assemelham-se ambos
te

uncionamento os diferentes
omponentes da suspensão tra-
eira, melhorando o controlo, a
stabilidade e o conforto da con-
ução.

o Corolla
portas

O Corolla 3 portas é também
m veículo de nova geração e
oncepção estilística inteira-
ente nova. Esteticamente as
uas linhas são muito semelhan-
es ao Starlet. A mesma forma
rredondada, a mesma frente
ergulhante e a traseira cortada
rnam-no um dois volumes ex-
aordinariamente bem dese-
hado, sem qualquer dúvida o
elhor que a Toyota produziu
té hoje neste aspecto.
A via alargada e a tracção
anteira permitiram também
onsideráveis ganhos de es-
aço, não só à frente como atrás.
qui o espaço é tal que facil-
ente se podem sentar quatro
essoas de estatura normal.
ena é que os bancos, rebati-
eis, só o sejam na totalidade.
Os bancos da frente, bem de-
enhados, espaçosos mas en-
olventes, permitem um posicio-
amento que satisfaz os mais
xigentes em comodidade. Todo
interior proporciona uma sen-
ação de conforto muito rara em
arros desta classe.
O Corolla utiliza o motor 2. E
e 12 válvulas de 1295 cc e dis-
ão de uma caixa de 5 velocida-
es.
A potência máxima é de 55 kw
6200 rpm e a velocidade má-
ma que atinge é de 160 km/h
celerando de 0 a 100 km em
4,1 segundos.
O consumo indicado é de 5,1
/100 km à velocidade estabili-
ada de 90 km/h, 7,2 a 120 km/h
7,4 em percurso urbano.
O novo Corolla tem suspensão
dependente às quatro rodas,
om elementos do tipo McPher-
on à frente e braço transversal
uplo com barra estabilizadora
rás

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Um espectáculo novo

ECLÍPSE DE SOL. Exercício final dos alunos do Curso de Iniciação Teatral de Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral. Direcção: Adolfo Gutkin. Interpretação: Ayres V. do S. Major e Margarida N. R. Coelho (São Tomé e Príncipe), Carlos A. N. Delgado (Cabo Verde), António F. de Oliveira, Carlos A.C. Dias, Domingos L. Carlos, Daniel J. da S. Francisco, José L. da Graça, Sebastião R. Figueira (Angola), Maria M. M. Guerreiro, Maria I. S. Fernandes, Maria M. P. M. da Silva, Mário R.B.R. Carneiro, Pedro M. O. da Silva, Maria C. R. Gonçalves, Eduardo M. V. de C. Martins e Paulo F. G. Monteiro (Portugal). Centro de Arte Moderna – Sala Polivalente – 2.3.1985.

Perante este espectáculo a primeira reacção é tímida – ele fala-nos de uma cultura de que conhecemos pouco. Traz para um palco tradicional tradições outras que têm a ver com outros espaços, com outros relacionamentos com o público, com outra forma de ser, mais próxima da vida do que do espectáculo tal como por aqui o conceituamos.

Esta primeira visão do exercício final dos alunos do CIT de Adolfo Gutkin é, no entanto, rapidamente varrida pela energia (ia escrever: pela paixão) que logo o espectáculo levanta. E de repente estamos postos perante esta realidade compósita: eis um espectáculo que participa do teatro, da dança, da música, da poesia, sem sacrificar qualquer destas expressões. O «Eclipse de Sol» consegue o que é muito raro: criar qualquer coisa que tendo a ver com tudo isto é outra coisa sem ser a mera soma disso.

Exercício lúdico, «Eclipse de Sol» é bastante mais do que isso porque na interdisciplinaridade do seu projecto demonstra como uma acção teatral não acaba, nem começa, necessariamente no teatro.

O espectáculo é constituído por duas partes. Na primeira, vimos a dramatização de uma lenda de São Tomé intitulada «O Olho». Trata-se da história de um homem que se transformou num assassino e por isso é castigado. Através do jogo mímico, da dança do canto, da marcação, dos sinais criados pelo encenador, não só se entende perfeitamente o que é narrado como nos sentimos mergulhados na atmosfera em que o conto decorre através dos elementos utilizados: ruídos, fatos, carácter ritualista de algumas passagens.

A segunda parte é constituída pela dramatização de três belos poemas: «Um poema diferente», do poeta cabo-verdiano Onésimo Silvério; «Quero ser tambor», do poeta moçambicano José Craveirinho, e «O grande desafio» do poeta angolano António Jacinto. São conhecidos os riscos que a dramatização da poesia implica e que têm a ver com os elementos de falsificação que pode introduzir no texto e com as debilidades da componente teatral. Neste caso, e aceite o princípio, os riscos foram reduzidos ao mínimo, de tal maneira que cada poema surge, mais simples ou mais complexo, na sua formulação dramática, tendo incólume a sua realidade primeira, a poesia, ao mesmo tempo que a teatralidade que nele é desperta opera em pleno.

Em «Quero ser tambor» é o próprio corpo do actor que funciona e o poema adquire essa ressonância, ora alegre ora trágica, que é talvez, depois do grito, o elemento mais antigo da expressão musical do homem. Em «O grande desafio» António Jacinto fala com uma doçura, uma emoção contida que nada devem a um Manuel Bandeira ou a um Carlos Drummond, desse outro tempo em que «com uma bola de meia/bem forrada de rede/bem cheia de borracha roubada às borracheira do Neves/em alegre bolguedo, entremeando caçambulas/... a gente fazia um desafio...»

O poema surgiu ao mesmo tempo dito por uma actriz que utilizou um microfone, o que conferia um outro timbre à voz (da intérprete e do próprio poema), interpretado em tom de sátira por um professor e seus alunos, e representado pelos outros actores através de jogos mímicos e vocais que exprimiam os valores dramáticos e visuais do texto. Tratava-se de um belo, muito belo e comovente momento de teatro sem deixar de ser um belo e comovente momento de poesia.

«Eclipse de Sol» revelou um trabalho que parece ser muito sério no que se refere à preparação dos elementos que acabaram o curso, e no que se refere ao tratamento dos temas propostas, ao respeito pelas raízes desses temas na sua transformação em energia teatral. Quem viu o belíssimo espectáculo que Peter Brook trouxe há anos a Lisboa terá entendido o que distingue esta acção teatral dirigida por Adolfo Gutkin: uma tentativa lograda de não distorção de um material que mergulha as suas raízes algures. E nessa área se mantém. Uma óptima lição e uma outra admirável surpresa de Gutkin.

Enquanto prepara um trabalho sobre "O Homem e o Mar"

António Carmo expõe em Bruxelas

O pintor a janela do seu estudio, no Bairro Alto, vendo-se à esquerda um dos quadros expostos na capital belga.

O pintor António Carmo, que prepara uma exposição sobre «O Homem e o Mar», a inaugurar em Maio próximo no Museu da Resistência (Forte de Peniche), encontra-se neste momento em Bruxelas, a convite de uma galeria da capital belga, onde estão patentes alguns dos seus quadros. A exposição em Peniche patrocinada pela edilidade local, prolongar-se-á até finais de Julho.

António Carmo expôs recentemente, em Beja, um conjunto de quadros baseados na obra do romancista e poeta alentejano Manuel da Fonseca.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. João Pedro Gil de Sousa Prates, Juíz de Direito do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pelo 4.º Juízo 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução por quantia certa, sob o n.º 52/83, em que é exequente GUILHERME MARTINS PINTO residente no Bairro Manuel Diniz, n.º 17 — Bobadela — Sacavém, e executado MANUEL DINIZ JÚNIOR LD.ª, com sede na Quinta da Parreirinha — Apartado 2 — Sacavém, Loures, e neles correm éditos de vinte e um dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de catorze dias, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 846.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Para constar se passou o presente anuncio que vai ser devidamente as-

Lisboa, 6 de Março de 1985

O Juíz de Direito

(Assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito

(Assinatura ilegível)

D.L 25/3/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

1.ª PUBLICAÇÃO
ANÚNCIO

14.º Juízo
2.ª Secção
Proc 139-A/80-H H

O Dr. Fernando José Leal Loureiro Pipa Juiz de Direito do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

— FAZ SABER QUE, pela segunda Secção do décimo quarto Juizo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm éditos de TRINA DIAS notificando MANUEL GUILHERME SIMÃO, com última residência conhecida na Estrada da Falagueira, Lote 8-r/c. Esq., na Amadora para, no prazo de OITO DIAS, findos que sejam os dos éditos contestar, querendo, a acção de Habilitação de Herdeiros que lhe move ALMERINDA LOPES MARTINS ANTUNES, residente na Rua João Ortigão Ramos, n.º 27, Porteira, em Lisboa, sob pena de ser considerado como habilitado

— O duplicado da Petição Inicial encontra-se à disposição do Réu neste Juízo e Secção

Lisboá, 4 de Março de 1985

O Juiz de Direito do 14.º Juízo
Fernando José Leal Loureiro Pipa

O Escrivão Adjunto
Rui Manuel Abranches Timóteo

«DL» — 25/3/85 — 1.ª Pub

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

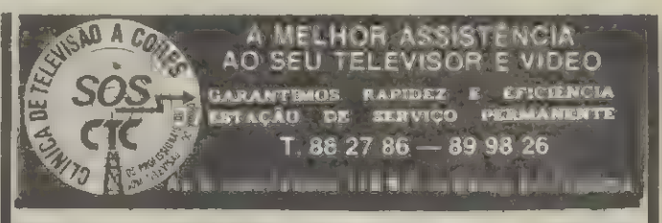
COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «ANTENAS DE VHF EM LATÃO». — PROC.º 145/85.

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «ANTENAS DE VHF EM LATÃO».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 29 de Abril de 1985, procedendo-se à aberturas às 10H00 do dia imediato, 30 de Abril de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo DO Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 75 000$00.



Hoje

RTP1

A RTP-1 apresenta esta noite um filme produzido pela BBC celebrando o 30.º aniversário da coroação da rainha Isabel II de Inglaterra

18.17 Notícias
18.22 Tempo dos Mais Novos
19.00 Teleregiões
19.25 Outras Culturas – Camilo Pessanha, «O Poeta e o Exílio».
20.00 Telejornal
20.27 Boletim Meteorológico
20.35 «Chuva na Areia» – 56.º episódio
21.15 «Rainha Isabel II, 30 Anos de Reinado» – filme produzido pela BBC celebrando o 30.º aniversário da sua coroação.
22.25 Aplauso – «Burnett Discovers Domingo». Uma hisótria divertidíssima, tipo comédia musical na boa e tradicional forma que os americanos usam nos seus grandes êxitos da Broadway.
23.30 Último Jornal

RTP2

Exibe-se na RTP-2 a 2.ª parte de «Apollinaire», intitulada «Os Amores do Mal Amado»

19.32 **Desenhos Animados**
20.00 «Apollinaire» – «Os Amores do Mal Amado». Intérpretes: Jena-François Balmer, Jenny Arasse, Tootie Masson e Caroline Sihiol. Realização: Marcel Camus.
21.40 **«A Sucessora»** – 56.º episódio
22.15 **Jornal da Noite**

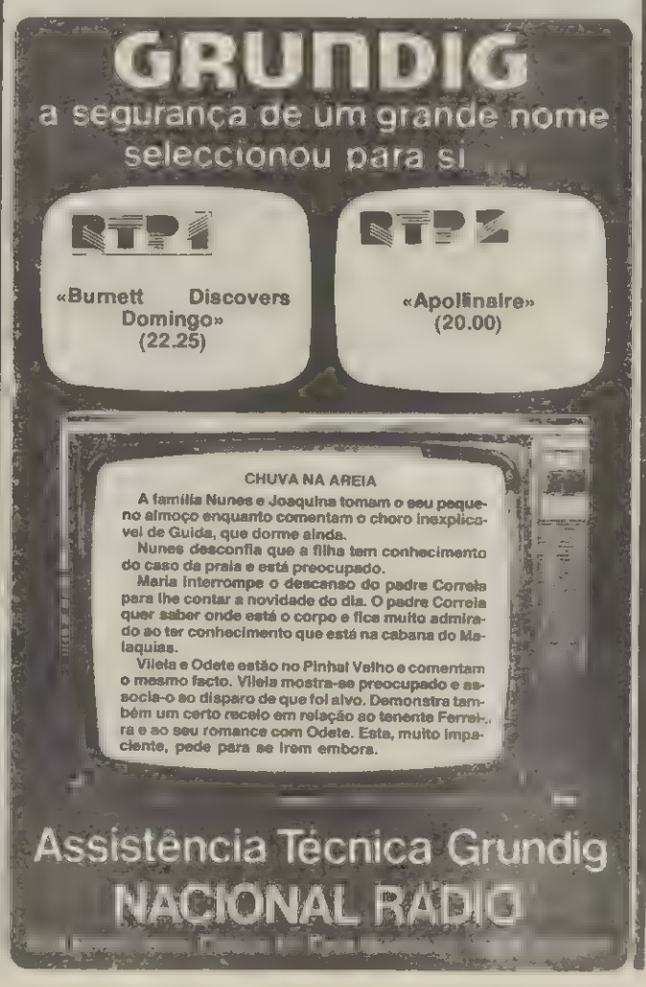
Amanhã

RTP1

19.32 Desenhos Animados, 20.00 Festival Popular de Folclore do Minho ao Algarve, 20.55 Encontro con António Wanger, 21.15 Conheça Melhor; 21.40 «A Sucessora», 22.15 Jornal da Noite

RTP2

10.30 Transmissão directa da chagada oficial a Portugal de Sua Majestade a Rainha Isabel II, 18.17 Notícias, 18.20 Tempo dos Mais Novos; 18.55 «Yakari», 19.00 Teleregiões; 19.20 Música da América, 20.00 Telejornal 20.27 Boletim Meteorológico, 20.30 «Chuva na Areia», 21.05 Grande Informação; 22.05 «Helen Keller» 23.00 Último Jornal



Todos os filmes propostos exibem-se em Lisboa

"Oscares" de Hollywood atribuidos hoje

A Academia de Ciências e Artes Cinematograficas de Hollywood vai atribuir hoje pela 57.ª vez os «Óscares» aos melhores filmes realizados em 1984

A cerimonia decorre mais uma vez no «Music Center de Los Angeles» e a votação (secreta) será feita pelos 4000 membros daquela instituiçao

Apenas cinco filmes se candidatam ao «Óscar» para o melhor filme do ano

Esses filmes são os seguintes.

«Amadeus», de Milos Forman (11 nomeações); «Passagem para a India», de David Lean (11 nomeações); «Terra Sangrenta», de Rolland Joffe (7 nomeações); «Um Lugar no Coração», de Robert Benton (7 nomeações); e «Historia do Soldado», de Norman Jewison (3 nomeações)

Todos estes filmes encontram-se em exibição nos cinemas de Lisboa

DOMÓGRAFOS
GABINETE DE DESENHO, C.R.L
NOTARIADO PORTUGUÊS

Maria Alice Ribeiro Fernandes, licenciada notaria do 9.º cartorio notarial certifica para efeitos de publicacao que a Cooperativa denominada DOMÓGRAFOS — GABINE[illegible] denominacao de DOMÓGRAFOS-GABINETE DE DESENHO C R.L. e de duraçao indeterminada contando-se o seu inicio desde 8 de Janeiro de 1973, e tem sede e escritorio em Lisboa, na Rua da Emenda, 30.°-3.°-salas G.H.I., freguesia da Encarnaçao A cooperativa pertence ao ramo de servicos do sector cooperativo e quanto aos seus membros e uma cooperativa de produtores de serviços, tem por fim e objecto a prestacão de serviços nas areas de arquitectura, engenharia, urbanismo, decoração escultura e construcão civil Esta registade na Conservatoria do Registo Comercial de Lisboa sob o n.° 4514 Que em assembleias gerais de 28 de Fevereiro de 1983 e 30 de Abril de 1984, devidamente convocadas e em condicoes de validamente deliberar foi deliberado substituir totalmente os estatutos da sociedade face aos condicionalismos exigidos pelo Codigo Cooperativo nos termos do Decreto Lei n.° 454 80 e demais legislaçao complementar pelo que a mesma se passa a reger pelos estatutos que constam de documento complementar que fica a fazer parte integrante desta escritura, elaborada nos termos do n.° 2 do artigo 78.° do Codigo do Notariado A presente narrativa parcial e de teor parcial vai conforme o original da escritura feita neste 9.° Cartorio Notarial em 2? de Julho de 1964 Lavrada de fl 84 a 85 V.° do livro de notas n.° 3-H

Com "Playing To Win"

Os LBR jogam para ganhar

OS LBR lançaram mais um álbum intitulado «Playing To Win». Nele a mesma força musical, de harmonias suaves que continuam a prevalecer e que, sem renegarem o passado, desenvolveram um som rock'n' roll mais criativo.

Existe uma atmosfera em bruto que emana dos músicos e a sua música vai contra a teoria do «toca seguro / não mudes o esquema imposto». Com este disco acabam de juntar mais rock ao «roll».

Desde a sua formação em 1975, os LBR andaram sempre pelos postos mais altos do «Hot 100» com «singles» de êxito como «Happy Anniversary», «Reminiscing», «Help Is On Its Way», «Lonesome Loser» e «Man On Your Mind»

«Diamantina Cocktail», o seu segundo LP, invadiu os Estados Unidos e trouxe ao grupo o seu primeiro disco de ouro em terras americanas. Logo as suas proezas musicais e versatilidade abriram-lhe uma mina em álbuns de ouro e platina como: «Sleep, Catcher, First Under The Wire», «Time Exposure» e «Greatest Hits»

Um novo espirito acompanha a evolução dos LRB e os novos membros são responsáveis por esta lufada de ar. Com a mistura de diversos estilos musicais delinearam uma direcçao que lhes proporcionou ainda maiores êxitos

Graham Goble, que è o único membro da formaçao original, é o responsável pelo desenvolvimento da banda e pela sua potência actual O primeiro LP «Little River», cujo nome foi inspirado numa tabuleta de auto-estrada, Goble seleccionou vários músicos com os quais começou a conquistar público mesmo fora da Austrália.

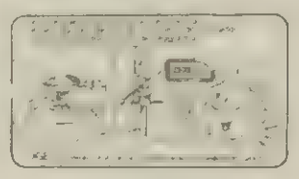
Foi também o guitarrista que convidou o vocalista John Faenham para se juntar à banda. A facilidade do cantor em mudar, sem esforço, de baladas românticas para um som hard-rock, fazem com que seja considerado um dos principais vocalistas rock da Austrália.

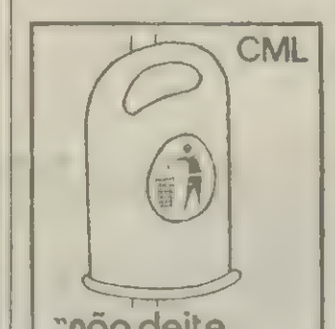
Quando os LRB necessitaram de um teclista para a gravação do álbum «The Net», pensaram que David Hirschfelder seria o melhor. Ele vinha de um grupo de fusão.

Continuando a metamorfose, o guitarrista Stephen Housden foi incorporado na nova estrutura da LRB. A sua destreza e tendência para a música moderna tinham já sido demonstradas, enquanto pertencia a um grupo bastante popular em Sydney, The Imports.

As aparições do grupo em terras americanas forneceram-lhes mais do que discos de ouro e platina, trouxe-hes também o baixista Wayne Nelson. As aventuras das novas direcções musicais foram solidificadas pela mais recente entrada do baterista Steve Prestwich, que se concretizou em 1983

«Playing To Win» fornece um som sofisticado e bem misturado de rock, sendo o resultado das varias influências musicais de cada membro da banda. Este novo espírito foi encorajado no estúdio pelo produtor Spencer Proffer, que os acompanhou durante os ensaios





CRÉDITO HABITAÇÃO PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	75$55	81$55
ALEMANHA FED (marco)	54$50	55$60
AUSTRIA (xelini)	7$70	7$90
BÉLGICA (franco)	2$547	2$747
BRASIL (cruzeiro)	$025	$040
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	127$90	129$90
(notas de 5 a 1000)	128$40	130$40
DINAMARCA (coroa)	15$20	15$60
ESPANHA (peseta)	$931	1$051
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	175$50	177$50
(notas de 5 a 1000)	176$50	178$00
FINLÂNDIA (marka)	26$25	26$85
FRANÇA (franco)	17$75	18$45
HOLANDA (florim)	48$20	49$20
IRLANDA (libra)	170$90	174$90
ITÁLIA (lira)	$078	$088
JAPÃO (iene)	$660	$695
NORUEGA (coroa)	19$00	19$50
REINO UNIDO (libra)	206$50	210$50
SUÉCIA (coroa)	19$05	19$65
SUÍÇA (franco)	64$30	65$40
VENEZUELA (bolivar)	12$00	13$00

Observações
1 – No respeitante a moedas estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00 Musicomania, 17.50 Informação regional 18.05 A gaita dos sete foles, 19.00 Informação e musica 20.00 Musical 20.20 No estudio e no estádio 20.35 Musica portuguesa 21.00 Cozinha economica 21.30 Noites de luar 23.30 Ultimo jornal Noticiarios a todas as horas

Programa 2

15.30 A musica de piano na era romântica, 16.00 Musica do século XX 16.30 Solos de viola dedicada, 16.45 Trechos de operas de Verdi 17.00 Ciclo Beethoven 17.20 [illegible] poema sinfonico, de S[illegible] 17.30 Musica de todos os quadrantes 18.00 Poesia, 18.05 Musica vocal 18.40 Musica de tecla, 19.00 Musica, de Brahms, 19.30 Terra viva planeta azul 20.00 Musica de câmara, 20.40 Anto[illegible] 21.18 [illegible] 22.10 [illegible] 23.00 [illegible] 00.30 [illegible] 01.30

RADIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m

[illegible] 01.00 O pas[illegible] calor da noit[illegible] hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 O vapor; 16.00 O som da frente 17.00 Ondas luisianas, 18.00 Circulo em FM 19.00 Em órbita, 20.00 Nova geraçao, 21.00 Jazzofone, 22.00 Café concerto, 24.00 Pe-de-vento 02.00 No calor da noite Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

15.00 Meia-tarde, 16.00 Rua Capelo, 18.00 Jornal das regiões, 18.30 Transmissão do terço, 19.30 Memorando, 20.00 Programa da LARR 20.30 Universidade na Radio 21.00 Horizonte 22.00 Quando o telefone toca, 22.30 Diário do desporto, 23.00 Clube dos coleccionadores 24.00 Sessão da meia-noite, 02.00 Estação de serviço

FM-Estéreo

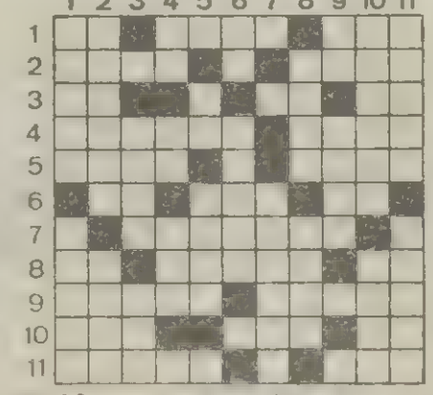
15.00 Estaminé do ritmo, 16.00 Acordo som, 18.00 Entre-Campos, 19.30 Transmissão do terço, 20.00 Serra de estrelas, 21.00 Porto belo; 22.00 Oceano Pacifico, 24.00 Ultimo Metro; 02.00 Estação de serviço Noticiários a todas as horas

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.° 14 388

HORIZONTAIS:

1 Vossa Alteza Caminha. Conjunção
2 Espaço de terra cercada de água por todos os lados. Artigo definido Tenha prazer
3 Neodímio (s.q) Germânio (s.q) Espera resposta
4 Virtudes Vila e concelho do distrito do Porto
5 Sufixo que designa abundância Pronome demonstrativo
6 Erbio (s.q) Ave trepadora do Brasil Catedral
7 Induza
8 Rubidio (s.q) Rei dos Moabitas, pelo século XIV aC Irídio (s.q)
9 Freguesia do concelho e distrito de Aveiro Rede de arrastar
10 Vão Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia Ondas curtas
11 Tempo do verbo ser Rio de Portugal



VERTICAIS:

1 Bebedeira (fig) Instrumentos para atirar setas
2 Nome genérico de açúcares ou hidratos de carbono, nao hidrolisáveis que possuem além da função alcoólica, aldeidica Deus do vinho
3 Engenho de tirar agua Preposiçao
4 Autores Reis, Monarca
5 Bário (s.q) Rio de Espanha
6 Contracção da preposição de com artigo Senhora. Artigo definido
7 Empregaria
8 Suspirei Soas
9 Moderato Teste
10 Óleo extraido da azeitona Ergueu
11 Trabalho á noite Insecto roedor

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.° 14 228

HORIZONTAIS:

[illegible]
1 Rio da Polónia Escarnei
5 Abreviadas
6 Chefe etiope
7 Interjeição que denota duvida impaciência, reticência Terceiro Igual
8 Pasto comunal Que tem calos
9 Estado do N.E. da Venezuela Sufixo que designa abundância
10 Empregar Freguesia do concelho de Arouca
11 Penúria (pop) Aves pernaltas

VERTICAIS:

1 Cidade dos Países Baixos Dedo grande do pé
2 Embarcação grande Um dos
[illegible]
4 Tempo (pl) Ilha do Pequeno Bell
5 Primeiro signo do Zodiaco
6 Nota musical Agricultor
7 Preposição e artigo Romance de Eça de Queirós
8 Malograis Físico alemão que descobriu a declinação dos Raios X pelos cristais Prémio Nobel 1914
9 Rio de Itália. Antiga unidade monetária da Alemanha
10 Criminoso que foi apresentado aos judeus por Pôncio Pilatos para que escolhessem, entre ele e Jesus, o que deveria ser libertado por ocasião da Páscoa Rádio (s.q)
11 Escavais Apelido

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.° 14 387

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Finlândia A.	1 FORTUNA E
2 Orão Aroso	2 Iriara Polo
3 Rim Cave Or	3 Nampula
4 Taporobana	4 Lo Rb Cá At
5 Urubu Secos	5 Couraçado
6 Nal Rá. Ou	6 Naab Abrias
7 Acabar Ra	7 Dvãs Aero
8 Acrescer	8 Irene Rs
9 Eon Ar Elo	9 Ao Aço CEGA
10 Adão Gas	10 Só Ouretas
11 Posto Casa	11 Aoros Arosa

PROVÉRBIO: A fortuna é cega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 14 227

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Confraria	1 Confeito As
2 Or Rimo	2 Ora Muitos
3 Narrador. In	3 Ra Rasto
4 Atracar	4 Fortuna Ari
5 Em Un. Deve	5 Arro. Açor
6 Iu Nomeia	6 Andarme Aso
7 Tira Ecavas	7 Oc Eça
8 Ota. Avelã	8 Irradiavam
9 Osaca Arar	9 Ai Reaver
10 Astros. Pã	10 Mi. Alapa.
11 Oiros. Sam	11 Confessaram

cartaz de

AVILA 539930
Av Duque d Avila 92A
Às 14.45, 17, 19 e 21.30
– M. 18 a
NOITES ESCALDANTES
Preço especial 125$00

AVIS 547153
Av Duque de Ávila 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
– Int men 18 a
PENSÃO DO AMOR LIVRE

BABILÓNIA
Av Elias Garcia, 362-D
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M 12 a
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

BERNA 776098
Av Marques de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M 16 a
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac men 13 a
VAI TRABALHAR MALANDRO

CASTIL 530194
R Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
– M 12 a
PROTOCOLO
Preço especial 125$00

CINE BLOCO 5568[illegible]
R Pinheiro Chagas 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N ac. men. 18 a
POLTERGUEIST, O FENÓMENO
As 24 – Int. men 18 a
A FELINA

CINE CAMOES 324194
R do Loreto 15
Às 14, 16.30 e 21.30
– N ac. men. 13 a
[illegible]SO DO ZORRO

outros c

ALFA-1 – «Passagem para a India», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Revolta no Pacifico», às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 – «O Caça-Policias», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)
TERMINAL – «História do Soldado», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)
FONTE NOVA – Sala 1 – «Feliz Natal, Mr Lawrence», às 21.15 (16 anos)
FONTE NOVA – Sala 2 – «Classe», às 21.00 (16 anos)
FONTE NOVA – Sala 3 – «A Loucura do Ritmo», às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL – «Beverly Hills Cop, o Caça-Policias», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Passagem para a India», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Pesadelos de uma Virgem», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Sexo de Ouro», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO ACS – «Os Compadres», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Amadeus», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)
CITY-CINE – «O Lugar do Morto», às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA – «Dinamite Johnson», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Taxistas do Ritmo», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Imapala – «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrivel – «Rolf, o Mercenário», às 21.15 (16 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (6 ano)

r

do numa tabuleta de auto-es-
ada, Goble seleccionou vários
úsicos com os quais começou
conquistar público mesmo fora
a Austrália
Foi também o guitarrista que
nvidou o vocalista John Fa-
nham para se juntar à banda. A
cilidade do cantor em mudar,
em esforço, de baladas român-
as para um som hard-rock,
zem com que seja considerado
n dos principais vocalistas rock
a Austrália.
Quando os LRB necessitaram
e um teclista para a gravação
o álbum «The Net», pensaram
e David Hirschfelder seria o
elhor. Ele vinha de um grupo de
são.
Continuando a metamorfose,
guitarrista Stephen Housden
i incorporado na nova estrutura
a LRB. A sua destreza e ten-
ência para a música moderna
nham já sido demonstradas,
quanto pertencia a um grupo
astante popular em Sydney,
he Imports.
As aparições do grupo em ter-
s americanas forneceram-lhes
ais do que discos de ouro e
atina, trouxe-hes também o
ixista Wayne Nelson. As aven-
ras das novas direcções musi-
is foram solidificadas pela
ais recente entrada do bate-
ta Steve Prestwich, que se
ncretizou em 1983.
«Playing To Win» fornece um
m sofisticado e bem misturado
rock, sendo o resultado das
rias influências musicais de
da membro da banda. Este
vo espirito foi encorajado no
túdio pelo produtor Spencer
offer, que os acompanhou du-
nte os ensaios.

as

38

ERTICAIS

Bebedeira (fig) Instrumentos para atirar setas
Nome genérico de açúcares ou hidratos de carbono, não hidrolisáveis que possuem além da função alcoólica, aldeídica
Deus do vinho
Engenho de tirar água Preposição
Autores Reis Monarca
Bário (s q). Rio de Espanha
Contracção da preposição de com artigo Senhora Artigo definido.
Empregaria
Suspirei. Soas
Moderato. Toste
Oleo extraido da azeitona Ergueu
Trabalho à noite Insecto roedor

rbio nele inscrito

228

doze apóstolos aqu...
tregou Jesus em tro...
nheiro e enforcou... vad
he o remorso
...a Palestina ao Sul do
... Ilha do Pequeno Belt
Primeiro signo do Zodíaco
Nota musical Agricultor
Preposição e artigo Romance de Eça de Queirós
Malograis Físico alemão que descobriu a decifração dos Raios X pelos cristais Prémio Nobel 1914
Rio de Itália. Antiga unidade monetária da Alemanha
Criminoso que foi apresentado aos judeus por Pôncio Pilatos para que escolhessem, entre ele e Jesus, o que deveria ser libertado por ocasião da Páscoa
Rádio (s.q)
Escavais Apelido

PROBLEMA N.° 14 227

VERTICAIS:

1 Confeito As
2 Ora Muitos
3 Ra Rasto
4 Fortuna Ari
5 Arro Açor
6 Andarne Aso
7 Oc. Eça
8 Irradiavam
9 Al Reaver
10 Mi. Alapa
11 Confessaram

cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 539930
Av Duque d'Ávila 92A
Às 14 45, 17, 19 e 21.30
– M. 18 a
NOITES ESCALDANTES
Preço especial 125$00

AVIS 4 153
Av Duque de Ávila 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int men 18 a
PENSÃO DO AMOR LIVRE

BABILÓNIA
Av Elias Garcia, 362-D
Às 15 15, 18.15 e 21 30
– M 12 a
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

BERNA 776098
Av Marques de Tomar
As 14. 16.30, 19 e 21.30
– M 16 a
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac men 13 a
VAI TRABALHAR MALANDRO

CASTIL 530194
R Castilho
Às 15 30, 18.30 e 21 30
– M 12 a
PROTOCOLO
Preço especial 125$00

CINE BLOCO 55687
R Pinheiro Chagas 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N ac men 18 a.
POLTERGUEIST, O FENÓMENO
Às 24 – Int. men. 18 a
ETERNA

CINE CAMOES 324194
R do Loreto 15
Às 14, 16.30 e 21 30
– N ac. men 13 a
O REGRESSO DO ZORRO

CINE 222 579460
Av P da Vitoria 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M 6 a
BINGO-BONG
Às 24 – N ac men 18 a
A FUGA DO CAÇA SOVIÉTICO

CINESTUDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora
As 15.30, 18 30 e 21 30
– M 18 a
A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora
As 15 30 e 21 30 – M. 12 a
REVOLTA NO PACÍFICO

CONDES 322523
Av da Liberdade 2
14, 16,30, 19 e 21.30
M 12 anos
ZÁS! TUDO AO LÉU

2000 2100055
Av B Voluntarios Ils 113 4
Às 14.15, 16 30, 18.30 e 21 30
M 12 a
A ESTRADA DE FOGO

EDEN 320768
P Restauradores 21
As 14, 16.30, 19 e 21 30
M 12 a
BEVERLY HILS COP, O CAÇA-POLÍCIAS

ESTUDIO 555134
Al Afonso Henriques 35
Às 15.30, 18 30 e 21.30
– M 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN
Preço único 125$00

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves 83-B
Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
– M 12 a
PAULINA NA PRAIA

HOLLYWOOD 802659
Centro Comercial Alvalade
SALA 1
Às 14.30. 16 45, 19, 21 30 e 24
– M 12 a
COMEBACK, FUGITIVOS DO INFERNO
SALA 2
Às 14 15. 16 30, 18 45, 21 30 e 23 45
– M 16 a
1984

IMPÉRIO 5551345
Al Afonso Henriques 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int men 13 a
NOVA IORQUE 1997
Preço único 125$00

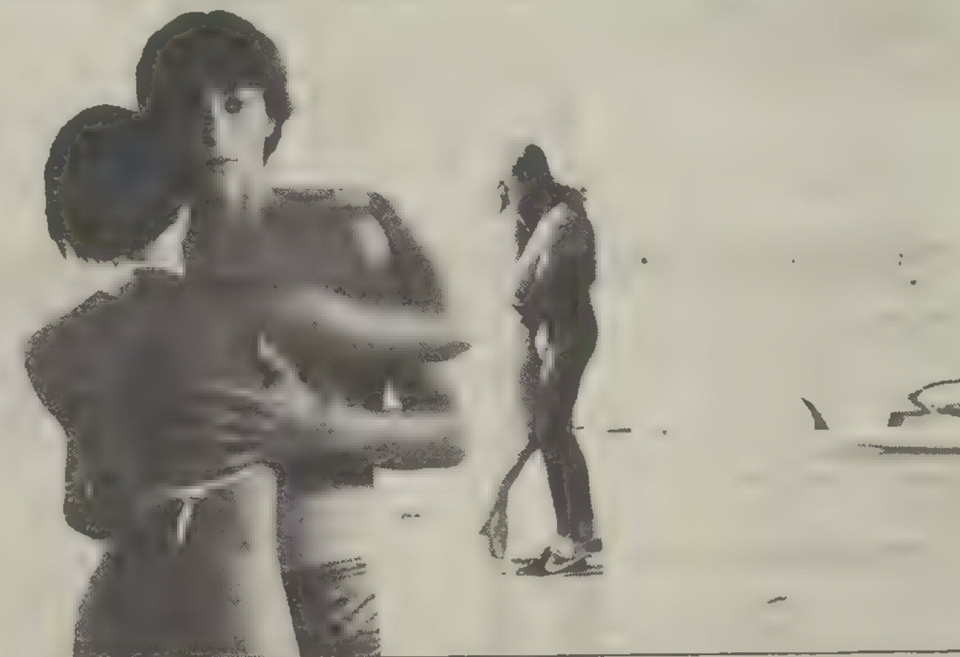
LIDO 93759
P D. João I Amadora
As 21 30 – M 12 a
A MULHER DE VERMELHO

MONTECARLO 681117
Av Pedro Alvares Cabral 37
às 14.15, 16.30 e 21.30
– M 12 a
OS IMPLACÁVEIS EXTERMINADORES
Preço único 125$00

NIMAS
Av 5 de Outubro 42 B
As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M. 12 a.
UM LUGAR NO CORAÇÃO
c/ Sally Field

ODEON 326283
R dos Condes 12 a 20
Às 15 15, 18.15 e 21 30
– M 16 a.
A VINGANÇA DO DRAGÃO

PATHE 821933
R Francisco Sanches 122
Às 14, 17.30 e 21.30
MY FAIR LADY



Uma cena do filme «PAULINA NA PRAIA». A nova obra-prima de ERIC ROHMER da serie «Comedias e Proverbios»

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão 109
As 14 15, 16 30, 19 e 21 30
– M 16 a
O MARGINAL
Preço único 125$00

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16
SALA 1
Às 14, 16.30, 19 e 21 15
– M 16 a
DANIEL, PASSADO SEM RESGATE
Às 23.45 – M. 18 a
FRANKENSTEIN JR.
SALA 2
Às 15, 17, 19, 21 30 e 23 30
– M 12 a
O TERCEIRO TIRO
SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.15
– M 16 a
NOSTALGIA
Às 23 30 – M. 18 a
TOM HORN, O COWBOY
SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a
ULTRA-SECRETO
Às 23 30 – M 18 a.
O FANTASMA DO PARAÍSO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27-B
Às 14.30, 16 45, 19 e 21 30
– M. 12 a
PAULINA NA PRAIA
As 24 – Int men 18 a
VINGANÇA DUMA MULHER

ROMA TEL. 727778
Av de Roma 14 M N
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M 16 a
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

ROXY
Av Almirante Reis 20
As 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 12 a
O TEU OLHO É A MINHA DESGRAÇA

SAO JORGE
A. da Liberdade 175
SALA 1
As 15, 18 15 e 21 30
– M 12 a
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
SALA 2
Às 14, 16 30 e 19
– M 16 a
EUREKA
SALA 3
Às 14.30, 16 45, 18.45 e 21 15
– M 12 a
PROTOCOLO

7.ª ARTE
Av República a E. Entre Campos
As 15, 17, 19 10, 21 45 e 23 45
– M 12 a
PROTOCOLO
c/ Goldie Hawn

STAR
As 15, 18 15 e 21 30
– M 12 a
GENTE GIRA
Preço único 125$00

TURIM
As 15, 17 30 e 21 45
– M 6 a
SPLASH, A SEREIA

VOX 88 78 18
Às 15, 18.15 e 21.30
– M 12 a.
[illegible]
Preço único 125$00

XENON
Av da Liberdade
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M 12 a
OS FUGITIVOS DO INFERNO

outros cinemas

ALFA-1 – «Passagem para a India», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Revolta no Pacífico», às 21 30 (6 anos)
ALFA-3 – «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21 15 (6 anos)
TERMINAL – «História do Soldado», às 21 30 (12 anos)
ZODÍACO – «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)
FONTE NOVA – Sala 1 – «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.15 (16 anos)
FONTE NOVA – Sala 2 – «Classe», às 21 00 (16 anos)
FONTE NOVA – Sala 3 – «A Loucura do Ritmo», às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL – «Beverly Hills Cop, o Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Pesadelos de uma Virgem», às 21.00 e 23.00 (18 anos).
OLÍMPIA – «Sexo de Ouro», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (6 anos)
ESTÚDIO ACS – «Os Compadres», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Amadeus», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Terra Sangrenta», às 21 30 (16 anos)
CITY-CINE – «O Lugar do Morto», às 21 30 (12 anos)
PROMOTORA – «Dinamite Johnson», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
ESTORIL – Casino – «Os Taxistas do Ritmo», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Imapala – «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã» às 21 30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrivel – «Rolf, o Mercenario», às 21 15 (16 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (6 ano)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «Revolta no Pacífico», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «O Superpolícia», às 21.45 (6 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Fim-de-Semana de Osterman», às 21.30 (16 anos)

Porto

BEBÉ – «Paris Texas», às 21 45 (12 anos)
OLÍMPIA – «João Broncas, Avançado Fura-Redes», às 21.30 (Todos)
BATALHA – «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 21.45 (18 anos)
CHARLOT – «Paris Texas», às 21 30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Paris Texas», às 21.45 (12 anos)
TERÇO – «O Vale das Sombras», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Crónica dos Bons Malandros», às 21 30 (12 anos)
ÁGUIA – «A Vingança dos Manetas de Ferro», às 21 45 (18 anos)
RIVOLI – «O Crime de Simão Bolandas», às 21 30 (12 anos)
FOCO – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «As Orgias de Mata-Hari», às 21 30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «O Caça-Polícias», às 21 30 (12 anos)
TRINDADE – «Amadeus», às 21 15 (12 anos)
PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21 30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «Os Amigos de Alex», às 21 30 (16 anos)
NUNO ÁLVARES – «O Curandeiro», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «As Raparigas Alegres do Campo», às 21 30 (18 anos)
COLISEU – «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R Barão de Sabrosa, 235-235-A (T 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av da Igreja, 18-A (T 892070), **AMOREIRAS -ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R Silva Carvalho, 232-C (T. 650070); **ANJOS -LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas**, R da Misericórdia, 135 (T 327564); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA -CHARQUINHO: Macedo**, R República da Bolívia, 69-C (T 713697), **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162A (T. 669485); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **RESTELO -AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256). **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845), **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Allornelos – Celula G lote 35 (T. 996540); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al Infante D Henrique, 1 (T 9811203), **PONTINHA: Cruz Correia**. E. de Santo Elói, 41-A (T 992453)

REFORÇO

ALCÂNTARA Probidade, R de Alcântara, 15-A-B (T. 638589), **AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa**. R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721), **CAMPO DE OURIQUE: Profirio**, R Francisco Metrass, 59-B (T 663349), **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge** L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av Madame Curie, 15-A (T. 723220), **SÃO JOSÉ -TIVOLI: Fernandes**, R de São José, 187 (T. 326476); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T das Prioras (T. 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T 2760565) Permanente. **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R Cabo da Boa Esperança, 25-A (T 2767356) Permanente: **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060) Até às 19 horas, **FEIJÓ: Feijó**, R Borges Rego, 7 (T 2290911). Até às 22 horas **SESIMBRA: Leão** Av da Liberdade, 1 (T 2233471). Até às 19 horas, **LAVRADIO: J. Consolado**, Av Joaquim J Fernandes, 17-C (T 2043126) Até às 19 horas, **BARREIRO: Higiénica**, R D Manuel I, 178 (T 2073017) Permanente, **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B de Moçambique, 84-B (T 204946). Até às 19 horas, **CORROIOS: Universo**, E Nacional, 10 (T 2290084). Até às 19 horas, **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.° de Maio, lote 401 (T 2216355). Até às 22 horas, **SEIXAL: Godinho**, L da Igreja, 51 (T 2213580) Até às 22 horas, **MONTIJO: São Pedro**, Av de Camões, 16 (T 2311133) Até às 22 horas, **MOITA: Silva Rocha**, P da Republica, 16 (T. 239029). Até às 19 horas, **ALHOS VEDROS: Gusmão** R Cândido dos Reis, 30 (T 204020) Até às 19 horas, **ALCOCHETE: Gameiro**, L António Santos Jorge, 15 (T 234100) Até às 19 horas **SETÚBAL: Lisboa**, R Dr Paulo Borba, 70 (T 22248) Permanente **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330) Permanente, **Marques** R Arronches Junqueiro, 109 (T 22783) Até às 22 horas

Linha de Cascais

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697) Até às 19 horas, **TIRES: Guimarães**, L Duartes, lote A, r/c (T 2441616). Até às 22 horas, **ALCABIDECHE: Carvalho**, B Padre P Correia, 4 (T 2690363) Até às 22 horas, **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D Firmino Rebelo (T 2421015) Até às 22 horas **MALVEIRA DA SERRA: Luz** E Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R Costa Pinto, 184 (T 2432034) Permanente, **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T 2430090). Até às 22 horas, **CARCAVELOS: Central**, R 5 de Outubro, 25 (T 2470037). Permanente, **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av de Sabóia, 29 (T 260085) Até às 22 horas, **PAREDE Brandão**, Av da República, 77-C (T 2471054) Permanente. **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T 2472278). Até às 22 horas, **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas, **BIRRE: Imani**, **MADORNA: Madeira** R A (T 2476326). Até às 22 horas, **AMOREIRA: Abrantes** Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas, **MONTE ESTORIL: Ostende** R de Espinho, 1 (T 260391) Até às 22 horas, **CASCAIS: A. Costa**, R Freitas Reis, 24-C (T 280214) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Dias & Brito, Av Marquês de Pombal, 45-A (T 934589) Permanente, **Carmele**, R Elias Garcia, lote 28 (T 933303). Até às 22 horas, **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T 971121). Até às 22 horas, **QUELUZ: Serra & Pinto**, R D António C Sá, 50-GE (T 957619). Até às 22 horas, **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S Oliveira, 5 (T 2518669). Até às 19 horas, **CACÉM: Araújo e Sá**, E de Paço de Arcos, lote 1-B (T 9240781). Permanente, **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E de Mem Martins, 173 (T 9214103) Permanente, **MERCÊS: Claro Russo**, R Abade Faria, 2-A (T 9215275) Até às 22 horas, **RINCHOA: Araújo** Até às 22 horas, **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T 9290088)

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R Francisco M Beato, 75-A (T 2518918) Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151) Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

PAREIRÓ, R. da Preciosa, 35, **ORDEM DA TRINDADE**, R Heróis e Mártires de Angola, **CARNEIRO BARBOSA** R da Firmeza, 99-A, **DA AREOSA** R D Alonso Henriques, 1-5, Areosa, **ALMEIDA**, R Castelo de Numão, 37

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO R Alexandre Herculano, 384, **TERREIRO**, R da Reboleira, 21, **BARROS**, R do Bonjardim, 1292, **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756, **MATA**, R. do Campo Alegre, 192

COIMBRA

UNIVERSAL, P 8 de Maio, 35 (T 23744), **ESTÁDIO**, R do Brasil, 348, r/c ao Calhabé (T. 712710), **MARIA DA NAZARÉ**, Av João das Regras, 132, Santa Clara (T 23033)

teatros

Lisboa

BARRACA – «Dois Tempos, um País» às 21 30 (13 anos)
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – «O Anel do Nibelungo», às 21 30
TEATRO DA GRAÇA – «Todos os Cómicos Acabam com uma Canção», às 21 30 (13 anos)
TRINDADE – «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

DL

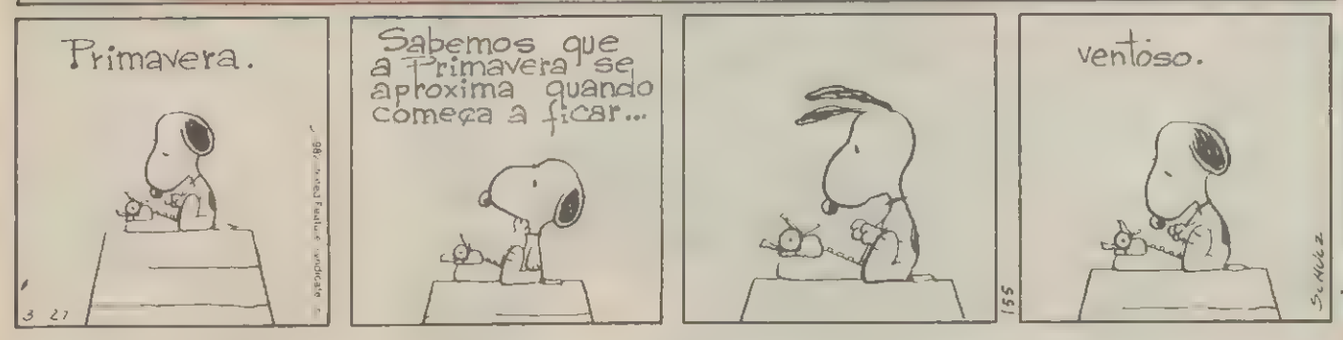
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração Redacção Publicidade e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154 - Redacção 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira 40$00

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322304-320784



MARES DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.10	3,8 m	10 44	1,2 m
17 21	3,7 m	23 00	1,2 m
Dia 26			
6 08	3,4 m	11 50	1,5 m
18 19	3,4 m		

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	7°
PORTO	12°
COIMBRA	8°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	10°
ÉVORA	8°
BEJA	9°
FARO	14°
SAGRES	12°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO

Céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Oeste soprando por vezes forte nas regiões do Norte. [illegible] especialmente nas regiões do Norte e centro e partindo do fim da madrugada, passagem gradual [illegible]

Pertencia à missão dos EUA na RDA

Oficial americano abatido por guarda soviético

Um guarda soviético abateu ontem a tiro um oficial do Exército norte-americano da missão dos EUA na Alemanha Democrática – anunciou hoje o Quartel-General das Forças Armadas dos Estados Unidos na Europa.

«Autoridades norte-americanas estão a debater a gravidade do incidente com autoridades soviéticas» – referiu um comunicado

O Exército norte-americano não deu pormenores do incidente, referindo que, quando for possível, serão reveladas outras informações.

O nome do oficial abatido não foi revelado, porque a sua família ainda não foi informada

O breve comunicado divulgado referiu apenas que, «segundo informações recebidas pelo Exército norte-americano na Europa, um guarda soviético abateu, no dia 24 de Março, domingo, um oficial do Exército norte-americano que fazia parte da missão de ligação dos Estados Unidos na Alemanha de Leste».

Cooperativas de habitação têm novo regime de crédito

A concessão de empréstimos a longo prazo a cooperativas de habitação e contrução foi hoje autorizado através de um decreto que estabelece os princípios do novo regime de financiamento das cooperativas. Os empréstimos serão concedidos pelo Instituto Nacional de Habitação, Caixa Geral de Depósitos, Crédito Predial e Montepio Geral e destinam-se à construção ou aquisição de fogos para habitação dos associados das respectivas cooperativas, em regime de propriedade colectiva.

Ao abrigo deste diploma não poderão ser concedidos este ano financiamentos superiores a um milhão de contos. Esse limite será fixado anualmente por despacho conjunto dos Ministros das Finanças e Equipamento Social é fixado por portaria hoje igualmente inserta no «Diário da República». Esse montante aproxima-se do valor total das habitações, mas varia consoante se trata de construção ou aquisição. O prazo de amortização é de 25 anos e o mutuário só pagará os juros, semestralmente, sobre as quantias efectivamente colocadas à sua disposição, contados dia a dia, quando se trata de financimentos à construção.

As prestações mensais de reembolso são calculadas de harmonia com o regime de progressividade crescente para os três primeiros períodos de cinco anos e mantêm-se constantes nos dois últimos anos. As taxas de crescimento das prestações naquelas três primeiros períodos são constantes e iguais a 60% da taxa de juro dos empréstimos a prazo superior a 5 anos.

A bonificação dos juros é de um terço da taxa de juro contratual e variará proporcionalmente, para cima ou para baixo, tal como a taxa contratual, em função da taxa média legal de juros

PS diz que é indispensável escolher:

Ou os benefícios do poder ou as vantagens da oposição

«Acumular simultaneamente os benefícios do poder e as vantagens da oposição é uma atitude política condenável que o PS não pratica». A afirmação consta do comunicado saído da reunião de ontem da Comissão Nacional do Partido Socialista e parece por inteiro dirigida ao PSD.

No mesmo parágrafo os dirigentes socialistas afirmaram rejeitar «em absoluto a posição demagógica dos que, incrustados na máquina estatista da administração e das empresas públicas, onde prefiguram uma mera política conservadora e burocrática de manutenção de privilégios, pretendem inculcar, sem êxito, na opinião pública a ideia de que o PS é uma força que deseja perpétuar o imobilismo».

Talvez para reagir contra isso, os dirigentes socialistas encarregaram a Comissão Permanente do partido de «apresentar no mais curto prazo de tempo à Comissão Política uma moção orientadora das linhas essenciais de condução da política do partido, designadamente no que se refere à tradução dos objectivos e medidas legislativas e políticas calendarizadas no âmbito do acordo de coligação PS-/PSD».

Um outro passo do comunicado final da Comissão Nacional do PS parece ser dirigido também aos sociais-democratas, parceiros na coligação governamental: «A Comissão Nacional acentuou a necessidade de o PS continuar a afirmar-se pela coerência da sua acção política e pelo sentido de Estado que, como nenhum outro partido, sabe imprimir à democracia portuguesa e ao mesmo tempo de explicitar, sem tibieza, uma linha própria de justiça social, sem recear as chantagens retóricas dos que escondem na agressividade e nas reivindicações verbais o escândalo das suas permanentes divisões internas e o espectáculo lastimível da sua falta de liderança política»

Qualquer destas duas posições são, as mais duras reacções socialistas ao «forcing» social-democrata contra o PS, que se foi acentuando na última semana, a propósito do cumprimento, ou não, das medidas estabelecidas, na renegociação do acordo de Governo

Mas sobre a actual situação política, a Comissão Nacional do PS debruçou-se também sobre outros sectores políticos. Assim, analisou – palavras do comunicado final – «a crise profunda com que se debate a direita portuguesa face à anemia do CDS»; «o isolamento político, ideológico e cultural a que se remete o PCP e a crescente falta de implantação dos comunistas no terreno social, fruto da ausência de uma estratégia alternativa e democrática da sua direcção»; «A debilidade e o carácter contraditório inerente ao lançamento de novas formações políticas, onde se patenteia a contradição entre interesses institucionais instalados, candidatos concorrentes à investidura presidencial e candidatos à mera indigitação parlamentar, bem como entre bases, grupos de apoio e individualidades dirigentes, sem falar da total falta de coerência programática e do deserto ideológico patente nessa área»; finalmente, «o frenesim com que em certos meios se continua a debater a temática das próximas eleições presidenciais, agora levado ao ridículo supremo da concorrência frenética entre políticos tranformados em meros angariadores de tutelas militares e militares em competição desenfreada para se transformarem em autênticos servos de tácticas partidárias».

Soares

A reunião da Comissão Nacional do PS estava prevista para sábado mas acabou por realizar-se ontem dada a ausência de Mário Soares no Porto. No entanto, o Primeiro-Ministro e secretário-geral do PS apenas participou no princípio da reunião, fazendo a sua habitual intervenção inicial de análise da situação política, ausentando-se depois para o Estádio Nacional, onde esteve a assistir ao Campeonato do Mundo de Corta-Mato

Os membros da Comissão Nacional que ficaram na sede do Largo do Rato, além de discutirem as questões políticas acima mencionadas ratificaram também a constituição da Comissão Técnica Eleitoral do partido. Esta para já com o objectivo apenas de fazer a preparação da intervenção socialista na campanha das autarquias, será composta por António Calado, António Campos, António Janeiro, Helena Torres Marques, Rocha Cabral, Jorge Lacão e Rosado Correia, o ex-ministro que, afinal, não caiu completamente em desgraça

Cimeira

Entretanto, foi anunciado que Mário Soares e Rui Machete vão reunir-se para preparar a cimeira entre os dois partidos, segundo foi anunciado depois de uma reunião realizada no sábado da Comissão Permanente do PSD

Ainda não é conhecida a data da reunião que, no entanto, poderá realizar-se já no princípio desta semana

Miguel Veiga, vice-presidente do partido, afirmou aos jornalistas que não se perspectiva nenhuma ruptura com o PS. Apenas o empenhamento e a necessidade urgente e inadiável da implementação de reformas estruturais. «É isso», especificou, «que nos faz manter na coligação, até chegarmos ao ponto em que se reconheça que essas reformas não possam ser feitas».

Organizações não governamentais já têm estatuto em Portugal

Várias organizações não-governamentais portuguesas (ONG), reconhecidas como associações sem fins lucrativos, declaram-se empenhadas no auxílio aos países em vias de desenvolvimento

Numa primeira reunião geral promovida pelo Bureau das Comunidades Europeias, que decorreu na sede da Cruz Vermelha Portuguesa foram eleitos os representantes para a Assembleia Geral das Organizações Não-Governamentais Europeias que se realiza em Abril de 1986 em Bruxelas.

As Organizações Não-Governamentais têm intervenção em programas de desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo e em programas de sensibilização da opinião pública, desempenhando um papel importante na propagação de uma mentalidade sensível à melhoria das condiçoes de justiça internacional.

Entre as organizaçoes portuguesas que assumiram este compromisso «numa estrutura de diálogo indispensável à solidariedade e a melhor coordenação de programas e acçoes com o Estado português e as suas congéneres estrangeiras» incluem-se a Caritas, Centro de Informação Amílcar Cabral, Cruz Vermelha, Instituto Amaro da Costa e Instituto de Apoio à Criança, entre outros.

Nesta primeira reunião das ONG estiveram presentes os embaixadores da França, Grécia, Dinamarca, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e representantes diplomáticos de Itália, Brasil, S. Tomé e Príncipe

Participaram também no encontro representantes do Comité de Ligação e da Comissão das Comunidades Europeias.

Entre as Comuninidades Europeias e as Organizações Não-Governamentais existe uma linha de cooperação sob a forma de co-financiamentos para projectos de desenvolvimento.

Na Guiné-Bissau

Problemas para os cooperantes

Os cooperantes portugueses na Guiné-Bissau declararam ser falso que estejam a reivindicar aumentos de vencimentos.

Num comunicado enviado à delegação da agência NP em Bissau, os cooperantes contestaram a afirmação do Governo guineense de que estariam a reivindicar aumentos salariais

«E falso – frisaram os cooperantes portugueses, garantindo que apenas solicitaram a reposição dos seus salários. «Há cooperantes que neste momento transferem menos de 7416 escudos do que no ano anterior» – acentuaram.

No comunicado, os cooperantes declararam que «os prejuízos na parte transferível dos vencimentos vão de 600 a 7416 escudos mensais ao câmbio actual»

Afirmaram também que os complementos dos seus salários pagos em Portugal só foram regularizados após a sua tomada de posição, há duas semanas.

No comunicado subscrito pela sua comissão representativa, os cooperantes salientaram que os complementos da sua remuneração só foram pagos pelo Governo de Lisboa no passado dia 13.

«Veio a público o secretário de Estado da Cooperação do Governo português afirmar que não existia atraso no pagamento dos complementos dos cooperantes, que a situação estava regularizada até Fevereiro, inclusive, só não acrescentou que a situação foi regularizada já depois da saída do nosso comunicado» – explicaram os cooperantes.

Os cooperantes contestam a afirmação da administração guineense de que os seus vencimentos foram aumentados em 100 por cento no ano transacto e em 50 por cento na parte transferível

«É verdade que assim foi mas temos de acrescentar que houve na altura uma desvalorização do peso em 100 por cento e que essa desvalorização ainda não parou, nem se sabe quando parará», declararam

«Para além disso – rposseguiram – o mês compensatório da desvalorização do peso, no ano transacto, contrariamente ao que foi acordado, só atingiu os cooperantes do ensino».

Depois de sublinharem que «espantosamente, nem essa situação foi mantida para todos os cooperantes», o comunicado afirmou que «o aumento de vencimento, de 100 por cento na parte transferível, pago pela Guiné-Bissau, não está a ser cumprido na totalidade dos casos»

«Há cooperantes que viram, no corrente ano, ser descida a sua percentagem transferível em 5 por cento», continuou o documento

Os cooperantes portugueses na Guiné-Bissau referem igualmente o anúncio da administração guineense de que os seus vencimentos iriam aumentar em 1986, afirmando que se está ainda em Março de 1985 «e os salários continuam a descer»

A comissão representativa que assina o comunicado contestou finalmente o não reconhecimento da sua representatividade por parte das autoridades guineenses e afirmou lembrar as mesmas «que a comissão de cooperantes se constituiu em 1983, por sugestão das mesmas autoridades

Novos critérios de profissionalização para professores não efectivos

Foram hoje publicados no «Diário da República» os novos critérios que irão presidir à colocação de professores profissionalizados não efectivos e provisórios dos ensinos preparatório e secundário. De acordo com o texto legal – Decreto-Lei n.º 75/85 de 25 de Março – prescinde-se das três fases anteriormente praticadas, para duas, a primeira a nível nacional e a segunda de âmbito regional.

Com o mesmo diploma, segundo o Ministério da Educação, altera-se o conceito de vínculo ao ME e extingue-se a vinculação de professorres até 31 de Julho

PAIXÃO, DOENÇA, PRISÃO, VÍCIO, ESPECTÁCULO, OFÍCIO, OBSESSÃO: O JORNALISMO E OS JORNALISTAS

• Um artigo de Emídio Rosa Oliveira na pág. 2 e um «dossier» sobre os profissionais das notícias nos Estados Unidos, nos países de Leste, em Itália e em França nas págs. 3, 4 e 5

ECOLOGISTAS & RADICAIS

Novos fôlegos da representação política, novos estilos de relacionamento com o poder

Pág. 6

M E D I A

A administração das biocensuras e a concepção viral da comunicação

«Se podemos chamar «bio-história» às pressões pelas quais os movimentos da vida e os processos da história interferem uns com os outros, haveria que falar de «biopolítica» para designar o que faz entrar a vida e os seus mecanismos no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana... Um poder que tem por tarefa tomar a seu cargo a vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e correctivos».

Michel Foucault, A vontade de saber

EMÍDIO ROSA DE OLIVEIRA

Este artigo pretende antes de mais, sublinhar um facto de publicação entre nós. Acaba de aparecer o primeiro número de uma Revista de Comunicação e Linguagens cuja temática começou por ser as Máquinas Censurantes Modernas, a cargo do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL) do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa. O primeiro número já à venda, analisa o funcionamento da censura na contracorrente da designada «ideologia política» que a inscreve (para não pensar mais nela) nos regimes totalitários, desembaraçando-se dela como de um trauma, para passar logo magicamente ao pluralismo e à liberdade de expressão, no regime democrático. Esta ideologia estruturada na «denegação», esquece-se que a censura é dotada das virtualidades miméticas do camaleão e quando menos se espera, ela lá está a imperar em surdina, embora seja mais difícil dar por ela. À natureza despótica (hard) da sua afirmação nos sistemas totalitários, segue-se no regime democrático a sua reconversão (soft) na brandura mole dos desejos prescritos apanhados na teia do instituído. As análises desenvolvidas neste número, não traçam a rota do discorrer mass mediatico atrelado às socio-sondagens da opinião pública e aos bons e maus tratos da informação. Banindo do seu horizonte o choramingado «moralismo político» e com ele o fantasma do **referendo** que aterroriza a classe política, parece ter chegado o tempo de substituir o referendo (esta entidade esponjosa que se sonda, no dizer de Baudrillard) pela livre discussão pública dos diferendos (Lyotard). E assim que se prevê um segundo número que está já terminado à volta da questão do espaço público, número planeado por Tito Cardoso e Cunha e José Bragança de Miranda — onde avulta uma entrevista de Jurgem Habermas sobre toda a sua obra e ainda um texto de Christopher Lasch, do seu último livro. «The minimal self»

Um terceiro número está já agendado em torno de questões que se prendem com a temática da «estética dos desvios» a cargo de Emídio Rosa de Oliveira que tentará pôr em paralelo os estilos das diversas práticas de subjectivação com várias estéticas de existência.

Se me apresso a desvender através destas indicações esparsas o percurso teórico da revista, é no fito de tornar claro, que muitas das questões a abordar não são por mero luxo do estar «à la page», mas porque pensamos que o tempo da teoria não é o da ejaculação precoce de um certo jornalismo «bom tom» de circunstância. A reflexão em torno da censura no momento em que um país como o nosso, vive polarizado na questão do referendo e nas sondagens de opinião, parece-nos poder revelar, como é que os intentos do poder hoje se materializam e se subjectivizam em torno da nova racionalidade mediática.

Não se trata mais de exprimir, mas de estar ligado, «branché»

O que implica uma análise da inscrição pulsional do sujeito nas várias produções significantes e o abandono consecutivo do primado de um sujeito exterior às racionalizações

Acaba por ser bem visível no decorrer das páginas sobre a censura, que o modelo linguístico de por si só, não é adequado, para dar conta da repressão (Lipovetsky, 1973). Talvez seja necessário recorrer a uma socio-análise dos funcionamentos e a uma «biopolítica» capaz de apurar o modo INCORPORADO ou ENDOGENO do que bloqueia os fluxos. Poderia dizer-se, em suma, como bem o afirma Pasolini, «que os centros criadores de elaboração e UNIFICADORES DA LINGUAGEM já não são as universidades, mas as administrações» (1).

Mercê de uma política administrativa de ponta, hoje a linguagem tecnocrática a partir dos «princípios reguladores tendentes à fixação», já encentou uma nova era, sob o signo do tecnicismo e da comunicação. A burocracia corresponde a este **ponto linguístico zero** da cultura técnica tendente a instrumentalizar a linguagem, através da ideia aguda e dominante da sua instrumentalidade. Jurgem Habermas evoca o aparecimento de um «homem fabricado» não só por manipulações psicotécnicas, mas sobretudo biotécnicas(2). Estamos pois numa era de reflexologia com o respectivo cortejo de «frases», «usos» e «manipulações»; perante tal configuração mais do que nunca, é nos exigido o confronto, por razões de eficácia metodológica, com um paradigma comunicacional que dê conta das durezas polares do processo «democrático tecnocensurante moderno», bem como das fluidezas que o atravessam e o constituem.

Nunca como hoje tanto se tem falado sobre o aspecto energético da informação e associado o funcionamento dos «novos media» no seu jogo interactivo a operações de bioquímica e de termodinâmica. William Burroughs chega ao ponto de afirmar que «um vírus é composto de ínfimos elementos de som e de imagem» (3). O aspecto circulatório da comunicação dos novos media interactivos liga o sujeito a um «efeito de massa imediato» onde a troca se instantaneiza e se contrai a comunicação por contágio ou influência, ou por mera contiguidade viral. É esta «função fática» instantânea que acaba por pôr em relevo o carácter imaterial de uma informação que não tem necessidade de objecto. O carácter imparável da mensagem, entendida como vácuo-veicular encarrega-se na vertigem de decompor a ordem simbólica, deixando-nos frente aos sistemas «telé» numa postura que não é nem de participação nem de adesão, mas de fusão osmótica, numa espécie de **narcose.** Ao contrário pois da ordem simbólica que surge articulada na norma e nas interdições que determinam uma certa «perseguição existencial», o mundo dos sistemas «telé» anula e atenua os efeitos de responsabilidade e de culpa: «cet individu hors scène joue le jeu du monde en maniant ses télécommandes et son clavier mythique» (4). Não haverá mais, como na prática cinematográfica «d'arrêt sur image»: a fusão do real e da imagem ao efectivar-se pela contiguidade televisual confunde a vida quotidiana com a cena do «pequeno écran» e a compulsão «voyeurista» suprime toda a distinção efectiva entre a imagem e o real. A imagem já não é o «analogon» do real, mas uma das maneiras incluída na vasta combinatória de maneiras que o real tem de nos aparecer. O que corrói as identidades entropicamente terá que ser analisado no CAMPO DA EXPERIÊNCIA, pois é lá que a linguagem se **biorganiza** em torno dos vários constrangimentos de relação. Isolar a linguagem da experiência é mais uma vez cair na nostalgia regressiva de considerar a linguagem como «morada do ser», conceito aurático que não nos informa da radicalidade pulsional dos dizeres e dos actos volitivos do afecto, e das múltiplas interferências que bloqueiam ou aceleram o regime subjectal das trocas.

O imperativo categórico da «palavra de ordem»

Existe uma das funções da linguagem patente na estrutura da «palavra de ordem» que nos elucida sobre o poder contagiante e viral da comunicação.

Ora, vejamos os efeitos desencadeados pelo comando dirigista de uma «palavra de ordem». Antes de mais, o que a caracteriza é a instantaneidade e a passagem brusca de um estado para outro. A transformação de passageiros de avião para reféns, do corpo-avião para corpo-prisão, é um exemplo de transformação incorporal realizado «punctualmente» num instante zero. A transformação incorporal reconhece-se pela sua instantaneidade e pela sua imediação, e é dada pela simultaneidade do enunciado que o exprime e pelo efeito (por ele) reproduzido (5). Elias Canetti, que sempre se preocupou com o modo de acção psicológico da palavra de ordem, supõe que uma ordem imprime na alma e na carne uma espécie de aguilhão formando um quisto, ou uma parte endurecida geneticamente conservada que se incorporou como um corpo estranho (de comando) no corpo. A maneira de evitar tal tormento consiste em transmiti-lo (como com o vírus) o mais depressa possível a outros «pour faire masse» (6). Facto de alguma maneira curioso que atesta o carácter proselitista da comunicação, ou do contágio viral. Se interpretarmos nesta perspectiva as manifestações políticas da última semana em Lisboa, damo-nos conta do carácter terapêutico e medical hoje da linguagem política. Os largos milhares de pessoas que no sábado dia 16 de Março se manifestaram em Lisboa diziam que o Governo é um cancro que é preciso extirpar, antes que destrua o corpo da Nação. As palavras de ordem são sempre datadas, precisam sempre da ressonância auricular. Porque é que cada vez mais se associa a linguagem política à linguagem da doença?

Burroughs diz que um vírus não é nem um germe nem um micróbio, mas um «parasita celular» (7). Ele deve parasitar para existir e só existe na medida em que vive à custa de alguém. Burroughs aí vê uma analogia com o parasitismo da burocracia, e chega mesmo a identificar o vírus com o Estado.

As novas osmoses

As novas osmoses que se processam hoje ligadas às novas tecnologias e à racionalidade impregnada dos media, levou Edmond Couchot, num excelente artigo, a afirmar que as técnicas informáticas e telemáticas estão na origem de uma mudança radical na comunicação das imagens. Mudança esta que vem afectar não só os componentes formais da nova imagem, como também a maneira como ela é TRANSMITIDA, coservada e reproduzida. A imagem interactiva e as redes informáticas que a distribuem não podem mais ser considerados como «media». No prosseguimento da sua análise sobre o fenómeno translocal da imagem numérica e sobre as impulsões electrónicas no interior dos microcircuitos do computador ou das redes, o autor diz que chegou o momento de substituir a palavra MEDIA por IMMEDIA e explica a razão desta mutação, dizendo que os MEDIA favoreciam uma cultura de expressão e de mensagem, e os IMMEDIA promovem uma cultura de «comutação instantânea» (8). Eles convidam ao jogo, ao teste, à experimentação, transformação e ao esquecimento. Não se trata mais de exprimir, mas de se estar ligado, «branché». Isto é tanto mais claro quanto é a categoria do contacto indutor que preside agora à permeabilidade e à relativização dos fluxos. A passagem da condução «hard» à indução «soft» traduz bem a via «inn» da nova censura. Ou talvez já não seja censura, mas outra coisa contiguamente parecida com a HIPNOSE: estado provocado quer no sono artificial, quer por medicamento, quer ainda por manobras de sedução/sugestão. ■

Notas

(1) PASOLINI, P.P. Empirismo Herege, Assírio e Alvim, Lisboa, 1982.
(2) HABERMAS, J. La technique et la science comme idéologie, Gallimard, 1973.
(3) BURROUGHS, W. Electronic Revolution, London.
(4) JEUDY, P.H., Parodies de l'auto-destruction, Paris, Méridiens, 1985
(5) DELEUZE, G. Mille plateaux, Minuit, 1980.
(6) CANETTI, Elias. Masse et puissance, Gallimard, 1966.
(7) SUTTON, N. In search of the connection, Guardian, July 1969.
(8) COUCHOT, E. Image puissance image, Revue d'Esthétique, n.º 7, 1984.

M

Eles desc
sujeitand
Como tra
esboça al

Jorn

Não se diz muito bem d
prensa. «**Se ela não exist**
dizia o Balzac das **Ilusões**
didas, o melhor era não
ventar. «**Simplesmente,** a
centava, **ela existe.**» A ver
é que, como com todas as c
pode-se fazer dela o melhor
pior dos usos.

Falemos já do pior par
carmos livres disso. Há
imprensa venal. Há uma
prensa aliciadora, **voy**
cínca, que leva ao crime.
imprensa aliciadora, **voy**
cínica, que leva ao crime.
imprensa do ódio, encarn
em destruir a dignidade
felicidade dos outros. Uma
prensa que o espírito de pa
leva a exaltar tudo o que es
seu âmbito e a ignorar e des
rar o resto. Mas também há
imprensa que, apesar de i
táveis **scories** se esforç
cumprir, o melhor possível
insubstituível missão: fazer
que todos participem o má
na aventura humana do
tempo, mostrando ao m
tempo as apostas e os ri
fornecer ao povo soberano
toda a independência perar
poderes, os elementos de i
mação, de compreensão, d
gamento, sem os quais
condenado a exercer às ce
papel fundamental que lh
confiado pelo sufrágio u
sal.

As grandes equipa

Para que a imprensa e

— Que sabe você fazer
— Nada.
— Que quer fazer?
— Crítica literaria ou a
de política externa ou int
— Acaba de ser desm
zado com o posto de sar
chefe. Vai ser, à experi
adjunto do chefe da rubri
defesa nacional.»

Era assim que em 19
pessoas se tornavam jorna
no «**Monde**». E podiam
durante vinte anos cronista
tar.

Na Imprensa da Liberta
jornalista é em si próprio
«antigo» que abraçara a
militar antes da guerra
anravessara sem problem
tempestades da Ocupação
é, um jovem que só tem
experiência a que viver
campos, no exército o
guerrilha. É contratado à
riência. Passados dois o
meses, às vezes menos,
sorte está fixada. Se lhe ag
cem, é sem excesso. Há lu
fora dali e a França est
plena reconstituição. Se
conhecido «bom para a p
são», formam-no. Prati
com rigor a correcção c
ternal: a época não é tern
restos do espírito militar

Os diplomas têm pouc
portância. Sabe-se que o
lismo só se aprende em g
Em todo o caso não nas es
Os autodidatas não são ra
marginais das letras ta
não, nem os apaixonad
aventura.

as
cação

sonância auricular. Porque é que cada vez mais se associa a linguagem política à linguagem da doença?

Burroughs diz que um vírus não é nem um germe nem um micróbio, mas um «parasita celular» (7). Ele deve parasitar para existir e só existe na medida em que vive à custa de alguém. Burroughs aí vê uma analogia com o parasitismo da burocracia, e chega mesmo a identificar o vírus com o Estado.

As novas osmoses

As novas osmoses que se processam hoje ligadas às novas tecnologias e à racionalidade impregnada dos media, levou Edmond Couchot, num excelente artigo, a afirmar que as técnicas informáticas e telemáticas estão na origem de uma mudança radical na comunicação das imagens. Mudança esta que vem afectar não só os componentes formais da nova imagem, como também a maneira como ela é TRANSMITIDA, coservada e reproduzida. A imagem interactiva e as redes informáticas que a distribuem não podem mais ser consideradas como «media». No prosseguimento da sua análise sobre o fenómeno translocal da imagem numérica e sobre as impulsões electrónicas no interior dos microcircuitos do computador ou das redés, o autor diz que chegou o momento de substituir a palavra MEDIA por IMMEDIA e explica a razão desta mutação, dizendo que os MEDIA favoreciam uma cultura de expressão e de mensagem, e os IMMEDIA promovem uma cultura de «comutação instantânea» (8). Eles convidam ao jogo, ao teste, à experimentação, transformação e ao esquecimento. Não se trata mais de exprimir, mas de se estar ligado, «branché». Isto é tanto mais claro quanto é a categoria do contacto indutor que preside agora à permeabilidade e à relativização dos fluxos. A passagem da condução «hard» à indução «soft» traduz bem a via «inn» da nova censura. Ou talvez já não seja censura, mas outra coisa contiguamente parecida com a HIPNOSE: estado provocado quer no sono artificial, quer por medicamento, quer ainda por manobras de sedução/sugestão. ■

Notas

(1) PASOLINI, P.P. Empirismo Herege, Assírio e Alvim, Lisboa, 1982.
(2) HABERMAS, J. La technique et la science comme idéologie, Gallimard, 1973.
(3) BURROUGHS, W. Electronic Revolution, London.
(4) JEUDY, P H , Parodies de l'auto-destruction, Paris, Meridiens, 1985.
(5) DELEUZE, G. Mille plateaux, Minuit, 1980.
(6) CANETTI, Elias. Masse et puissance, Gallimard, 1966.
(7) SUTTON, N. In search of the connection, Guardian, July 1969.
(8) COUCHOT, E. Image puissance image, Revue d'Esthétique, n.º 7, 1984.

Eles descrevem a realidade trabalhando com os utensílios da ficção, mas sujeitando-se a uma disciplina narrativa que nenhum ficcionista aceitaria. Como trabalham, hoje, nos quatro cantos do mundo? Este esboça algumas respostas.

Jornalistas: artesãos e apaixonados

Não se diz muito bem da imprensa. «**Se ela não existisse,** dizia o Balzac das **Ilusões perdidas, o melhor era não a inventar.** «**Simplesmente,** acrescentava, **ela existe.**» A verdade é que, como com todas as coisas pode-se fazer dela o melhor ou o pior dos usos.

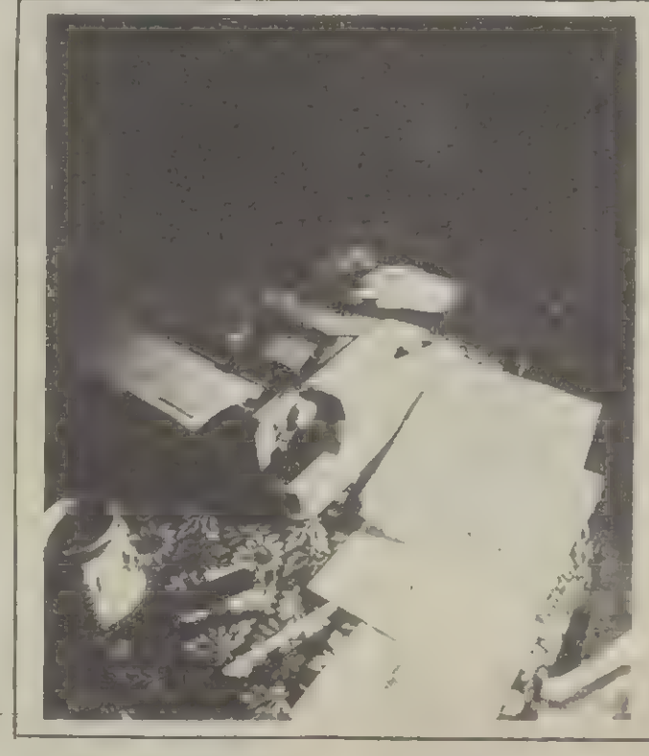
Falemos já do pior para ficarmos livres disso. Há uma imprensa venal. Há uma imprensa aliciadora, **voyeuse,** cínca, que leva ao crime. Uma imprensa aliciadora, **voyeuse,** cínica, que leva ao crime Uma imprensa do ódio, encarniçada em destruir a dignidade e a felicidade dos outros. Uma imprensa que o espírito de partido leva a exaltar tudo o que está no seu âmbito e a ignorar e desnaturar o resto. Mas também há uma imprensa que, apesar de inevitáveis **scories** se esforça por cumprir, o melhor possível a sua insubstituível missão: fazer com que todos participem o máximo na aventura humana do seu tempo, mostrando ao mesmo tempo as apostas e os riscos: fornecer ao povo soberano, em toda a independência perante os poderes, os elementos de informação, de compreensao, de julgamento, sem os quais seria condenado a exercer às cegas o papel fundamental que lhe foi confiado pelo sufrágio universal.

As grandes equipas

Para que a imprensa exista não são só necessários os jornalistas. **Le Monde** não tem mais de 160 num efectivo total de mais de 1200. Eles teriam grande dificuldade em fazer o seu trabalho se não tivessem ao lado gente para os ajudar a documentar-se, para receber os seus telefonemas ou os seus telex, para corrigir os seus erros para escrever à máquina, imprimir e vender a sua prosa, para conseguir a publicidade indispensável, para cumprir, enfim, as mil e uma tarefas administrativas, por vezes difíceis, que a gestão de uma empresa desta dimensão implica Resta o facto de não se poder imaginar nenhum jornal, nem agência de imprensa, nem media audiovisual, sem jornalistas.

Nem mesmo, mais precisamente, sem jornalistas profissionais, por outras palavras, esses homens e essas mulheres que fazem do jornalismo, seguindo a definição do seu estatuto hoje semi secular, o seu principal meio de existência. Mauriac, Pierre Henri Simon ou Aron, para só citar os desaparecidos, eram, é certo, grandes jornalistas, mas não eram principalmente jornalistas. E o concurso de profissionais era tão necessário à publicação dos seus artigos como o dos pessoais administrativos e operários cujo papel essencial já foi evocado no fabrico de um jornal

-Estes jornalistas profissionais, há-os de toda a espécie dedicados às tarefas mais diversas. Há mesmo os que não têm nenhuma tarefa, pela simples razão de que estão no desemprego: mais de 2.000 nuns 20.000 titulares da carta profissional. Na verdade poucas profissões estão tão tocadas pela crise E quantos outros têm de se contentar com tarefas bem modestas, comparadas com as suas ambições iniciais, bem afastadas, em todo o caso, da ideia que uma grande parte do público faz da nossa profissão.



Com efeito, demasiadas vezes a palavra jornalismo sugere a ideia de uma vida fácil, de viagens aos quatro cantos da Terra, de encontros quase ininterruptos com as vedetas da política, do desporto ou do **show-business:** a festa, em suma. É certo que se contam, à superfície da Terra, umas duzentas ou trezentas pessoas que fazem, mais ou menos, esse trabalho Mas é preciso tirar da cabeça que esse trabalho pode dar-se bem com a indolência. A maior parte dos que o fazem são trabalhadores entusiastas que há muito renunciaram a toda e qualquer vida pessoal, nómadas por obrigação que gostariam de pousar de vez em quando a sacola e fugir por fim a uma agitação que os queima demais para que não lhe vejam, o tempo de uma meditação de passagem, a futilidade

E que dizer daqueles que, célebres ou quase anónimos, exercem, nesta época louca, a dura profissão de correspondente de guerra! Isso pode ver-se no filme Terra sangrenta La Dechirvre. Não é somente a narrativa mais exacta que se pode imaginar sobre o drama do Campuchea: nunca decerto se mostrou melhor no cinema a realidade do jornalismo Este fotógrafo desengonçado, arriscando se sempre por uma boa chapa, todos nós o vimos na imprensa, em dezenas de exemplares. E este enviado especial do **New York Times,** com o seu assistente khmer, pronto a sacrifica a vida para cumprir o seu duro dever, que é simplesmente estabelecer a verdade dos factos, é uma personagem autentica, a honra desta profissão pela qual tantos dos nossos confrades morreram

«**Um bom chefe de redacção,** dizia Gaston Bonheur, citado por Raymond Castans num livro recente, **é o que manda escrever aos outros os artigos que ele próprio gostaria de escrever.**»

Tanto para uns como para outros, tanto para o correspondente de guerra como para o secretário de redação-paginador, tanto para o editorialista como para aquele que dá ajudará a encontrar um bom título para o seu artigo, tanto para o que descobre «scoops» como para aquele a quem compete a tarefa de noticiar, em algumas dezenas de linhas debates parlamentares ou audiências jurídicas interminaveis, para todos os que, correspondentes no estrangeiro ou homens de secretaria não se poupam ao trabalho e sentem como um divertimento a duração mensal de trabalho de 173 horas e meia referida no seu boletim de pagamento, o denominador comum é o sentimento de participar numa obra comum e o gosto do trabalho bem feito. Sentimento que nunca e tão forte como quando se vê montar uma pagina e especialmente uma boa primeira página.

O sargento e a caneta

— Que sabe você fazer?
— Nada.
— Que quer fazer?
— Crítica literaria ou artigos de política externa ou interna.
— Acaba de ser desmobilizado com o posto de sargento chefe. Vai ser, à experiência, adjunto do chefe da rubrica de defesa nacional.»

Era assim que em 1945 as pessoas se tornavam jornalistas no «**Monde**». E podiam ficar durante vinte anos cronista militar.

Na Imprensa da Libertação o jornalista é em si próprio um «antigo» que abraçara a vida militar antes da guerra e que anravessara sem problemas as tempestades da Ocupação, isto é, um jovem que só tem como experiência a que viveu nos campos, no exército ou na guerrilha. É contratado à experiência. Passados dois ou três meses, às vezes menos, a sua sorte está fixada. Se lhe agradecem, é sem excesso. Há lugares fora dali e a França está em plena reconstituição Se for reconhecido bom para a profissao , formam-no Praticando com rigor a correcção confraternal: a época não é terna e há restos do espírito militar.

Os diplomas têm pouca importância. Sabe-se que o jornalismo só se aprende em grupo. Em todo o caso não nas escolas. Os autodidatas não são raros, os marginais das letras também não, nem os apaixonados da aventura.

Claro que há perifos, mas esses são uma aristocracia, num tempo em que um economista só pode ser «distinto», e «brilhante» um cronista de política estrangeira.

O trabalho numa rubrica é simples, pelo menos no princípio. Para quem não é grande repórter, ele consiste na busca de Informação, em procurar ou contornar as defesas sumárias dos «adidos de Imprensa» — muitas vezes jornalistas arrependidos — cujas duas tarefas assenciais são fazer publicar os seus comunicados e barrar o caminho aos indiscretos profissionais. Eles ainda são, nas grandes empresas, dominados pelos serviços de publicidade.

Nos anos 1955-1965 — e no próximo exército, que aí põe alguma ingenuidade, — as técnicas de persuasão e de manipulação da opinião publica desenvolvem-se, ao mesmo tempo que se afinam, graças às sondagens e às análises, o conhecimento da opinião e das suas evoluções. O jornalista, tanto em França como fora dela, e em face dele técnicos cada vez mais qualificados ligados às responsabilidades ao mais alto nível. Antes da guerra, para influenciar a opinião, só havia muitas vezes uma alternativa para os grandes aparelhos políticos ou económicos: comprar os jornais ou comprar os jornalistas. A Imprensa da Libertação no breve período em que conservou a sua pureza original, quebrou o sistema. Em face do poder da Imprensa, foi necessário pôr no lugar um contra-poder.

Ao mesmo tempo, o leitor muda. As gerações do **boom** demográfico do após guerra recebem, logo nas classes terminais, um ensino mais diversificado e especializado. As universidades enchem-se bruscamente. Este novo público é exigente em matéria de informação: as agitações e os desenvolvimentos da economia e das técnicas tomam, em grande número, uma importância que antes só pertencia a uma elite.

O jornalista segue essa evolução rápida. Claro que o homem da terra continua indispensável, principalmente para dar conta dos conflitos de descolonização, mas o redactor médio só raramente não é um autodidacta da cultura ou da profissão. Ele também sai da universidade, de um instituto de ciências políticas ou de uma escola de jornalismo de alto nível para se empregar precisa de uma formação sólida. A informação económica invade as colunas assim como a formação cientifica, na idade do espaço e dos progressos da biologia exige peritos e vulgarizadores qualificados.

O talento tem sempre o seu lugar, e a profissão, a curiosidade permanente, a paixão, di-lo-ão. Mas já não bastam. Tanto mais que a televisão depois da radio, invadiu o campo da informação A escrita torna-se cada vez mais um campo de reflexão e de explicação, mesmo que às vezes também seja de divertimento

Mesmo que haja algumas excepções, já não estamos no tempo dos alegres aventureiros da caneta e dos sargentos promovidos a estrategos

7h 45: conferência de Redacção no «Le Monde»

Cont. nas pág. 4 e 5

EUA os espiões do Watergate

Reflexo do êxito de inquéritos ruidosos como o de Watergate, os jornalistas americanos estão hoje bastante mal vistos pelo grande público que os considera como truões arrogantes, mais desejosos de celebridade do que de seriedade. E, para mais, são de esquerda.

«Senhor presidente, como estão hoje as suas fazes?»...

Esta pergunta, feita há algumas décadas e Eisenhower por um jovem representante de um obscuro jornal do Middle West não escandalizou ninguém. Ao fim e ao cabo era importante saber sem o estado de saúde de Ike lhe permitiria solicitar um novo mandato. Por isso mesmo ele respondeu com a maior naturalidade: **«... Muito melhores do que ontem.»**

Hoje o impertinente perguntador seria unanimemente condenado. Mas na altura, o «quarto poder» era todo poderoso. Com o decorrer dos anos o lugar dos jornalistas na sociedade americana deteriorou-se. Assim, segundo uma sondagem recente, 39% das pessoas interrogadas confiam nos jornais: só 26% na televisão. Em 1979 essas percentagens eram respectivamente de 51% e de 38%. Uma tal perda de confiança é significativa. O grande público deixou de considerar o jornalista como um paladino, um defensor dos oprimidos ao serviço de todas as boas causas e combatendo pela verdade.

A evolução do sentimento popular é tão evidente no grande como no pequeno ecrã. Os jornalistas já não são apresentados como os cruzados do filme **os Homens do presidente,** celebrando os méritos dos jovens colaboradores do **Washington Post** que haviam revelado o escândalo de Watergate. Eles aparecem as mais das vezes como truões pretensiosos ou homens cínicos e arrogantes, mais motivados por um desejo de celebridade e até de dinheiro do que por uma busca desinteressada dos factos.

Esta alteração da imagem do jornalista não é simplesmente devida a alguns casos de difamação sistemática ou até de puras e simples invenções. A razão profunda do desafecto e da desconfiança vem do extremo poder adquirido pelos medias, protegidos no exercício das suas funções pela primeira emenda da Constituição que diz respeito à liberdade de expressão e favorecidos pela jurisprudência do Supremo Tribunal que tornam muito difíceis as condenações por difamação, tal como os recentes processos de Ariel Sharon e do general Westmoreland o demonstraram. O público acha hoje que o «quarto poder» se tornou demasiado poderoso...

A televisão teve o seu papel na mudança de atitude do público perante os jornalistas. A imagem que fazia deles, idealistas mal retribuídos denunciando os abusos do poder, sucedeu a dos «grandes inquisidores» agressivos e cínicos, mais bem pagos do que os oficiais (incluindo o presidente), que fazem interrogatórios seguindo técnicas duvidosas, muitas vezes sem objectividade.

O sucesso do «jornalismo de investigação» teve também os seus aspectos bem negativos

Homens de esquerda

O êxito do «jornalismo de investigação» teve os seus aspectos negativos. Ele encorajou, nos jovens jornalistas, um cepticismo sistemático, a tendência para descobrir em toda a parte manipulações da verdade, novos Watergate's. É evidente que uma ampla fracção da opinião pública não apreciou o que alguns denunciaram como uma «destruição» deliberada da confiança do público nas instituições e nos dirigentes. Sobretudo, tendo em vista que os ataques contra o **establishment** são levados a efeito por jornalistas liberais (de esquerda).

Segundo o magazine **Time** um inquérito levado a efeito junto dos mais importantes quotidianos, magazines e cadeias de televisão confirma que, na sua maioria, os jornalistas situam-se a si próprios politicamente à esquerda. Todos afirmam que a sua sensibilidade política não afecta a sua sensibilidade profissional. Mas os seus críticos sublinham que a selecção dos artigos e o lugar que lhes é dado são muito reveladores de uma escolha política.

A ilustração mais desoladora da perda de confiança do público foi o apoio dado à decisão da administração Reagan, de proibir aos jornalistas a «cobertura» das operações em Granada. Os media invocaram a liberdade de Imprensa, os direitos dos cidadãos a ser informados... Mas a reacção dos leitores e telespectadores foi oposta. Eles aprovaram os militares, provocando assim este comentário desiludido de um dirigente do **New York Times**: «...O aspecto mais aterrador da situação é que uma parte do público parece crer que a Imprensa queria ir a Granada, não para fazer parte da invasão mas para a sabotar...»; e, bem entendido, muitos americanos continuam a pensar que os media são responsáveis pela derrota do Vietname.

Apesar de todas as suas insuficiências, as suas fraquezas e os ataques de que são objecto, os media têm, no entanto, grande influência. O telespectador médio americano vê quatro horas de notícias por semana, e, apesar das falhas e das fusões que lhes reduziram o número, mil e setecentos jornais americanos atingem diariamente dez milhões de leitores.

HENRI PIERRE

Itália: entre cães e lobos

Ameaçados de represálias, por vezes mortais, por brigadistas que queriam a primeira página, ou, pelo contrário, submetidos pela Mafia à lei do silêncio, os jornalistas italianos exercem a sua profissão num clima de violência que não os poupa.

«Durante uma operação dos carabineiros contra um 'esconderijo' das Brigadas Vermelhas, em Génova, em 1979, foi descoberta uma grande quantidade de documentos entre os quais fichas detalhadas sobre jornalistas, e entre elas a minha. As BV agiam sempre do mesmo modo: primeiro seleccionavam, as vítimas, depois, faziam um inquérito a fim de conhecer os seus hábitos. Quando a ficha estava pronta, só se esperava pela ordem de execução, por parte da direcção estratégica. No meu caso, a ordem demorou a chegar. Só veio lançada na diatribe de um acusado durante o primeiro processo Moro, em Outubro de 1982. Foi, pelo menos, assim que a polícia interpretou as palavras do brigadista que mencionou o meu nome. Durante vários meses tive pois que viver como um clandestino no meu próprio país: mudando constantemente de indentidade, de hotel, de cidade, sempre protegido pela polícia.»

Esta história, característica da vida de um jornalista na época em que o terrorismo era mais activo, foi-nos contada por um dos grandes nomes de um dos mais importantes jornais diários italianos.

A estratégia das Brigadas Vermelhas comportava três campanhas: contra as «forças de repressão» (polícia e magistratura); contra os políticos (é neste quadro que foi assassinado Aldo Moro); finalmente, contra os medias «submetidos ao poder». Como na maioria das suas acções, as BV escolhem «alvos exemplares». O nosso confrade tinha sido seleccionado embora na altura não escrevesse sobre o terrorismo. Constituía, no entanto, um símbolo: homem de esquerda, jornalista muito conhecido e que trabalhava há vinte anos no mesmo jornal, sindicalista.

Também houve jornalistas vítimas do terrorismo porque representavam um perigo: foi este o caso de Carlo Casalingo, director adjunto de **La Stampa**, assassinado em Turim, em Novembro de 1977. Atacar **La Stampa** era ferir a Fiat, proprietária do título. Mas Casalingo, como depois o confirmariam os «arrependidos» também representava uma ameaça. Nos seus comentários regulares sobre o terrorismo, ele mostrava ter compreendido muito bem, ao mesmo tempo, os perigos e os limites da acção terrorista. Em particular a sua principal fraqueza a ausência de um projecto político.

Outra grande vítima do terrorismo foi Walter Tobagi do **Corriere della Sera**. Foi assassinado em Maio de 1980 por um grupo composto por filhos de intelectuais milaneses que queriam integrar-se nas Brigadas Vermelhas e tinham julgado compreender que Tobagi era um dos alvos destas.

Em 1981, as Brigadas Vermelhas tornaram a publicação integral dos seus comunicados uma das condições para a libertação do juiz D'Urso

Noutros casos, os terroristas procuraram sobretudo intimidar os jornalistas através de tiros que não pretendiam matar, mas ferir. Atiravam às pernas mas ameaçavam atirar mais acima. Foram vítimas deste tipo de acções Montanelli, director do **Giornale Nuovo**, de Milão, e Emilio Rossi, que dirigia o jornal televisivo do primeiro canal e que foi gravemente ferido. O terrorismo não era o único risco para os jornalistas italianos, ele também os confrontava com problemas de fundo da sua profissão: o das fontes, do papel e da acção dos jornais.

«Scoops» ou propaganda?

Se se pode compreender **a posteriori** o que foi o fenómeno terrorista em Itália (estratégia, organização, recrutamento, etc.), principalmente graças às confissões dos «arrependidos», era, em meados dos anos 70, muito mais difícil tanto aos jornalistas como à polícia, desfazer-lhe a meada. As grandes fontes da informação eram essencialmente os carabineiros, a polícia e a magistratura, principalmente para os jornais que, por tradição, tinham uma concepção institucional da informação.

Mas também havia uma franja de jovens jornalistas, da mesma geração dos terroristas, por vezes dos mesmos meios ideológicos (movimento estudantil) que eram mais sensíveis ao fenómeno da luta armada como expressão extrema de um clima de discussão de um sistema, e dos jornais que procuravam conquistar o mercado das jovens gerações e, consequentemente, se queriam mais «abertos» numa sociedade em movimento. Levados por esse tipo de media, um certo número desses jovens jornalistas, no seu esforço por compreender o fenómeno, procuravam as suas informações no próprio seio do dos movimentos que, de perto ou de longe, tinham relações com os grupos armados e em todo o caso faziam correr boatos.

Obcessão do «scoop»? Atenção simpatizante a um fenómeno como o terrorismo que interpelava uma geração de que eles faziam parte? Por falta de experiência, alguns destes jornalistas foram mais misturados a acontecimentos do que deviam ser simples observadores.

Entre eles alguns foram perseguidos por factos menores, outros por «scoops» no limite entre a informação e a propaganda a favor do terrorismo, como a entrevista a um dos chefes das BR, Sansani, publicada no momento do rapto do juiz d'Urso, entre 1980 e 1981.

Na verdade, um grande debate agitava a Imprensa italiana desde fins da década 70: deviam ou não publicar-se os comunicados dos terroristas? O problema pôs-se de uma maneira aguda, precisamente durante o rapto do juiz d'Urso: as BV tinham feito da publicação integral dos seus comunicados uma das condições para a libertação do prisioneiro. A grande maioria dos jornais recusam esta chantagem, alguns, bastante raros, publicaram extractos dos textos. A questão de fundo era menos **deve falar-se do terrorismo?** do que **como falar-se dele a partir do momento em que a utilização dos 'media' se tornava um elemento da estratégia dos grupos terroristas?** Durante o rapto de Aldo Moro (Primavera de 1978), em particular, a Imprensa em geral tinha procurado dar uma informação de uma tonalidade comum reflectindo o clima de solidariedade nacional que prevalece na opinião pública. Para muitos ela fez assim prova de espírito de responsabilidade. Para outros, mais raros, desnaturou a sua função enfeudando-se na razão de Estado.

A estratégia da Mafia

No que diz respeito à criminalidade organizada, em particular a Mafia, o trabalho dos jornalistas é mais complexo do que no caso do terrorismo porque são confrontados a um sistema de Poder que não luta contra as autoridades e as instituições, mas procura introduzir nela opositores e fazer com que sirva os seus interesses.

Ao contrário dos terroristas, a Mafia não gosta que falem dela. Ela detesta em especial a imagem (fotografias ou televisão): o jornalista Giuseppe Marrazzo, que faleceu recentemente com uma hemorragia cerebral, era odiado pelos mafiosos. De resto, fizeram explodir por várias vezes os seus carros. Dito isto, a Mafia só mata quando julga os seus interesses directamente ameaçados. É certo que pratica o crime preventivo (como o prova o assassínio do general Dalla Chiesa), mas nunca o crime gratuito.

A neutralização da Imprensa faz parte da estratégia do Poder. Os jornais locais são, na sua maioria, apanhados pela cultura da Mafia na viscosidade ambiente. A Comissão anti-Mafia, por exemplo, revelou que, durante trinta anos a palavra Mafia não apareceu nas páginas do **Giornale di Sicilia**, publicado em Palermo. A prudência da direcção dos quotidianos locais junta-se, por vezes, a autocensura dos jornalistas: eles sabem que os seus artigos serão de qualquer modo amputados, mas também querem evitar pôr, muitas vezes sem querer, a «pata na poça».

Com efeito, o perigo para os jornalistas que trabalham a Mafia é que os assuntos são de tal modo misturados e tão frágil o limite entre as actividades lícitas e as que o não são, que nunca se sabe o que se vai descobrir. Ou então só se compreenderá isso tarde de mais.

O assassínio, em 1970, do jornalista Mauro de Mauro, do jornal da tarde de Palermo **l'Ora** (o mais combativo, funcionando em cooperativa autogerida e situando-se na dependência do PCI) também ficou um mistério. Mauro de Mauro fazia parte dessa raça praticamente desaparecida, de jornalistas de inquérito que vão buscar os factos onde eles se encontram. Tinha muitos contactos no mundo da má vida (ladroagem) e arquivos minuciosamente actualizados. Foi raptado e desapareceu.

Terá sido eliminado porque estava a trabalhar no atentado de que foi vítima Enrico Mattei, fundador e presidente do ENI (Companhia dos Petróleos Italianos), morto num acidente de avião em circunstâncias obscuras pouco depois de ter descolado de Catania? Ou porque ele entrevira gente ligada ao negócio da droga que estava prestes a constituir-se na Sicília? A política das finanças, então dirigida pelo general Giudice (que depois se revelou membro da loja P2 e foi comprometido no enorme escândalo dos petróleos), inquiriu nestas duas pistas.

O assassínio de Giuseppe Fava, na Catania, em Janeiro de 1983 pode ser atribuída à Mafia. Ele dirigia um mensário, **I Siciliani**, que começara a chamar as coisas pelo seu nome e perturbava a **omerta** (lei do silêncio) aproveitando-se desse novo feudo da Mafia (em Catania, no fim de 1984, vários magistrados foram presos sob acusação de associação de malfeitores).

Os enviados especiais dos quotidianos nacionais são, sem dúvida, mais agressivos e directos nos seus artigos do que a maioria dos seus confrades locais, mas são menos bem informados. Sobretudo chegam, praticamente, sempre depois do acontecimento, por exemplo, depois de um assassínio retumbante.

PHILIPPE PONS

Países de Leste: o dogma das cem caras

A situação real dos redactores no bloco soviético varia muito segundo os países, segundo as funções. Alguns contentam-se difundindo a «verdade» oficial ou denunciando escândalos locais; outros souberam conquistar ou explorar os espaços de um liberalismo mais ou menos precário.

Em teoria tudo é simples. Num sistema de tipo soviético, a Imprensa deve **«ajudar fielmente o partido na construção do socialismo».** O jornalismo deve então ser **«capaz de expor o seu pensamento de modo convincente e brilhante a partir de posições leninistas», «chamar a atenção** (das massas) **para as tarefas que há que cumprir».**

É o dogma e é a evidencia: o jornalista é por definição um «propagandista» — o termo não é de modo algum pejorativo, a propaganda é um dever sagrado. E a verdade que se trata de inculcar é unica, tal como é único esse partido cujo órgão se intitula muito simplesmente a **Pravda:** a **Verdade.**

O circulo é perfeito, mais perfeito ainda quando se sabe que todos os órgãos de Imprensa recebem ordens do departamento de agitação e propaganda do comité central, e que na URSS a carta de jornalista com o número 1 continua a ser reservada a... Lenine, e a número 2 ao secretário geral da altura.

Tudo isto é idealmente liso, lógico, com consequências evidentes: numa sociedade comunista harmoniosa, o jornalista deveria ser respeitado como porta-voz de um poder igualmente respeitado. Num regime soviético «subi», os mesmos jornalistas deveriam ser odiados e desprezados como os cães de guarda do sistema, o que está, sem dúvida, muito perto de uma realidade muito mais complicada: a situação difere muito, segundo os vários países do bloco soviético, segundo os órgãos de Imprensa e, naturalmente, segundo os individuos.

Mas, de um modo geral, a profissão de jornalista, a Leste, é ao mesmo tempo bastante prestigiosa e amplamente desprezada — um pouco como no Ocidente, de resto, embora por razões diferentes.

Por que se escolhe lá uma tal profissão? As motivações materiais não podem ser ignoradas. Não as trata somente de vedetas que, como em toda a parte, vivem na opulência: o nível médio dos ordenados nos jornais, é bastante elevado. É necessário encontrar algumas compensações para um trabalho tantas vezes frustrante. Ser correspondente de um jornal polaco, em Moscovo, por exemplo, não é exaltante. Que fazer para além dos panegiricos obrigados da realidade soviética, de beber um pouco, e de encher os bolsos (ou o inverso) por meio de pequenos tráficos?

Uma profissão tão prestigiada quanto desprezada

Os lugares nos países ocidentais oferecem atractivos ainda mais tentadores para os felizardos que merecem tal privilégio. O próprio trabalho tem um certo interesse, visto que, para além dos artigos destinados à edificação do público através da descrição das misérias do capitalismo, os correspondentes, em especial os das agências de Imprensa, devem dedicar-se a uma tarefa mais séria: enviar informações e análises destinadas aos boletins especiais reservados à elite dirigente. Para mais, alguns repórteres aproveitam as suas estadias no estrangeiro para efectuar um trabalho duplamente notável. Assim, o livro consagrado por Ryszard Kapuscinski ao reino a terminar do Negus, pode ser lido como uma extraordinária reportagem, ou então, como sobretudo o fizeram os polacos, c... uma evocação velada da c... do antigo primeiro secret... do partido, Gierek.

Uma personagem por vezes receada

Para além de algumas excepções brilhantes, a maior parte dos jornalistas do Leste que desejam poder fazer um trabalho pessoal, original, escolhem interessar-se de preferência pelos problemas sociais, às vezes pela economia, pela vida local e, naturalmente, pelos desportos, visto a política estrangeira e o que é tido como política interna só poder ser a defesa e a ilustração das teses oficiais.

O jornalismo de investigação e de inquérito oferece, em princípio, uma certa latitude de acção. É possível e mesmo recomendado descobrir certos escândalos locais, denunciar a má organização em determinado armazém ou até, às vezes, numa empresa. Como se sabe, o sistema tolera e encoraja mesmo a crítica pontual: mas os limites depressa são atingidos. Trata-se de denunciar as insuficiências de certos individuos, mas nunca do próprio sistema. O jornalista tem o papel de uma espécie de inspector encarregado de verificar se as decisões do poder, por definição boas, são localmente bem aplicadas. O que, o torna por vezes uma personagem muito receada. Quando o director de um grande «sovkhoze» vê chegar um enviado especial de Moscovo, tem razões para perguntar a si próprio se não se encontra no colimador das autoridades superiores. E, mesmo para um ministro, o aparecimento no **Pravda** de um artigo sobre as actividades do seu ministério pode muito bem anunciar uma queda próxima. Mas o jornalismo não tem muito a ver com isso. Se o artigo é publicado, isso significa principalmente que alguém, altamente colocado, quer a pele do ministro.

O interesse do trabalho varia consideravelmente segundo os países e no interior de cada país, segundo os títulos. Vale mais ser jornalista na Hungria do que na Roménia, e mesmo em Budapeste. Vale mais trabalhar na rádio do que para o órgão do partido. Na Bulgária, ser redactor na agência de Imprensa oficial, BTA, é mais bem cotado, e, na URSS, o **Literatournava Gazeta** tem um relativo prestígio, apesar dos seus elos com a KGB. Na Polónia é mais honroso trabalhar para **Polityka,** semanário do partido, que conserva alguns vestígios da sua antiga imagem «liberal», do que para o órgão do exército, particularmente dogmático e reaccionário, ou para a televisão, invadida por antigos agentes do ministério do interior.

«Procura trabalho honesto»

O exemplo da Polónia, mesmo que seja particularmente atípico, mesmo que os contrastes sejam aí mais frequentes do que noutros lugares, é revelador. A imprensa dos países socialistas é um mundo muito mais complexo do que parece à primeira vista, e o véu de cinzenta uniformidade que o cobre, só pede para ser rasgado ao menor sobressalto histórico. Já antes de 1980, com o seu espantoso semanário católico independente, com rudimentos de imprensa clandestina, a paisagem jornalística polaca era bastante pitoresca. Mas os dezasseis meses que se seguiram às greves de Gdansk fizeram estalar tudo o que fervia na superfície, inclusive nas redacções outrora quietas e resignadas.

Os leitores franzem os olhos, os censores parecem ultrapassados — e, para coroar tudo isto, o solidariedade consegue o direito de publicar um semanário de 500 000 exemplares... A queda foi mais brutal com o golpe de força do general Jaruzelski. Os jornalistas tinham que fazer acto de obediência. Alguns, que no passado tinham suportado bastantes humilhações, acharam que desta vez era demais. Foi então que um jornalista célebre fez aparecer na imprensa um pequeno anúncio eloquente:

«Procura trabalho honesto», acompanhado por muitos dos seus colegas que preferiam transformar-se em vendedores de livros na rua, ou em motoristas de táxi do que em «colaboradores».

Outros, depois de algumas hesitações, fizeram uma escolha diferente, e alguns deles encontraram maneira de cultivar uma certa diferença, feita de uma sábia mistura de complacência e audácia. A cabeça pensante do actual governo, Rakowski é um antigo chefe de redacção liberal, enquanto que os discursos do general Jaruzelski são escritos por um antigo correspondente em Washington e que o célebre porta-voz do governo, Urban, deixa a sua caneta enferrujar-se, prosseguindo a sua vindicta sob pseudónimos transparentes.

Os que seguem este caminho consolam-se pensando que não perderam tudo. Resta, na imprensa polaca de 1985, pelo menos um pequeno traço dos «conhecimentos» de 1980-1981: estes pontos de suspensão seguidos de uma referência a determinado decreto oficial devido aos quais certos jornais «independentes» se obstinam a assinalar as ingerências da censura. Ter o direito de lembrar ao leitor que a censura existe, já é qualquer coisa. Qualquer coisa quase inimaginável noutro país socialista, porque é, de facto, a negação de todo o sistema.

JEAN PLANCHAIS

MUDANÇA

Radicais: a equação liberal-literária

Quando o colóquio radical do passado dia 8 teve lugar no Hotel Roma, trazendo a Portugal o dirigente carismático do Partido Radical de Itália, o controverso e irreverente Marco Pannella, as coisas passaram a tomar um outro ritmo e a vontade de convergência e encontro de todos aqueles que intentam reinventar o político e construir espaços de emancipação e diferença nesta sociedade tornou-se mais decidida. Foi assim que se propôs a realização de um forum radical que reunisse as pessoas que de algum modo se entusiasmaram com a iniciativa dos Amigos da Terra, a organização ecologista que veio repor entre nós a questão do radicalismo, adormecida desde pelo menos o marco que foi o «dossier» radical publicado em 80 e 81 na extinta revista «Raiz e Utopia».
Nessa linha de acontecimentos quisemos juntar o dirigente dos Amigos da Terra que dinamizou o colóquio e está a investir na efectivação do Forum, António Eloy, e o autor do tal «dossier», Mário Baptista Coelho. Dois radicais portugueses. A matriz do que pensam reside naquilo a que o autor da presente entrevista chamou de «equação liberal-libertária», quando de uma conversa com Miguel Serras Pereira e João Carlos Espada nestas páginas publicada. Este trabalho será pois como que um prosseguimento dessas problemáticas.

António Eloy

Mário Baptista Coelho

Fotos Francisco Paraíso

RUI EDUARDO PAES

Rui Eduardo Paes — António Eloy, como é que um ecologista nos vem falar de radicalismo?

António Eloy — «Não gosto do rótulo ecologista. Sinto-me muito mais radical do que ecologista. A ecologia é uma aproximação limitada. Repara que este colóquio não foi de modo algum um encontro de pessoas vindas de lugares diferentes. Foi o resultado de uma convergência feita pelos Amigos da Terra e pela minha própria trajectória individual para com o radicalismo, aliás à semelhança dos Amigos da Terra italianos, que aderiram ao Partido Radical.

Há em Portugal um trabalho importante a fazer a nível ecológico, de conservação, contra determinados malefícios do sistema industrial, mas acho que continua a faltar uma aproximação política diversa que consiga convergir pessoas e grupos em campanhas com objectivos claros, concretos e imeediatos, de modo a que não se transponham para um futuro mirífico. Ora, esse é o modo de aproximação radical...»

Mário Baptista Coelho — «Por outras palavras: o que os radicais fazem é a construção da utopia no presente, uma utopia que é assim vigiada pelos parâmetros da vivência, ou seja, uma contra-utopia.»

António Eloy — «A ecologia, o ambiente, é uma temática radical que diz respeito à gestão do território, melhor, à autogestão do território pelos cidadãos, no sentido de não se destruírem os valores fundamentais da vida.»

Rui Eduardo Paes — «Como encaram vocês o radicalismo?»

Mário Baptista Coelho — «O Sartre dizia que o radicalismo é a **intenção**. É não tanto no projecto em si, ou no agir, mas na intenção que está o radicalismo.»

António Eloy — «O ser radical é um modo de estar, de viver, de sentir e é sobretudo uma aproximação a esta realidade. O radicalismo está a transformar a noção do político, na mesma medida em que está a transformar a política fazendo com que deixe de ser uma mera questão de poder, de conquista de poder. Está a pô-la a correr, a circular, a fluir. Ora, uma aproximação diversa ao político está em privilegiar o papel do eu, do indivíduo.

Subjectividade

Mário Baptosta Coelho — «Para se fazer uma soma, uma soma de indivíduos, individualmente aceites, respeitados e assumidos, de modo a que não aconteça a adoração autocontemplativa, o sectarismo, o culto da subcultura: o grupelho feminista, o grupelho homossexual, o grupelho ecologista fechados sobre si mesmos não levam a nada. A solução é federativa, mas com o repúdio total da síntese.»

António Eloy — «Tudo liga com tudo, mas há que preservar e espaço de autonomia e de diferença, há que não se abafar a identidade específica.»

Mário Baptista Coelho — «A única hipótese que existe contra a unidimensionalidade do indivíduo na sociedade contemporânea e contra a homogeneização crescente dos estratos sociais, sob pena de se cair na massificação e num autêntico saco de batatas, é a de se criarem, indentificando-se e assumindo-se, particularidades individualizantes, em termos de vivência pessoais, ou seja, em termos temáticos. E é aí que entra o radicalismo. Ninguém quer ser uma batata num saco de batatas, ninguém quer ser um tomate quadrado, para caber na embalagem: é precisa a diferença. As novas identificações surgem de um eu que sente, que pensa, que vive. E nem o eu é unívoco: o eu é o assumir da contradição. Eu defendo as minhas contradições com unhas e dentes, não quero ser a síntese de mim próprio.»

Rui Eduardo Paes — «E é aí que entram as temáticas radicais, os chamados 'sujeitos sociais emergentes'... naquilo que me parece decorrer de uma postura liberal.»

Mário Baptista Coelho — «É a matriz liberal do Partido Radical de Itália que permite a congregação de grupos extremamente díspares, desde ecologistas a ex-marxistas-leninistas, grupos de homossexuais, grupos de base de todo o tipo, passando pelos antinucleares, pelos velhos liberais, passando pelos defensores acérrimos dos direitos humanos, passando pelo movimento feminista, pela defesa do consumidor.»

António Eloy — «São uma autêntica constelação os sujeitos emergentes que constituem muitas das temáticas com que funciona o movimento radical, vindos da base, do corpo da sociedade.»

Mário Baptista Coelho — «Estes grupos estão organizados autonomamente e estão federados no Partido Radical Italiano. E podemos falar do Partido Radical Italiano como um modelo do radicalismo pelas razões históricas que lhe estão inerentes. Talvez a Itália seja o único caso em que uma família liberal se vem depois encontrar com o refluxo da extrema-esquerda. Mas há outros exemplos: no liberalismo inglês não é de estranhar existirem grupos minoritários de cariz ecologista e levemente radical. Na Espanha, uma das forças confluentes do Partido Reformista Democrático, um partido centrista, defende posições claramente de radicalismo social, como p. ex. sobre o aborto e a despenalização das drogas leves, a par embora de um liberalismo económico mais clássico. Excepção já será a França, onde a maioria do radicalismo é conservadora, mesmo quando se diz de esquerda.»

António Eloy — «Posso acrescentar outros exemplos: é o caso de um sector à esquerda do Partido Liberal alemão, que tem posições verdadeiramente radicais, com a realização de campanhas regulares, o do Partido Radical da Bélgica, que anda a reivindicar o alargamento do conceito de objecção de consciência, com o recurso mesmo à greve da fome. Na França os Amigos da Terra aproximaram-se das temáticas radicais, e vimos os casos pessoais de um Sartre, que se aproximou das posições do Partido Radical italiano no fim da sua vida, e de Aurelio Peccei, presidente do Clube de Roma, que deixou na sua morte um testamento verdadeiramente radical, com a proposta de realização do Forum Humano.»

Rui Eduardo Paes — «Mário: tu falaste há pouco do encontro com o refluxo da extrema-esquerda. Concretizavas isso?»

Não-violência

Mário Baptista Coelho — «Se cá em Portugal o aparecimento do radicalismo está a ser diacrónico, sucedendo ao declínio da extrema-esquerda, na Itália o processo foi sincrónico: a problemática radical já existia quando a extrema-esquerda começou, felizmente, a desagregar-se. Assim, a morte das ideologias marxistas-leninistas confluiu com as temáticas radicais, o que até fez com que o Partido Radical tivesse sido bóia para muitos náufragos. E, principalmente, porque o desaparecimento da extrema-esquerda em Itália coincidiu com o apogeu da violência armada e das Brigadas Vermelhas, de modo que para milhares e milhares de jovens e menos jovens italianos se pôs abruptamente a alternativa de aceitarem a via armada ou pactuarem com o Estado na repressão dos seus antigos companheiros. Uma situação, portanto, diferente da de Portugal, onde, no entanto, existe um grande desespero intelectual, existencial, vivencial, da ex-extrema-esquerda. Essas pessoas ou vão para os partidos da esquerda tradicional ou acontece a atomização absoluta.»

Rui Eduardo Paes — «Passemos agora à posição não-violenta do radicalismo...»

António Eloy — «O Gandhi dizia que a não-violência não é uma cobardia, antes pelo contrário, é a coragem de se defender uma posição. E neste caso Marco Pannella é um exemplo por excelência, pois é um personagem conflitual e não hesita em ir para o confronto. A não-violência não é passividade, é precisamente o oposto disso.

É a participação não-violenta que leva ao antimilitarismo e ao conceito de desarmamento unilateral. O nosso comportamento não-violento recusa qualquer participação em estruturas que sejam impositivas de violência, como o corpo militar, e demarca-se de outras instituições totais, como as prisões e hospitais psiquiátricos. A acção social e política não-violenta é uma acção radical. Em relação ao conceito de desarmamento unilateral é preciso dizer que a nossa recusa da violência implica também a recusa de nós próprios exercermos a violência, ou seja, nós desarmamo-nos, e é evidente que se cria assim uma situação de ruptura, pela aproximação que consiste em estender a mão.»

Mário Baptista Coelho — «A não-violência como valor em si implica como corolário que quem a assuma se defenda, e essa defesa consiste em impossibilitar a outra parte de exercer sobre si a violência. A frase dos Verdes alemães, 'antes vermelho que morto', é um absurdo. Essa é uma atitude extremamente passiva, fatalista, quase mórbida, que eu repudio na sua totalidade. Eu não quero ser nem reprimido nem morto, e o diabo que escolha.»

Rui Eduardo Paes — «O Mário já falou da matriz liberal do radicalismo. Mas ele também tem um forte legado libertário. E o radicalismo é precisamente a equação desses dois vectores...»

Liberais e libertários

António Eloy — «A questão liberal-libertária é uma das facetas mais interessantes do radicalismo. Por um lado o espírito de total independência do indivíduo, sendo o indivíduo a essência do posicionamento libertário. Por outro, o poder de eu fazer e de os outros também fazerem, que é o liberalismo. A junção dos dois elementos dá-nos a ligação da liberdade do indivíduo com a gestão do social. E para gerir o social nada melhor do que as ideias democ-liberais, que constituem o único espaço onde eu, libertário, me posso juntar para me identificar com a esfera social. A ideia liberal-libertária é convergência e ultrapassagem dos conceitos liberal e libertário clássicos, rompendo, inclusive, com as noções fundamentais de uma e outra. A aproximação das duas ideias é a não-violência, que permite organizar de um modo diverso o discurso libertário com na construção política liber »

Mário Baptista Coelho — «Fazendo um encadeamento histórico: o anarco-sindicalismo emergiu, entre nós, ante uma ausência total do movimento socialista, que tinha sido sugado pelo rompate do republicanismo a seguir ao Ultimato. Tornou-se pois hegemónico no seio da classe operária, tendo sido por uma ruptura, pela direita, do anarco-sindicalismo, que surgiu o marxismo leninismo português e o Partido Comunista. Daí vem uma consequência que marca o nosso presente: o anarcosindicalismo aqui em Portugal, como em toda a Península Ibérica e inclusive na Itália, surgiu como resposta ao constante adiar de uma reforma e foi por isso como que um messianismo, à Thomas Müntzer, com uma carga religiosa fortíssima. Tal carga necessariamente que se transferiu ao PC. Ora, essa memória colectiva messiânica, utópica e consequentemente totalitária paira sobre a esquerda portuguesa, visto que o PC foi o germe donde proveio em grande parte. O radicalismo posiciona-se num espaço diferenciado deste, mas como única aproximação política laica, o liberalismo, morreu em fins do século passado, havendo praticamente a inexistência de uma tradição liberal no nosso país, precisamos de reinventar toda esta linha, distanciando-se da religiosidade difusa, impalpável, que existe nos comportamentos e nos sentires políticos entre nós, determinando o organicismo do político e a democracia orgânica que é a nossa.

Há uma diferença abissal de matrizes entre a liberal libertária e a fundamentalista e religiosa. Uma e outra são inconciliáveis, o que não quer dizer que na matriz liberal libertária não possa existir o elemento religioso, mas unicamente como componente que se insira no cimento liberal libertário. Está inclusive na natureza da ideia liberal libertária a confluência de vários componentes, já que é fluída, magmática, de modo algum rígida. O MAD, que até tem perspectivas que eu pontualmente compartilho, é um exemplo desse fundamentalismo que não corresponde ao percurso liberal libertário.»

António Eloy — «O que também nos distingue do MAD, enquanto radicais, é que nos concebemos um basismo social e eles um basismo político, sendo este o aproveitamento político, ideológico, do que é o basismo social...»

Mário Baptista Coelho — «É a sua estruturação orgânica...»

Rui Eduardo Paes — «Falemos, para terminar, da questão do Estado e do que parece ser um dos princípios fundamentais do radicalismo, o federalismo.»

Estado, federalismo, democraria representativa

Mário Baptista Coelho — «No radicalismo a questão do Estado já não está em causa. O Estado pode ser extremamente útil e é-o de facto. É **este** Estado mesmo, que poderá ter conteúdos diversificados. Eu não defendo que o melhor Estado seja o menos Estado possível, acho que ele tem hoje em dia uma função, que é a de velar pela autonomia individual. Já não de velar pela segurança, mas pela autonomia de que vai decorrer a segurança.»

António Eloy — «O Estado daria eficácia pela sua capacidade de execução, à autonomia. E isto é fundamental: a autonomia precisa de eficácia...»

Mário Baptista Coelho — «Não é libertário um Estado que para não ser intervencionista não interfere para que os salários seja pagos. Não se pode pôr

Continua na pag. 8

A V

«O que é um crime? o afirmam. Mas . . . ela, um acto violent Flores, 32 anos, nat universitária, ex-fun criminal da Polícia J de furtos qualificado Autor de argumentos assina dois livros: « Criminalidade Femi Actor de televisão e gostar de ser vadio, q vida mas não fez nu

MARIA EMÍLIA COR

— Podes falar de ti?

— Sou um peregrino em gime de licença ilimitada. Es apaixonado por esta cida Lisboa. Amo as pessoas quem Fernão Lopes cham «os ventres do sol», o p humilde, desapossado). N no Sul. Aprendi a brincar olivais. Identifico-me com homens que o poeta Manue Fonseca retrata. Numa so dade como a nossa, a pas largos para a esquizofrenia lectiva, os valores vão a ca nho de se perderem. Lembr que é típico do folclore ale jano: os coros, a cadência, homens abraçados, a solida dade.

De Lisboa o que digo é qu Praça da Ribeira é a sua vag Consumimo-la em orgasmos cacau. Ali se misturam hom sexuais, prostitutas, alcovi ras, polícias, chulos, deputa e muitas flores. Quase toda madrugadas lá apareço. Na beira, no Intendente, nas ca de fado (que não turísticas) sinto-me um poeta. Não se sou romântico, as pala foram gastas, as frases: fa amor é um bom exemplo. É u expressão que me agride, palavrão. O amor não se faz momento preciso a que tod gente se refere. Isso é se funcionário do corpo. O a está a fazer-se sempre e é extraordinário quanto beijar bebé recém-nascido ou ir ao neral dum grande amigo.

O fascínio

— Linguagem de mar -branca para um ex-agente?

— A cidade está sitiada p homens sem sonhos. Com q podem sonhar? Quem resolv sua fome? Há enxergas com 9 pessoas: os pontapés do so não deixam ninguém sonhar. mulher que chega à Musgue ou ao Casal Ventoso cansa das pensões da Baixa de Lisb com que pode sonhar? Eles de conhecem o poema de Gedeã algo de muito diferente lhes manda a vida, já se perdeu qu tudo. Como a Marguerite Du eu posso perguntar: «Será q isto terá de ser sempre assim Terá de haver todos os dias trangulamentos? Temos obrig ção de pensar em transform ções. Não foi na Polícia q descobri estas coisas, já as nhecia antes. Sou um filho noite, tal como os margina Não posso estar contra el Optam por viver do que a no lhes dá, dos furtos, dos crime Estão a coberto, a noite não denuncia. É a mesma noite q Jorge de Sena apreciava, p seando-se: é a noite das bebed ras do Fernando Pessoa. É mãe. Linearmente, o margina um indivíduo que não se integ ou recusa os valores e a orde instituída. Os poetas e outr

A

ia

vem uma consequência que marca o nosso presente: o anarcosindicalismo aqui em Portugal, como em toda a Península Ibérica e inclusive na Itália, surgiu como resposta ao constante adiar de uma reforma e foi por isso como que um messianismo, à Thomas Müntzer, com uma carga religiosa fortíssima. Tal carga necessariamente que se transferiu ao PC. Ora, essa memória colectiva messiânica, utópica e consequentemente totalitária paira sobre a esquerda portuguesa, visto que o PC foi o germe donde proveio em grande parte. O radicalismo posiciona-se num espaço diferenciado deste, mas como única aproximação política laica, o liberalismo, morreu em fins do século passado, havendo praticamente a inexistência de uma tradição liberal no nosso país, precisamos de reinventar toda esta linha, distanciando-se da religiosidade difusa, impalpável, que existe nos comportamentos e nos sentires políticos entre nós, determinando o organicismo do político e a democracia orgânica que é a nossa.

Há uma diferença abissal de matrizes entre a liberal libertária e a fundamentalista e religiosa. Uma e outra são inconciliáveis, o que não quer dizer que na matriz liberal libertária não possa existir o elemento religioso, mas unicamente como componente que se insira no cimento liberal libertário. Está inclusive na natureza da ideia liberal libertária a confluência de vários componentes, já que é fluída, magmática, de modo algum rígida. O MAD, que até tem perspectivas que eu pontualmente compartilho, é um exemplo desse fundamentalismo que não corresponde ao percurso liberal libertário.»

António Eloy — «O que também nos distingue do MAD, enquanto radicais, é que nos concebemos um basismo social e eles um basismo político, sendo este o aproveitamento político, ideológico, do que é o basismo social...»

Mário Baptista Coelho — «É a sua estruturação orgânica...»

Rui Eduardo Paes — «Falemos, para terminar, da questão do Estado e do que parece ser um dos princípios fundamentais do radicalismo, o federalismo.»

Estado, federalismo, democraria representativa

Mário Baptista Coelho — «No radicalismo a questão do Estado já não está em causa. O Estado pode ser extremamente útil e é-o de facto. É **este** Estado mesmo, que poderá ter conteúdos diversificados. Eu não defendo que o melhor Estado seja o menos Estado possível, acho que ele tem hoje em dia uma função, que é a de velar pela autonomia individual. Já não de velar pela segurança, mas pela autonomia de que vai decorrer a segurança.»

António Eloy — «O Estado daria eficácia pela sua capacidade de execução, à autonomia. E isto é fundamental: a autonomia precisa de eficácia...»

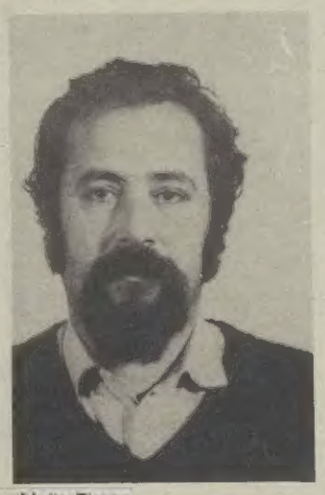
Mário Baptista Coelho — «Não é libertário um Estado que para não ser intervencionista não interfere para que os salários seja pagos. Não se pode pôr

Continua na pág. 8

A V E N T U R A S

Murar o crime

«O que é um crime? — É uma acto violento, todos o afirmam. Mas... a prisão? Não será, também ela, um acto violento?» — pergunta-nos Moita Flores, 32 anos, natural de Moura, formação universitária, ex-funcionário de investigação criminal da Polícia Judiciária portuguesa (secção de furtos qualificados e assaltos à mão armada). Autor de argumentos para filmes de teor policial, assina dois livros: «Histórias e Factos da Criminalidade Feminina» e «Palavras de Vento». Actor de televisão e homem que «passou fome por gostar de ser vadio, que andou sempre ao arrepio da vida mas não fez nunca marcha atrás».



Moita Flores

MARIA EMÍLIA CORREIA

— Podes falar de ti?

— Sou um peregrino em regime de licença ilimitada. Estou apaixonado por esta cidade, Lisboa. Amo as pessoas (a quem Fernão Lopes chamava «os ventres do sol», o povo humilde, desapossado). Nasci no Sul. Aprendi a brincar nos olivais. Identifico-me com os homens que o poeta Manuel da Fonseca retrata. Numa sociedade como a nossa, a passos largos para a esquizofrenia colectiva, os valores vão a caminho de se perderem. Lembro o que é típico do folclore alentejano: os coros, a cadência, os homens abraçados, a solidariedade.

De Lisboa o que digo é que a Praça da Ribeira é a sua vagina. Consumimo-la em orgasmos de cacau. Ali se misturam homossexuais, prostitutas, alcoviteiras, polícias, chulos, deputados e muitas flores. Quase todas as madrugadas lá apareço. Na Ribeira, no Intendente, nas casas de fado (que não turísticas) eu sinto-me um poeta. Não sei se sou romântico, as palavras foram gastas, as frases: fazer amor é um bom exemplo. É uma expressão que me agride, um palavrão. O amor não se faz no momento preciso a que toda a gente se refere. Isso é ser-se funcionário do corpo. O amor está a fazer-se sempre e é tão extraordinário quanto beijar um bebé recém-nascido ou ir ao funeral dum grande amigo.

O fascínio

— Linguagem de maria-branca para um ex-agente?

— A cidade está sitiada por homens sem sonhos. Com que podem sonhar? Quem resolve a sua fome? Há enxergas com 8 e 9 pessoas: os pontapés do sono não deixam ninguém sonhar. A mulher que chega à Musgueira ou ao Casal Ventoso cansada das pensões da Baixa de Lisboa com que pode sonhar? Eles desconhecem o poema de Gedeão, algo de muito diferente lhes comanda a vida, já se perdeu quase tudo. Como a Marguerite Duras eu posso perguntar: «Será que isto terá de ser sempre assim?» Terá de haver todos os dias estrangulamentos? Temos obrigação de pensar em transformações. Não foi na Polícia que descobri estas coisas, já as conhecia antes. Sou um filho da noite, tal como os marginais. Não posso estar contra eles. Optam por viver do que a noite lhes dá, dos furtos, dos crimes. Estão a coberto, a noite não os denuncia. É a mesma noite que Jorge de Sena apreciava, passeando-se: é a noite das bebedeiras do Fernando Pessoa. É a mãe. Linearmente, o marginal é um indivíduo que não se integra ou recusa os valores e a ordem instituída. Os poetas e outros sublimaram as suas tendências. Hemingway, por exemplo. Soeiro Pereira Gomes e Alves Redol viajavam pela noite, clandestinamente, não eram criminosos.

— Uma posição peculiar, mais literária que realista...

— Nada obsta a que um ex-agente da PJ, que é um homem interessado pela análise destes problemas, se sinta identificado com essas pessoas. Não falo de actos negativos ou censuráveis.

— O que são actos negativos ou censuráveis?

— Os que perturbam a quietude, a construção e a sensibilidade que nos pode ligar. Mas posso voltar tudo do avesso: quero ter o direito à tranquilidade de ser um intranquilo, um homem vulnerável, sem levar uma facada na barriga. Eu lidei com gente perigosa, vulgarmente oriunda de Chelas, do Casal Ventoso, da Musgueira, das Galinheiras, das pré-fabricadas da Rotunda do Aeroporto, de Camarate, da Charneca do Lumiar, da Serra da Luz, Vivi com ela as maiores emoções da minha existência.

— Daí o fascínio?

— Sinto-me bem do seu lado. Adorei caminhar por aquela estrada sinuosa, triste e quase ignorada. O mundo criminal está mistificado pelo sensacionalismo de certos profissionais da Imprensa e pelas vivências embotadas das instituições que têm a seu cargo a evolução destes problemas. Eu perguntava-me: porque é que este fulano caiu no charco? Visitava as famílias. As mães ora choravam, ora desejavam que o filho fosse morto. E eu sempre a recordar-me que alguns dos melhores trechos de Cesário Verde e do Ary dos Santos versavam a delinquência.

Perdi alguma coisa com esta profissão, é verdade, mas ganhei uma experiência rica, penso mesmo que única, em termos de conhecimento social e humano. Um juiz julga através dos papéis que lhe entregam. O drama, quando lhe chega, está já formalizado num processo. Daí que a sua avaliação seja muito mais distante e menos emocional. A malta da PJ está onde doem as coisas: nos cafés de bairro, nas vielas, nas barracas.

— E aí prendias tu os meliantes?

— No meu caso tratava-se dum pretexto para os conhecer melhor.

— É anedota? Ou é demagogia?

— É matéria de facto, matéria de crime. Tratava-se da minha militância no mundo da violência. Não acredito nas prisões como hipóteses de reabilitação, reinserções, reintegração. As prisões têm um grande defeito e uma particularidade: defeito — não resolve nenhum dos problemas que para lá foi transportado; particularidade — é atrás dos seus muros que escondemos os motivos da nossa vergonha. Mas um homicida à solta é um homicida à solta. Um violador à solta é um violador à solta. Que se faz? Prendem-se os homens. Mas o homicida continuará homicida e o violador, violador. Vou levar o resto da vida à procura de uma solução. Entretanto bebo uns copos de tinto e escrevo umas pacovices.

— É verdade que a PSP colabora convosco ou falha, como já ouvi?

— Não me quero pronunciar sobre esse assunto. Não conheço.

— Como eram os teus colegas, os agentes?

— Segundo o padre Américo não há rapazes maus. Já das raparigas não dizia o mesmo.

O medo

— O que pode um agente sentir com uma arma empunhada?

— O seu poder prolonga-se. E o primeiro receio é utilizá-la mal.

— Isso parece implicar uma supraconsciência ou uma vigilância que não sei se, em acção, vos é possível.

— Falo por mim. Não tenho qualquer dúvida de que é uma tremenda responsabilidade entregar uma arma seja a quem for. Ela fere ou mata.

— Já a utilizaste?

— Já. Não posso dizer mais.

— Admites que se atire a matar?

— Não. Só em legítima defesa. E a propósito quero lembrar aqui um agente da PJ que está preso por homicídio não voluntário. Fiquei muito chocado com o caso. A vida é assim, quer dizer: um filho da mãe qualquer pode ser enrolado pelo acaso, pela vida, de repente.

— Há momentos de medo?

— Corri perigos, tal como os meus colegas. Mas, para mim, o medo de morrer não era o principal. Era o de se adquirirem doenças do foro psiquiátrico e neurológico pela tensão diária a dum aparelho de repressão estatal?

— É preciso esclarecer o que é hoje a repressão: temos os nossos fantasmas ligados à Polícia Política. Mas a reorganização da P.J. veio modificar a mentalidade dominante ao nível policial. Apareceram brilhantes investigadores do ponto de vista profissional e cultural.

— Novas técnicas?

— Absolutamente. Utiliza-se a psicologia, por exemplo.

— Mais nada?

— Claro que pode haver eventualmente recontros físicos. Mas gostaria de dizer que a repressão não é da responsabilidade da P.J. ou da P.S.P. ou do Exército, mas sim do Estado que fornece os meios necessários para que ela se exerça. Pessoalmente gostaria de encontrar outras respostas para a criminalidade. Não as sei. Mas não me posso demitir de procurar resolver algumas das doenças sociais, coisa que cabe aos professores, aos polícias, aos jornalistas, aos assistentes sociais, aos autarcas. Uma atitude demissionária revela estupidez.

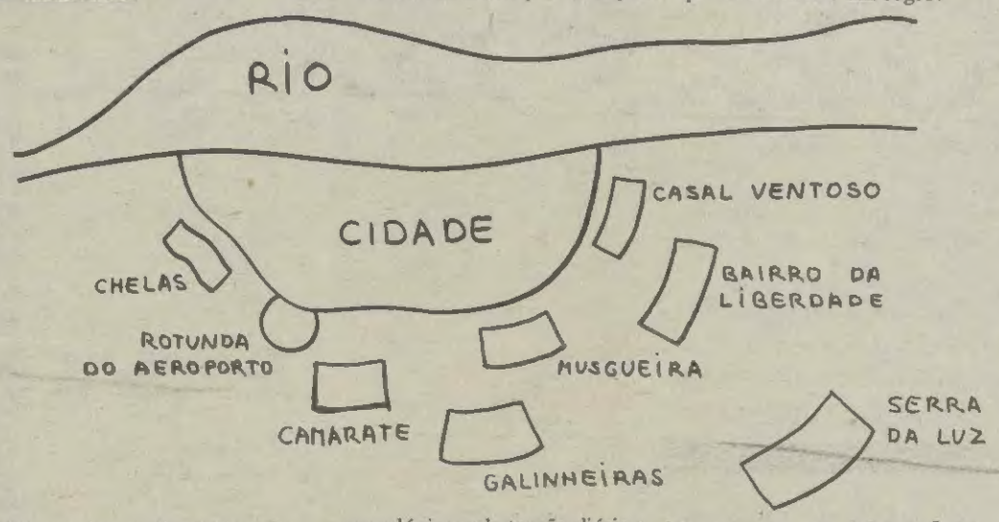
Os heróis

— Donde provêm e quem são os nossos delinquentes?

— A maioria são rapazes entre os 17 e os 22 anos (isto no âmbito do furto e dos estupefacientes). Reflectem a falta de saídas profissionais, o fim da tropa, etc. Juntam-se. Vivem em aglomerados sem quaisquer condições. Nestes bairros a ideologia dominante é a da violência. Para as crianças que lá nascem e ficam, os heróis são os presos, sobretudo os mais procurados. O esqueleto da sua formação tem por padrões o alcoolismo, o roubo, a prostituição. O desvio à ordem é o hábito. A protecção é uma regra de ouro. Daqui a frase: «a um polícia nem as horas certas se diz.»

— Quais os seus problemas mais prementes?

— Os do emprego. A sociedade esquece o bem mas não esquece o mal. Um ex-presidiário é rejeitado, não porque a lei o consigne mas porque a mentalidade dos empresários assim o dita. Ora uma grande parte destes homens são casados e têm filhos. Os mais jovens vivem com prostitutas ou companheiras. O índice de promiscuidade nos bairros de lata é elevadíssimo. É preciso desmistificar a ideia pseudo-moralista e oportunista de que muitos destes indivíduos possuem casas ou apartamentos luxuosos, carros caros e que preferem habitar nas barracas. Um velho televisor todos o podem comprar, mas pegar na excepção para confirmar uma regra que não existe é um logro.



O Conde de Abranhos

Há estudos que apontam para saídas.

— Sim, há. E eu acredito na reconversão das mentalidades. Mas repare-se que até hoje nenhum país do mundo resolveu o problema da delinquência. O Poder gera a violência e os homens que o detêm convencem-se da sua superioridade não passando dum bando de mentecaptos.

— Também eles delinquentes?

— Venha o diabo e que o diga. Não quero discutir o Poder, fico nervoso. É o meu Alcácer-Quibir. Não acredito na capacidade salvadora de qualquer ministro adoque nomeado até à próxima crise do próximo partido. Os tachistas não estão lá apenas para defender o seu tacho. Passeiam as suas gravatas com que abrem todas as portas, as barrigas estão cheias de whisky, são pedantes e convencidos que a verdade não lhes escapa das mãos. São apenas farisaicos. Para eles a Terra ainda não é redonda. Os políticos de 85 são os descendentes dinásticos do mesmo bando de atrasados mentais que atirou com Camões e com Bocage para a cela. E por falar em poetas porque é que não ocupam um pouco do seu tempo de antena com uma estrofe de Botto, para intervalar tanta burrice? Os nossos responsáveis políticos investem muito no esforço propangandístico e burocrático. Mas não investem nas suas promessas que não passam de salmos, isto é, servem para ser cantados. Se eu tivesse um décimo da capacidade criativa de Eça de Queirós, eu reescreveria, porque esta é a altura, «O Conde de Abranhos».

A prevenção

— Que signfica a tua contundência?

— Cansaço. Desespero. Ao Estado deviam pôr-se as tarefas que assentam na prevenção. Não se trata de colocar um polícia em cada esquina. É uma fórmula que pode obstar à prática dum crime ali defronte mas não obsta a que o delinquente crie a convicção de que deve cometer o crime.

O que é preciso é atacar no momento preciso. Porque é que nas escolas há alcoolismo e há droga? Serão as crianças de 13 e 14 anos marginais? Ou será que até a própria escola lhes é estranha recebendo-os não como filhos mas como enjeitados? Estarão as escolas adaptadas à resolução dos problemas reais de cada zona?

Os termos

— Que diferenças há entre os termos: delinquente, marginal e criminoso?

— O termo «marginal» é para mim mais complacente: é o homem que recusa, não aceita ou vive fora do que é estabelecido como correcto. São os chamados dessocializados. Mas há intelectuais que também são marginais, de um modo muito diferente, é óbvio, não falo dos manjericos do poder ou dos escribas de serviços. Há poetas, músicos, pintores à margem dos valores da sociedade consumista. Nos países em que a **cannabis** está despenalizada, os seus consumidores vivem uma vida marginal mas não são «criminosos.» A «delinquência» é um fenómeno em si. O «criminoso» é o agente desse fenómeno.

Pequeno delito

— Num dos seus livros sobre criminologia, Daniel Lagache afirma: «a população é, virtual ou realmente, talvez psicologicamente, mais criminosa do que somos levados a supor.» Estás de acordo?

— Sim. Em termos de análise criminológica há dois grandes campos: o do real e o do aparente. Ao desfasamento entre eles chama-se a «zona negra» ou «cifra negra», que é a parte da criminalidade que não vem ao conhecimento da Polícia e dos tribunais. Mesmo a real, a que conhecemos, é apenas a ponta do «iceberg».

Aliás, quem é que não cometeu já o seu pequeno delito?

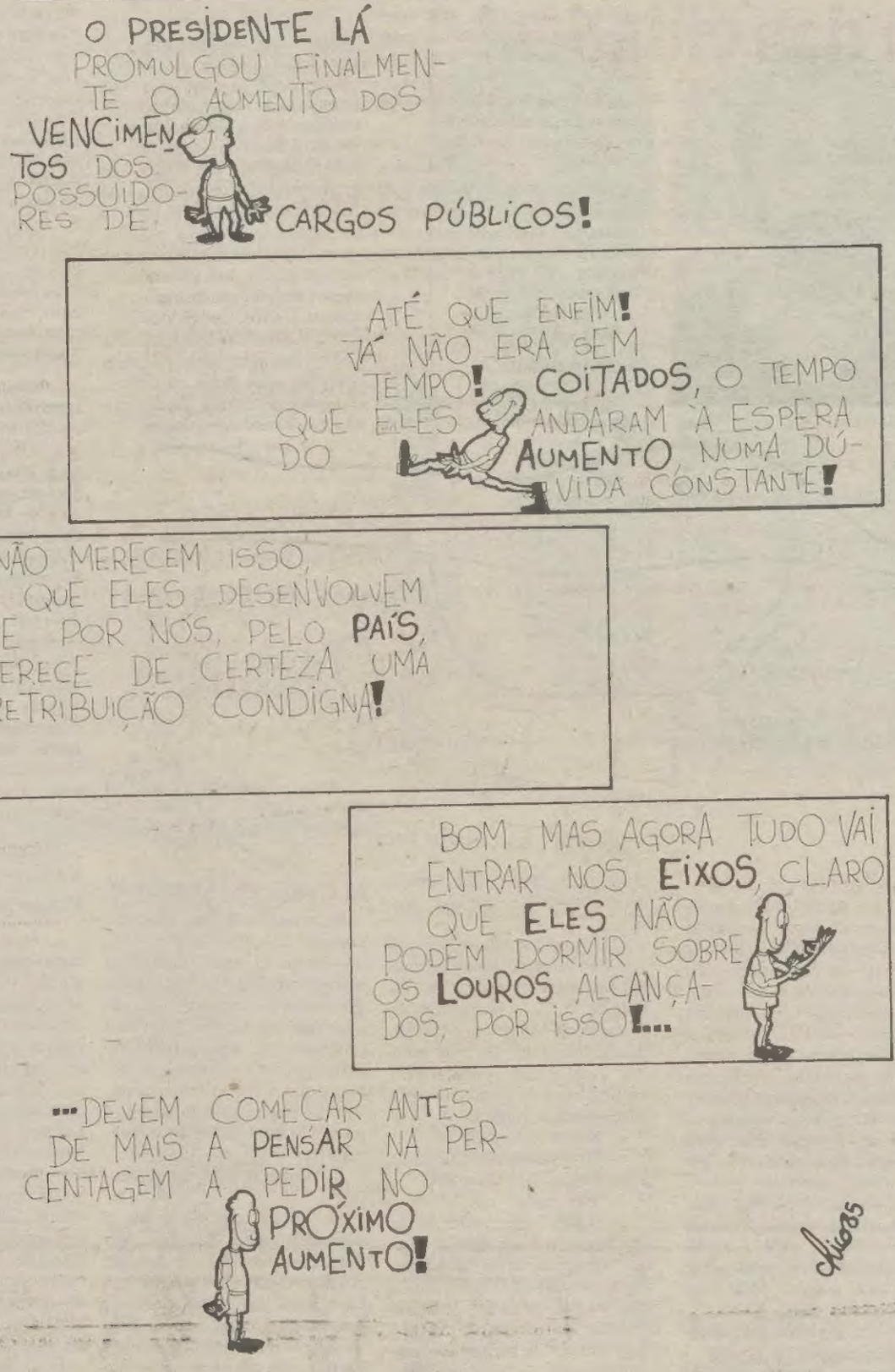
Estás atrasada, são sete e meia da manhã, entrás no emprego às oito, há um engarrafamento, insultas o motorista do lado que não manobra convenientemente: cometes um crime de injúria. No hotel metes ao bolso um pequeno cinzeiro: cometes um crime de furto. E há os grandes: os tubarões, as colocações de certas personalidades em áreas vitais de decisão. São crimes que passam impunes, mas são crimes. Nós temos uma justiça injusta. A valoração dos efeitos penais dum crime é, na maior parte dos casos, desequilibada.

A pirâmide

— Durkheim afirmou: «Classificar o crime entre os fenómenos de sociologia normal não é somente dizer que se trata de um fenómeno inevitável, embora lamentavel, devido à incorrigível maldade dos homens,... é afirmar também que ele é um factor de saúde pública, uma parte íntegrante de toda a sociedade sã.» Podes comentar?

— É um pensamento sinuoso ou subtil mas o que é isso da «inconfundível maldade dos homens»? O problema é mais vasto e, quanto a mim, tem a ver com a forma como está construída a pirâmide social e com a eterna injustiça do Poder. ■

doces crónicas



Radicais e sua equação

Continuação da pág 6

num altar a não intervenção do Estado, é preciso é que a sociedade civil assuma um seu agir próprio, uma sua dinâmica própria, sem se identificar com o Estado. A identificação entre sociedade e Estado tem efeitos historicamente terríficos. O ideal seria um Estado que fosse perfeitamente instrumental, em que a sociedade fosse o todo e o Estado uma parte, com funções próprias, vigiado a par e passo nas suas atribuições, nas suas finalidades e no seu agir.

Mas isto está articulado com outra questão, a do esvaziamento do Estado-nação, em dois sentidos: para baixo, para o nível das comunidades territoriais, e para cima, em termos de Europa. Creio que uma das grandes batalhas de um futuro próximo será a construção de uma Europa política, e pensar em termos de Europa e pensar numa federação europeia. Federação que não é só entre Estados como também entre regiões, com um mecanismo maleável, dúctil, que possibilite por um lado a intervenção directa dos cidadãos no seu quotidiano, e por outro, de modo paralelo, que haja um enriquecimento múltiplo, ao nível europeu, de culturas diversificadas mas todas elas complementares.»

António Eloy — «A ideia radical de federalismo e de uma Europa política tem, inclusive, muito a ver com o ambiente, com a gestão do território do mais pequeno para o maior, e depois gerido a partir do maior, pois há problemas que não podem ser tratados a partir do pequeno: é o caso p.ex. do vale do Reno, com inúmeras regiões e cinco países para lá convergindo, onde se tem de encontrar uma forma de articulação. A ideia de federalismo, que é perfeitamente libertária, é transnacional e regionalista, articula a organização máxima e a organização mínima, sendo uma forma completamente diferente de gestão política.»

Rui Eduardo Paes — «Isso passa também pela concepção de democracia. Falou-se há pouco de basismo social, o que me faz pedir-lhes para concretizarem qual o modelo de democracia que concebe o radicalismo.»

Mário Baptista Coelho — «Ao contrário da doutrina marxista-leninista, ou da marxista mais ortodoxa, o radicalismo revaloriza a democracia representativa. Para os radicais não interessa que a democracia seja ou não burguesa, ela é a democracia, e o que há a fazer é que seja cada vez mais democrática, é preciso abri-la, rebentar-lhe com as costuras, levá-la à últimas consequências.»

António Eley — «A representação não se esgota no domínio dos partidos, existem outras e diversas formas de expressão democrática que podem ser agregadas e participar no modo de gestão do social. A democracia representativa tem de se alargar a um conceito mais amplo. A representação tem que estar cada vez mais próxima das pessoas.

Forum Radical

Rui Eduardo Paes — «António: quanto ao Forum Radical?»

António Eloy — «O Forum Radical vai para a frente. Há hoje uma sofreguidão das pessoas por qualquer coisa de diferente nesta nossa vida narcotizada. Irá até ao Verão realizar-se um encontro de pessoas como a aproximações diversas à vida e ao estar aqui e daí poderá surgir qualquer coisa, que pode ser uma campanha, pode ser uma reflexão, ou até pode não surgir nada, pois as coisas não se fazem para que delas surjam necessariamente outras. Poderá ser uma festa, onde as pessoas se encontram e se conhecem, onde aconteçam convergências e divergências. ■

sete sete

MENSAGENS PESSOAIS

Figurantes precisam-se

Preferência 3.ª idade. Enviar fotos cores, corpo inteiro mais informações (línguas, experiênica, desportos) dados físicos, etc.) Urgente. — Produções do SUDOESTE — Rua Padre Francisco, 18-R/C Dt.º — 1300 LISBOA

Grupo de humoristas portugueses

Vamos organizar uma publicação própria. Jornais só muito raramente aceitam trabalhos, mesmo gratuitos. Temos de contribuir com 500$/1000$ por número, para ter essa satisfação. Respondam para combinar. Rogério Gonçalves, R. de Rosa Araújo, 32-1.º — 1200 LISBOA

Receptor Rili

Compro receptor de rádio marca Rili, modelo CL-167 (portátil), em bom estado. A. Araújo.
R. Agostinho de Campos, 4-3.ºDt.º — 1300 LISBOA

Fiat «Uno»

Fiat «Uno» 45 — vermelho. 8 meses — 12 000 km — Vendo. Tel.: 31 68 01 (Depois das 19 h).

Candeeiros antigos

Interessado em adquirir candeeiros e acessórios antigos, de 1850 a 1940, catálogos e documentação do mesmo período. Contactar Tel.: 211 45 97, depois das 20 horas.

Alemão

Oferece-se correspondente, tradutora, intérprete de tradução simultânea, com longa prática. Contactar Tel.: 68 61 03 das 17 às 22 horas.

Calorífico

Calorífico catalítico (gás butano). Marca: «Buta-Therm» X c/2 bilhas B.P., em bom estado, ou troca por termoventilador até «2000 watts» (combinar pelo telefone: 82 06 57).

Cortina GXL 2000

Vendo Cortina GXL 2000, c/engate para rebocar caravana, barco, etc., até 1100 quilos. Bom estado mecânica, sujeito a prova. Próprio a próprio. Tel.: 211 30 16, das 9 às 14 h.

Citroen Ami 6, 1970

Citroen Ami 6, 1970, vendo 60 contos. Tel. 2047818.

Casa de campo em ruínas

Casa de campo em ruínas, no concelho de Arganil, pela melhor oferta. T: 363773 de Lisboa — D.ª Gina.

Jornal da BD

Vendo onze primeiros volumes muito bem encadernados mais três por encadernar, tudo em estado supernovo, por cinco mil escudos (preço das capas e encadernador). Contactar tel. 786072, das 19 às 20 horas.

Baby Sitters

Tomo conta de crianças à noite. Vou a casa. Sou Educadora de Infância. Tel. 660204.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA